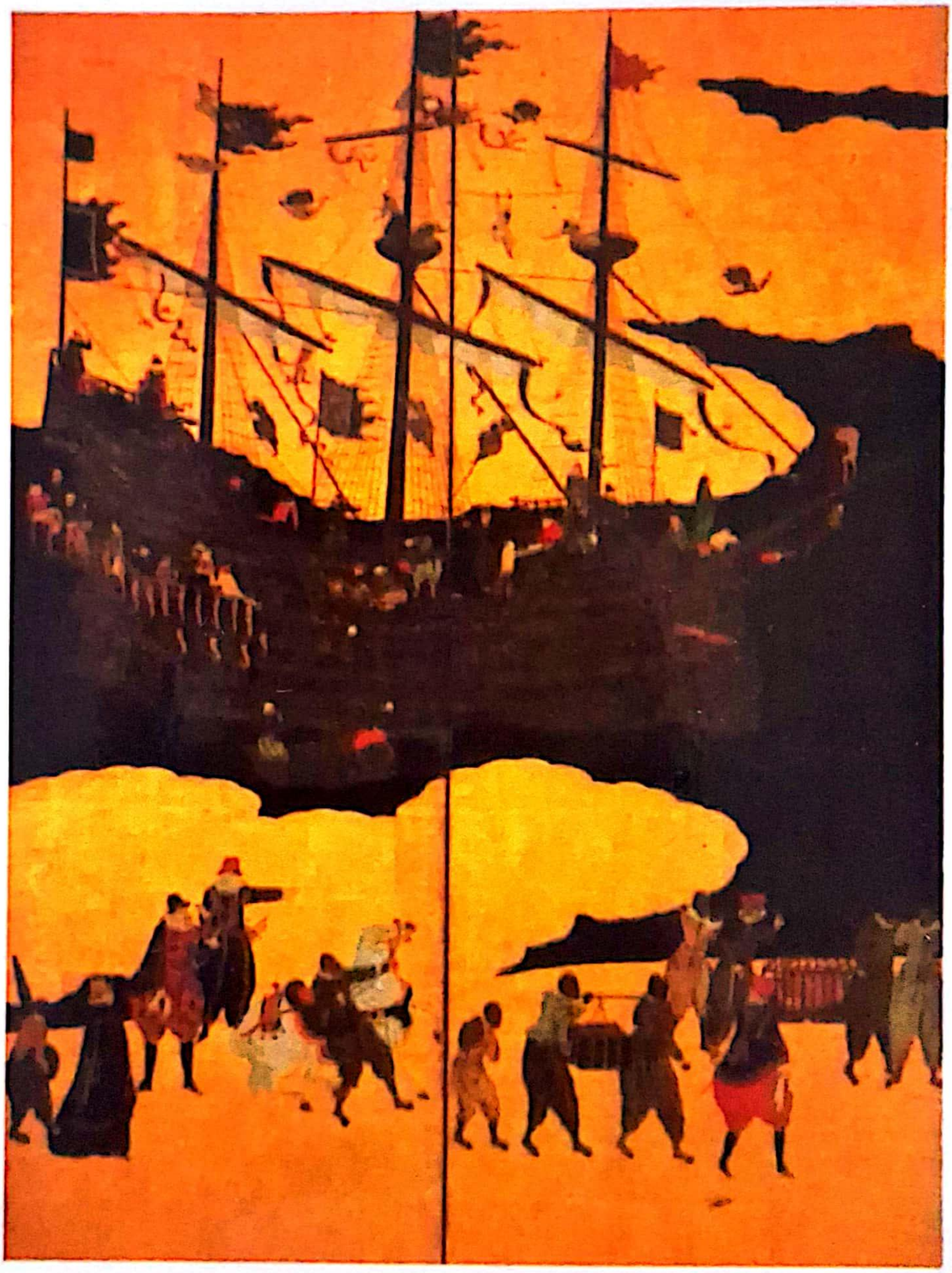
CHOQUE LUSO NO JAPÃO DOS SÉCULOS XVI E XVII



JOSÉ YAMASHIRO

IBRASA
LIVROS QUE CONSTROEM

Choque Luso no Japão do Século Cristão

Os portugueses levaram o Cristianismo, a arma de fogo (espingarda), alguns hábitos e costumes europeus ao Japão nos séculos XVI e XVII. Mais ainda: por intermédio de alguns de seus mais destacados missionários e estudiosos difundiram naquele país do Extremo Oriente, durante o chamado Século Cristão, a concepção européia do mundo e da natureza, essencialmente diferentes da oriental. E os japoneses tomaram conhecimento do que era astronomia, cosmogonia, geografia, medicina, física, enfim as artes e ciências ocidentais da época. Até então, durante um milênio, as idéias dos nipônicos a respeito do universo e da natureza estavam moldadas exclusivamente pelos antigos pensamentos chinês e indiano.
A divulgação da visão ocidental do universo, do racionalismo e empirismo, características da ciência ocidental, feita pelos lusitanos, exerceu forte influência sobre a evolução cultural do velho Yamato.

IBRASA
LIVROS QUE CONSTROEM

Volumes publicados:

1.	*História dos Povos da Língua Inglesa*	Winston Churchill
2.	*A Revolução Russa*	Alan Moorehead
3.	*Memórias de Montgomery*	Mal. Montgomery
4.	*Jornal do Mundo*	Vários
5.	*História das Orgias*	Burgo Partridge
6.	*Os Sonâmbulos*	Arthur Koestler
7.	*A Revolução Francesa*	Georges Lefevre
8.	*As Grandes Guerras da História*	H. Lidell Hart
9.	*Nova Mitologia Clássica*	Mário Meunier
10.	*História dos Gregos*	Indro Montanelli
11.	*História de Roma*	Indro Montanelli
12.	*Hernan Cortez*	S. de Madariaga
13.	*Pequena História da Ciência*	W.C. Dampier
14.	*De Adão à ONU*	René Sédillot
15.	*Rendição Secreta*	Allen Dulles
16.	*A Angústia dos Judeus?*	E.H. Flannery
17.	*Idade Média: Treva ou Luz?*	Indro Montanelli e R. Gervaso
18.	*Itália: Os Séculos Decisivos*	Indro Montanelli e R. Gervaso
19.	*Itália: Os Séculos de Ouro*	Indro Montanelli e R. Gervaso
20.	*Hitler e a Rússia*	Trumbull Higgins
21.	*Síntese Histórica do Livro*	J. Barboza Mello
22.	*Ruínas Célebres*	Herman e Georg Schreiber
23.	*Impérios Soterrados*	Herman e Georg Schreiber
24.	*Romance da Arqueologia*	P.E. Cleator
25.	*Autobiografia de Benjamin Franklin*	Benjamin Franklin
26.	*A Declaração de Independência*	Carl L. Becker
27.	*Hitler: Autodestruição de Uma Personalidade*	H.D. Röhrs
28.	*Israel: Do Sonho à Realidade*	Chaim Weizmann
29.	*A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?*	Norman Cohn
30.	*A Longa Marcha*	Simone de Beauvoir
31.	*De Leste a Oeste*	Arnold Toynbee
32.	*A Manipulação da História no Ensino e Meios de Comunicação*	Marc Ferro
33.	*Japão – Passado e Presente*	José Yamashiro
34.	*História da Cultura Japonesa*	José Yamashiro
35.	*Os Astrônomos Pré-Históricos do Ingá*	Francisco C. Pessoa Faria

Choque Luso

no Japão

dos

Séculos XVI e XVII

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yamashiro, José, 1913-
Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII / José Yamashiro. -- São Paulo : IBRASA, 1989. -- (Biblioteca história, exploração e descobertas ; 36)

1. Japão - História 2. Portugueses - Japão I. Título. II. Série.

89-1367 CDD-952

Índices para catálogo sistemático:

1. Japão : História 952
2. Portugueses no Japão : História 952

JOSÉ YAMASHIRO

CHOQUE LUSO NO JAPÃO DOS SÉCULOS XVI E XVII

IBRASA
INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL LTDA.
SÃO PAULO

Direitos desta edição reservados à

IBRASA
INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL LTDA.
Rua. Treze de Maio, 446 - Bela Vista
01327-000 - São Paulo - SP

Copyright 1989 by
JOSÉ YAMASHIRO

Capa de
CARLOS CÉZAR

Ilustração:
Consulado Geral
do Japão em São Paulo,
Kikuo Furuno,
Jorge Miyashiro

Mapas
Luci Y. Sato, J.
Yamashiro, Miriam Audi

Ilustração da capa:
Fragmento de uma pintura
de Naizen Kanô, mostrando
um galeão português, ancorado
numa enseada, e um grupo de
portugueses e padres jesuítas.

Este livro contou
com o apoio da
Fundação Japão
para sua publicação

Publicado em 2010

Impresso no Brasil – Printed in Brazil

DO MESMO AUTOR

Pequena História do Japão
Edição do autor, São Paulo, 1950.
2ª edição, Editora Herder, São Paulo, 1964.

Jânio (biografia)
Livraria Lima, Porto Alegre, 1961.

Sistema Empresarial do Japão
(resenha do livro *Japan's Managerial System,* de M. Y. Yoshino)
Edição do grupo Halles, São Paulo, 1969.

Japão – Passado e Presente
1ª ed. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.
2ª ed., IBRASA, São Paulo, 1986.

História dos Samurais
Massao Ohno-Roswitha Kempf/Editores, São Paulo, 1982.

2ª ed. Aliança Cultural Brasil-Japão/Massao Ohno Editores, São Paulo, 1987.

História da Cultura Japonesa
IBRASA, São Paulo - 1986

TRADUÇÕES

Yamamoto, a História do Homem que Atacou Pearl Harbor, de Hiroyuki Agawa
Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1966.

Pioneirismo e Cooperativismo – História da Cooperativa Agrícola de Cotia, de Zenpati Ando
Editora "Sociologia e Política", São Paulo, 1961.

Toda Uma Vida no Brasil, de Katsuzo Yamamoto
Massao Ohno, Editor, São Paulo, 1984.

Com Leônidas Gontijo de Carvalho e Breno Silveira:
História da Civilização, de Will Durant, quarta parte, quatro tomos, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1955.

Com Nelson Coelho:
Árvores Irmãs (contos)
Clube do Livro, São Paulo, 1958.

Lendas Antigas do Japão, de Kikuo Furuno
Tóquio, s.d.

Lendas da Ásia Oriental, de Kikuo Furuno, Roswitha Kempf/Editores, São Paulo, 1987.

O Haicai no Brasil, de H. Masuda Goga,
Editora Oriento, São Paulo, 1988.

Maravilhas do Contò Japonês (diversos tradutores, seleção de Antonio Nojiri)
Editora Cultrix, São Paulo, 1962.

EM JAPONÊS:

Burajiru to Nippon (*Brasil e Japão*), contribuição, ao lado de Jandyra Fujimura, Katsunori Wakisaka, Sussumu Miyao e Takashi Maeyama, para o livro Raten-Teki Nipponjin (*Japoneses Latinos*), editado pelo prof. Morio Ono, NHK Books, Tóquio, 1969.

HOMENAGEM

● aos bravos portugueses que
nos séculos XVI e XVII
levaram ao Japão, Brasil
e outras partes do mundo,
a fina flor da cultura ocidental; e

● aos diligentes estudiosos japoneses
que tudo fizeram para aprender, compreender e assimilar
o que havia de mais avançado no
pensamento, ciência e técnica europeus da época,
levados por missionários, navegadores e
comerciantes *nanban* às terras do Extremo Oriente.

A
Aya

SUMÁRIO

Agradecimentos *13*
Notas explicativas *15*
Prefácio (Benedicto Ferri de Barros) *17*

INTRODUÇÃO
PORTUGUESES LANÇARAM A SEMENTE DA CULTURA OCIDENTAL *21*

PARTE I
ANTECEDENTES

Antecedentes *29*
Okinawanos em cena *32*
A atuação dos "wakô" *41*

PARTE II
O SÉCULO CRISTÃO

O impacto português *47*
Francisco Xavier e sua obra *52*
Nobunaga apóia os missionários *57*
Embaixada juvenil *60*
Estudantes no exterior *64*
Revertério na sorte dos cristãos *67*
Final trágico sob os Tokugawa *74*
Apostasia 81

PARTE III
AS VICISSITUDES DO "NANBAN BOÊKI"

A espingarda *("teppô" ou "tanegashima")* *89*
Comércio lucrativo *93*
Nagasaki passa para os jesuítas *100*
Escravos japoneses *101*
Hideyoshi no comércio exterior *104*
Aparecem os espanhóis *106*
Sob o xogunato Tokugawa *109*

PARTE IV
O CHOQUE E DEPOIS

Expansão e recuo 123
Conseqüências do "sakoku" *133*
Legado cultural *140*
Ciência e técnica *150*
Artes *156*
Um elo com o Brasil *161*
Bibliografia *163*

AGRADECIMENTOS

● Ao estimado amigo e mestre Benedicto Ferri de Barros, pela sua valiosa colaboração, procedendo à supervisão do texto final. Suas observações e sugestões enriqueceram e tornaram mais claras e precisas as informações contidas neste pequeno volume. E com o seu generoso Prefácio, valorizou extraordinariamente o modesto trabalho jornalístico, por meio de uma apreciação erudita e inteligente.

● Ao Prof. Dr. Kensuke Tamai, ex-diretor do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo, atualmente na Universidade de Princeton, pela orientação amiga e constante estímulo a este divulgador da história do Japão.

● Às seguintes instituições e pessoas, por haverem me fornecido ou facilitado o acesso a obras de consulta muito importantes na elaboração do livro: Fundação Japão (Escritório de São Paulo), na pessoa do seu diretor Masakatsu Umemiya e seus colaboradores Sae Ikari e Jo Takahashi, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (presidido pelo empresário e escritor Katsuzo Yamamoto), Mitsuhito Saito, Kikuo Furuno, Sussumu Miyao, Katsunori Wakisaka, Hideo Onaga e Augusto Yamazato.

NOTA EXPLICATIVAS

● Ao escrever os livros anteriores sobre a história do Japão, sempre nos intrigou a pouca importância dada, regra geral, pelos historiadores à presença portuguesa na terra das cerejeiras, nos séculos XVI e XVII. Um século de relacionamento contínuo – embora entremeado de sérias dificuldades – mantido pelos missionários e comerciantes lusitanos deveria deixar algo mais do que os registros de sucessos e insucessos das atividades nos dois principais campos de sua atuação. É verdade que o xogunato Tokugawa procurou arrasar todo e qualquer vestígio da presença européia, em particular do Cristianismo. Livros de história diziam que devido à política de isolamento executada com extremo rigor, nada ou quase nada restou dos trabalhos na área cultural realizados principalmente pelos missionários – os intelectuais da época.

● Recentemente, porém, começaram a aparecer alguns trabalhos de pesquisa histórica, revelando a contribuição efetiva que tiveram alguns homens de ciência lusos na semeadura da cultura ocidental no velho Yamato. Esse fato nos animou a escrever este pequeno volume, na qual a atuação de missionários, navegadores e comerciantes é exposta, em suas linhas gerais, de modo perfunctório. Nosso maior objetivo consistiu em salientar a abertura de novas perspectivas na história da contribuição portuguesa à evolução cultural

do Japão pré-moderno. E mostrar que os lusitanos contribuíram muito mais do que se acreditava anteriormente à evolução modernizadora da terra dos samurais.

● Ao grafar palavras japonesas em nosso alfabeto, seguimos, em princípio, o sistema Hepburn, mas na impossibilidade de usar o traço indicativo de vogal longa, aqui recorremos ao acento circunflexo.

● Na transliteração de nomes próprios nipônicos, seguimos a ordem ocidental, isto é, primeiro o prenome e depois o nome de família.

PREFÁCIO

"As Armas e os Barões Assinalados,
que da Ocidental Praia Lusitana..."

Pela segunda vez José Yamashiro me confere a distinção de ler nos originais um livro seu, solicitando observações que sua amizade sobrestima. Por prazer e por vaidade não me furto ao seu pedido, que, ademais, me proporciona a oportunidade de retribuir, modestamente, aos estímulos e sugestões que dele recebo em meus estudos sobre a história do Japão, da qual, com este quinto livro, ele é, entre nós, um dos seus divulgadores pioneiros e o mais prolífico.

Ao contrário de suas outras obras, que encompassam a história nipônica de seus primórdios aos nossos dias, esta enfoca um assunto específico dentro de um período determinado: as relações luso-japonesas no quase um século que se estende da chegada dos portugueses a Tanegashima em 1543 e a sua expulsão definitiva em 1639, quando o xogunato Tokugawa deliberou pelo fechamento do Japão ao mundo.

Em seu estilo característico de narrar a história, Yamashiro vai nos contando os fatos, pondo-nos ao par das condições e atitudes rei-

nantes, lembrando-nos, aqui e ali, dos quadros contemporâneos de Portugal e do Japão e da moldura mais ampla constituída pelas grandes tendências e fatos internacionais da época. De passo se pergunta e nos convida a refletir sobre o significado desses acontecimentos.

O período que descreve se situa em uma fase de grande turbulência e vigor na História Universal, quando a Idade Moderna está distendendo as grandes forças de construção e luta detonadas pelo Renascimento, pela Reforma, pelos Descobrimentos, com as inovações culturais e tecnológicas que os acompanharam. Para Portugal, este é um período crucial, que abrange tanto seu apogeu como o início de sua exaustão: a sùpremacia e esgotamento de uma nação de pouco mais de um milhão de habitantes que "por mares nunca de antes navegados" dissemina nos extremos antípodas do mundo - Brasil e Japão – a semente de sua raça e de sua cultura. Para o Japão, o período não é menos crucial. Cobre o fim das intermináveis lutas internas que caracterizam todo o xogunato Ashikaga (1338 - 1573); a fase de unificação do país pelos seus três grandes capitães, Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu (1573 - 1603); e, também, a consolidação do terceiro xogunato que, ao par do isolamento *(sakoku)* daria ao Japão 250 anos de paz interna e externa – fato sem paralelo na história de qualquer outra nação.

Para a Europa, este é, internamente, o período das guerras religiosas e dinásticas e, externamente, o da primeira expansão colonial e da conquista de mercados, empresa em que a cruz, a espada e o comércio atuaram em íntima, embora nem sempre pacífica, ligação. Nas condições de então, a hegemonia virá necessariamente a ser estabelecida pelo domínio dos mares, abertos pelos portugueses e espanhóis, seguidos por holandeses e outros e – finalmente – conquistado pela Inglaterra e por ela mantido até o século XX.

O livro de Yamashiro trata das relações luso-nipônicas que são um episódio desse quadro maior. Naturalmente a compreensão dessas relações envolve as que, na rivalidade marítima – comercial – colonial da época, também se estabeleceram entre japoneses e holandeses – e, secundariamente, com outros povos europeus – e que

Yamashiro relata, permitindo-nos compreender como a influência lusa, esmagadoramente predominante de início, declinou com a exaustão portuguesa.

Que impacto terão causado tais relações na cultura e na história nipônicas?

Yamashiro nos dá as opiniões correntes entre historiadores ocidentais e nipônicos. Alerta-nos contudo para o fato de que elas não apenas são contraditórias mas devem ser tidas como inconclusas, porque a própria historiografia do período não esgotou o estudo de seus documentos e só mais recentemente começam a se empreender estudos interpretativos de maior profundidade. Assim, se para muitos – inclusive o autorizado historiógrafo Sansom, por ele citado – o contato não deixou marcas notáveis na cultura nipônica, que àquela época era, sob numerosos aspectos, tão ou mais desenvolvida e individualizada do que as dos *nanban* ("bárbaros do Sul") com os quais os japoneses mantiveram relações – do ponto de vista da história resta o fato capital de que foi, sobretudo, por intermédio dos portugueses que a nação japonesa tomou conhecimento do resto do mundo e dos aspectos notáveis da cultura européia de então. Que posteriormente a isso, e por inúmeras razões, tanto de ordem externa quanto interna, o Japão se haja fechado num isolamento de dois e meio séculos, é outro fato capital, não só para a história desse país como para a do mundo. Que conseqüências histórico-culturais teria o Japão metabolizado como resultado da inseminação desses contatos, constitui objeto de especulação que os materiais e métodos hoje à disposição da história e da cultura parecem incapazes de esclarecer conclusivamente.

É nesse aventuroso torvelinho de fatos prenhes de gigantescas conseqüências que Yamashiro nos introduz, com sua honesta e abalizada exposição dos acontecimentos, aqui e ali nos advertindo quanto a dois pontos capitais: de que não percamos de vista e referência o que se passa à volta, pelo resto do mundo; e de que, como ele, nos resguardemos, com humildade e prudência, do tolo orgulho de conclusões precipitadas, pois os meios, os caminhos, o sentido

dos fatos e da cultura que por eles se decanta, continuam sendo o grande mistério e fascínio da História.

Como se vê dos episódios de que este livro dá conta.

"Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha a tempo de mostrar-se ...
... as ilhas onde
A natureza quis mais afamar-se.
Esta, meio escondida (...) é Japão."

(Camões: *Os Lusíadas*, 1572 - CXXXI)

Benedicto Ferri de Barros

INTRODUÇÃO

PORTUGUESES LANÇARAM A SEMENTE DA CULTURA OCIDENTAL

Portugueses lançaram a semente da cultura ocidental

A espetacular façanha do Japão de alcançar um dos patamares mais avançados da alta tecnologia, ao lado do seu extraordinário desenvolvimento econômico nesta segunda metade do século XX, está alicerçada, em primeiro lugar, na própria índole do seu povo. Ele apresenta as seguintes características essenciais:

- Sendo o seu território exíguo para os seus mais de 120 milhões de habitantes e pobre em recursos naturais, toda a sua prosperidade resulta do árduo trabalho de toda a população;

- O povo nipônico vem preservando os seus valores culturais autóctones, através dos séculos;

- Ao mesmo tempo, apresenta uma grande capacidade de introduzir e assimilar frutos de culturas estrangeiras, adaptando-os às condições peculiares do país.

Esta última qualidade do povo japonês vem se manifestando em importantes e decisivas fases de sua multimilenar história.

A Restauração de Meiji, ocorrida na segunda metade do século passado, constitui um exemplo frisante dessa característica do velho Yamato. Como já é do conhecimento geral, a Reforma de Meiji, iniciada com a abolição do regime feudal do xogunato Tokugawa e a restauração do poder político da Casa Imperial, propiciou uma rápida modernização (ocidentalização) da nação japonesa, mediante a voluntária e maciça introdução da ciência e tecnologia ocidentais.

A propósito dessa verdadeira revolução nos rumos nacionais do Japão – até então um obscuro país insular do Extremo Oriente – numerosos livros foram escritos e o assunto ainda continua sendo objeto de muitos estudos e pesquisas.

Historiadores japoneses e ocidentais apontam como pedra angular decisiva para a modernização do país do Sol Nascente, a pronta aceitação, introdução e assimilação da ciência ocidental pelo seu laborioso povo. A rapidez com que os japoneses aprenderam a ciência ocidental teve como objetivo imediato "alcançar os países mais adiantados do ocidente" no campo do progresso material e intelectual.

Todo o esforço do governo e das lideranças populares se concentrou num objetivo único: a concretização desse desiderato nacional.

Por isso, entre os povos asiáticos, o japonês foi o primeiro a modernizar-se, conseguindo em poucas décadas tornar-se uma nação progressista, industrializada e poderosa.

Um aspecto curioso da história japonesa, e que vem sendo revelado aos poucos, consiste no fato de haver os nipônicos demonstrado profundo interesse pela ciência ocidental – muito antes do que se acreditava ou se admitia até há vinte ou trinta anos. Verifica-se que a introdução da ciência e tecnologia européia e americana promovida com tanta pressa e intensidade depois da Restauração Meiji, não aconteceu de súbito, sem nenhum antecedente histórico.

A semente dos conhecimentos da ciência e técnica ocidentais havia sido lançada há cerca de quatro séculos, no período Azuchi-Momoyama (1573-1600), também conhecido simplesmente por período Momoyama. Naquela época os japoneses estudaram com afinco a chamada *Nanban-gaku* (Ciência ou Estudos dos bárbaros do Sul). E a partir dos meados do período Edo (1603-1868) assimilaram a ciência ocidental por intermédio de livros holandeses, desenvolvendo-se então a chamada *Rangaku*, (Ciência ou Estudos Holandeses).

Os conhecimentos científicos ocidentais atraíram intensa curiosidade não só por parte da classe dominante (a dos samurais) como de letrados e povo em geral. Grupos de *scholars (gakusha)* estudavam com entusiasmo toda a ciência e tecnologia européia que estavam ao seu alcance.

Observa o prof. Shuntarô Itô que talvez resida aí uma importante chave da velocidade com que o Japão se modernizou no período Meiji, não obstante a política de isolamento adotada durante mais de dois séculos pelo regime Tokugawa.

Introduzindo a ciência ocidental, os japoneses adquiriram o racionalismo, empirismo e espírito de crítica, fatores fundamentais que contribuíram decisivamente para a rápida modernização do país.

* * *

A ciência ocidental foi introduzida, pela primeira vez na história do povo nipônico, pelos jesuítas portugueses nos meados do século XVI, quando os nipões entraram em contato com um povo de área cultural inteiramente diferente da China, até então a grande fonte, onde eles iam beber os conhecimentos humanos mais avançados.

É fácil compreender a surpresa e o impacto psicológico e cultural resultante desse primeiro encontro com a civilização européia. Ao mesmo tempo, os japoneses tiveram sua curiosidade intelectual agudamente espicaçada. Infelizmente, muitos dos livros e outros documentos históricos relacionados com os Estudos ou Ciência dos bárbaros do Sul *(Nanban-gaku)* foram destruídos durante a campanha de extermínio dos cristãos, levada a efeito pelo xogunato Tokugawa, nas primeiras décadas do século XVII. Diga-se de passagem que a expressão "bárbaros do Sul" não tinha necessariamente um sentido pejorativo. Indicava os povos de ampla área do sudeste da Ásia. Como os portugueses, e mais tarde os espanhóis, procediam do Sul foram incluídos no rol dos *Nanban-jin* (bárbaros do Sul).

Por causa da falta de material histórico, muitos estudiosos subestimaram o valor da contribuição dos portugueses à evolução cultural do Japão.

Entretanto, nos últimos tempos, diversos manuscritos de jesuítas acerca do Japão, preservados em outros países como Portugal, Espanha, Vaticano, etc, foram descobertos. Com isso pesquisadores japoneses e de outras nacionalidades estão conseguindo esclarecer melhor os canais percorridos pela cultura européia para chegar ao Japão e como ela foi transmitida aos estudiosos nipônicos.

Até então, os estudos holandeses (*rangaku*) virtualmente mono-

polizavam a atenção de historiadores japoneses que pesquisam a influência da ciência e técnica ocidentais sobre o Japão no período Tokugawa. Isso porque os holandeses foram os únicos europeus, durante o isolamento do Japão, autorizados a manter uma feitoria em Deshima, Nagasaki, para efeito de comércio bilateral.

Com os novos achados relativos à contribuição dos *nanban-jin*, em particular dos lusos, têm aparecido obras – traduções completas de obras em português e outras línguas ocidentais, ensaios, comentários, etc. – que mostram o valioso papel desempenhado pelos corajosos navegantes, missionários e comerciantes lusitanos na difusão da cultura ocidental da época no arquipélago japonês.

Neste pequeno volume procuramos – baseados em obras de autores japoneses, portugueses, americanos, ingleses, etc. – narrar de modo sucinto, as aventuras e desventuras dos portugueses nas terras nipônicas nos séculos XVI e XVII. Destacamos, em especial, a contribuição que eles tiveram no lançamento da semente da cultura ocidental, fator vital que facilitou a rápida modernização, ou melhor, ocidentalização do Japão. Eles foram os grandes pioneiros da introdução da cultura ocidental, em particular do Cristianismo. Assim como o Cristianismo sobreviveu (cultuado oculta ou disfarçadamente por ardorosos fiéis) à violenta repressão do xogunato, as ciências e técnicas da Europa levadas pelos lusitanos ao Japão não desapareceram no vórtice da perseguição aos cristãos.

Como foi dito linhas atrás, as pesquisas sobre essa contribuição continuam. Acreditamos que muitas coisas ainda poderão ser reveladas com o paciente trabalho de investigação realizado por estudiosos de diversas partes do mundo.

Será um campo aberto, também, para pesquisadores brasileiros que estiverem dispostos a contribuir com seu quinhão de trabalho na elucidação completa da participação lusa na introdução do pensamento, ciência e tecnologia europeus do século XVI e seguintes, naquele então longínquo país do Extremo Oriente.

Um desafio fascinante, acreditamos.

PARTE I

ANTECEDENTES

Antecedentes

O Japão, que permanece praticamente isolado e desconhecido do mundo – a não ser o seu relacionamento com a China e a Coréia, desde os primórdios de sua história – é inesperadamente lançado no agitado oceano das relações internacionais, graças ao impacto da chegada de portugueses no século XVI. Foi nesse século que os corajosos navegantes lusitanos ampliaram seus domínios e contatos comerciais, alcançando o Brasil (1500) no extremo ocidental e o Japão (1543) na extremidade oriental do globo.

Interessante observar que o primeiro europeu a falar sobre o Japão foi o veneziano Marco Polo (1254-1324). Ainda muito jovem acompanhou o pai e um tio numa viagem aventureira à China. Lá permaneceu cerca de vinte anos, aprendeu o chinês, serviu na corte de Kublai Khan (neto de Gengis Khan), onde ocupou importantes posições.

Ao regressar em 1295 a Veneza, Marco Polo escreveu um livro contando suas experiências e peripécias na longa viagem de ida e volta e na corte do *khan*. Nessa obra ele fala de um país chamado Zipangu ou Cipangu, corruptela do chinês Jihpen (Japão), rico em ouro e outros metais preciosos.

Entre outras coisas o viajante-escritor conta: "Zipangu é uma grande ilha, situada a 1.500 milhas a leste do continente asiático. Seus habitantes são brancos, porte elegante, rosto fino e bonito... São pagãos... O ouro existente no país é incalculável e consta que o rei não permite sua exportação. Acresce que se encontrando longe

do continente, raros são os comerciantes que lá chegam. O palácio real é de fato admirável. Trata-se de uma construção grandiosa, coberta de ouro... O seu valor, inestimável... A calçada do caminho do palácio e o soalho dos aposentos estão forrados de ouro, apresentando forma de pedras de pavimentação, com grossura de dois dedos. Também os caixilhos das janelas são de ouro. Portanto, o valor do palácio é inimaginável. E na ilha abundam pérolas magníficas, grandes, redondas e de cor rosada. Seu valor equivale ao da pérola branca... Existem metais preciosos em grande quantidade. O atual grande *khan*, ao ouvir que essa ilha possui tamanha riqueza, elaborou um plano de conquistá-la".

De fato, Kublai Khan tentou por duas vezes (1274 e 1281) conquistar o arquipélago, sendo porém derrotado pelos valentes samurais, ajudados por violentos furacões que afundaram os navios invasores.

O Japão, até então totalmente ignorado pelos europeus, passa a ser conhecido no Ocidente por intermédio da narrativa de Marco Polo.

Todavia, mesmo depois da publicação do livro, durante dois séculos e meio virtualmente nenhum europeu pisou o solo nipônico ou navegou em suas águas territoriais. Para os europeus, o Japão não passava de um país longínquo, envolto em mistério, situado no grande oceano.

Mas, a história de sua fabulosa riqueza – embora não verdadeira – despertou a curiosidade e ambição de audaciosos navegadores europeus do século das grandes descobertas.

* * *

Portugal, que conclui sua independência nacional em meados do século XII, ascende rapidamente à condição de grande potência marítima. No século XIV começa a expandir-se além-mar, iniciando o ciclo das grandes navegações e descobertas. Com a criação da famosa escola de astronomia, geografia e navegação em Sagres, em 1419, pelo Infante Dom Henrique, a expansão marítima dos portugueses ganha novo ímpeto, apoiado na coragem, fé, espírito aventureiro e

conhecimentos geográficos e de navegação que eles próprios desenvolvem.

Não demora Portugal torna-se, ao lado da Espanha, a maior potência colonial e marítima do mundo. As especiarias da Índia e dos Mares do Sul (pimenta, cravo, canela, gengibre, noz-moscada, etc.) são as grandes vedetes do comércio entre o Oriente e a Europa. Na interpretação da Afrânio Peixoto (*História do Brasil*), na verdade "os perfumes tropicais, sândalo, mirra, benjoim, incenso, misturas, essências, cânfora, tinturas, foram um alívio e um deleite. Com as essências e os perfumes, suntuário que agrada à vista, tapetes, sedas, cetins, telas, damascos, jóias, porcelanas, mil objetos exóticos invadiram a Europa e tudo eram "especiarias".

Precisamente por visar o comércio, e combater os infiéis (muçulmanos), Portugal avança rumo à Ásia via sul da África, rota até então desconhecida e temida.

Em 1488 Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança (inicialmente chamado das Tormentas). Em 1497 Vasco da Gama vai até a Índia e em 1500 acontece o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral. Sob o comando de Afonso de Albuquerque, os lusos ocupam Goa, na Índia, no ano de 1510 e, no ano seguinte, Malaca (na península de Malaia), até então importante base islâmica, transformando-as em bases de suas operações comerciais do Oriente. Em 1513 as ilhas Molucas caem sob o domínio lusitano. Convém lembrar que toda a expansão lusa pela África, Índia e Sudeste asiático estava intimamente associada à conquista de novas rotas comerciais de especiarias. Desenvolve-se lucrativo intercâmbio comercial entre Lisboa, já então um grande entreposto comercial da Europa, de um lado, e de outro, a China (os portugueses alcançam Macau por volta de 1516 e em 1557 estabelecem ali sua feitoria), Índia e países do Sudeste asiático.

Conforme acabamos de ver, os portugueses conquistaram Malaca, próximo à extremidade meridional da península de Malaia. Subindo na direção norte, eles ultrapassam a região de Cantão (sul da China) e costeiam Fukien, até alcançar o porto de Ningpó (ou Nimpô).

Esse porto de Ningpó já era conhecido dos japoneses, pois os navios *kentôshi* (embaixadas à corte de Tang) do século VII e os barcos do comércio *kangô* (comércio oficialmente autorizado pelos go-

vernos do Japão e da China) do século XV lá aportavam, em sua viagem de ida e volta, levando missões oficiais e comerciais que se dirigiam à capital chinesa.

Okinawanos em cena

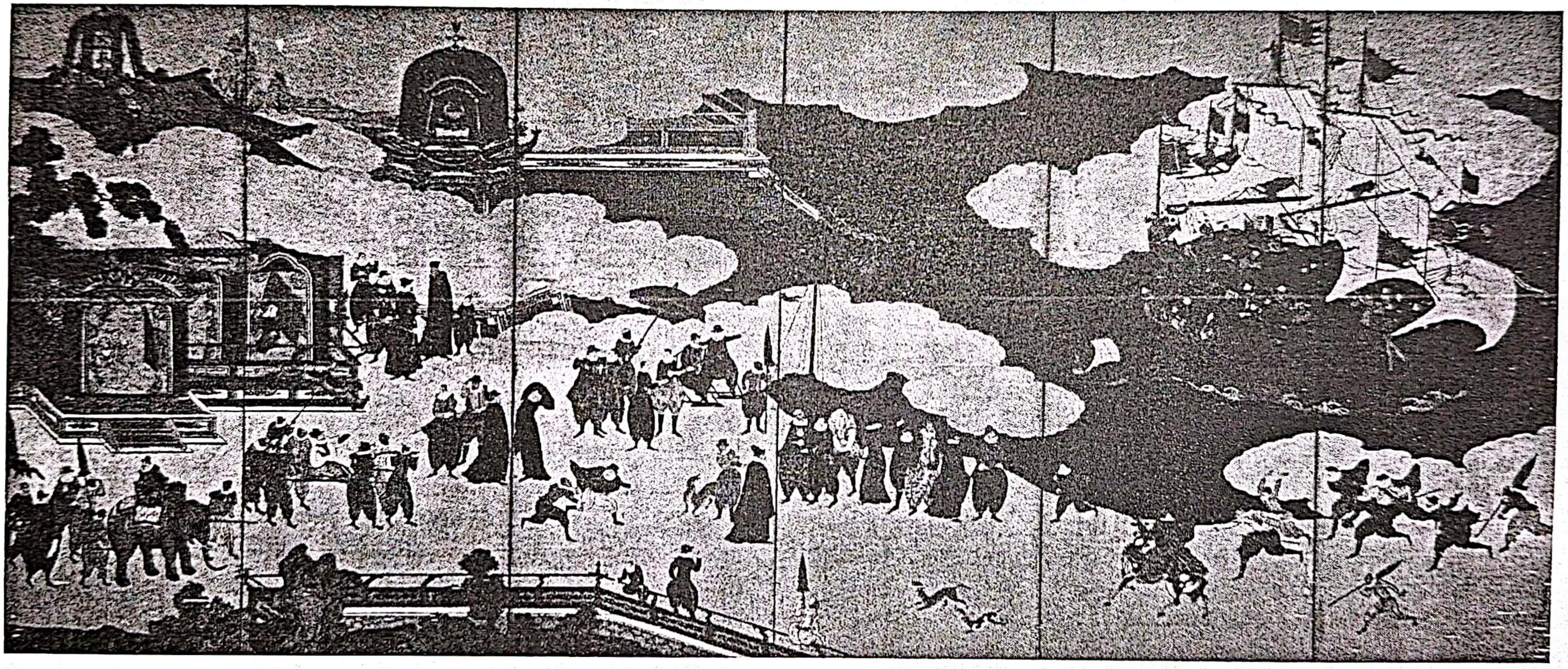
Nessa fase de sua expansão no Oriente (começo do século XVI), os portugueses entram em contato com destemidos navegadores e mercadores de Lequiu, Lûchû ou Ryûkyû (Okinawa), que partindo de Naha iam até Annã, Sumatra, Java, Sião (Tailândia) e Malaca.

George Sansom em sua *History of Japan* escreve que as relações comerciais das ilhas Ryûkyû com o Japão apresentavam importância especial. No século XV, Hakata, porto da ilha de Kyûshû, constituia um grande entreposto comercial da Ásia Oriental. Recebia embarcações da China (dinastia Ming) e da Coréia. Segundo registros chineses – diz Sansom – navios de Ryûkyû demandavam freqüentemente esse porto e o de Bônotsu, no sul do território de Satsuma (atual província de Kagoshima). Desde então estreitaram-se as relações entre Satsuma e Ryûkyû.

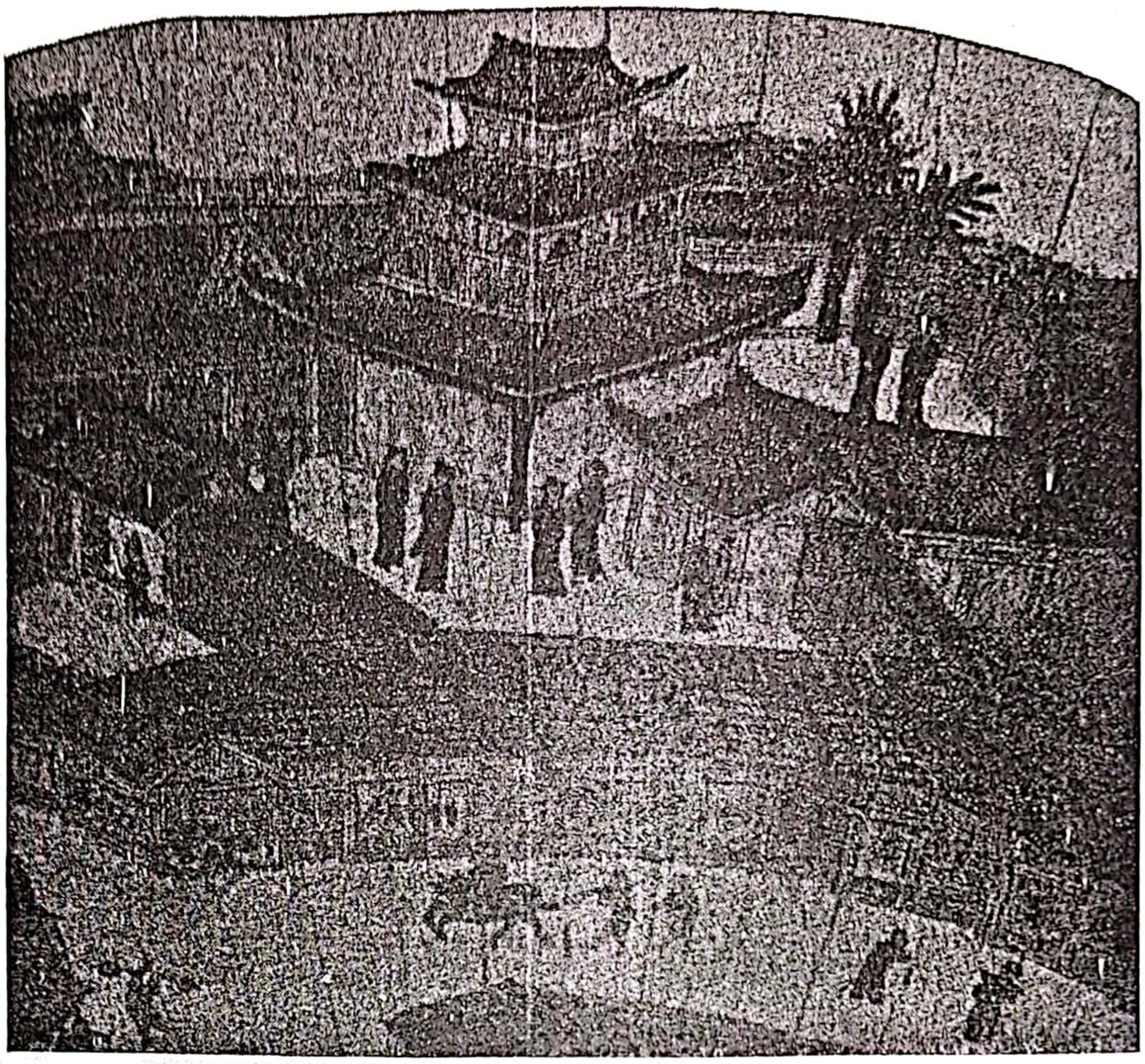
Navios nipônicos visitavam portos de Ryûkyû, principalmente Naha, onde adquiriam artigos procedentes dos Mares do Sul, para vendê-los na China e na Coréia.

As viagens dos barcos ryûkyûanos resultavam em intensas atividades comerciais entre os países do Sudeste asiático, Ryûkyû, Japão, Coréia e China. Os corajosos navegantes okinawanos realizavam impressionantes proezas, pois chegavam até Sião (Tailândia), Malaca, Patani, Annã, Sunda, Sumatra e Java. Anualmente, eles compravam seda e porcelanas da China, tecidos de algodão da Coréia, espadas, leques e enxofre do Japão, para trocá-los com produtos tropicais, como especiarias, madeiras aromáticas (sândalo e outras), especiarias e perfumes dos Mares do Sul (abrangendo, então Sião, Luzon, Java etc.).

Para navegar em suas pequenas embarcações a vela, aproveitavam as monções, e para encontrar vento favorável seguiam a costa de Fukien, na direção de Malaca, e de lá para seus diferentes destinos, através dos mares, a leste e oeste da península de Malaia.



À esquerda, uma igreja (supõe-se de Macau ou Goa) e um navio partindo. Nesta pintura em biombo, com exceção dos ocidentais, barco e elefante, predominam elementos imaginários. (Pintura de Naizen Kanô).



Nanban-ji (Templo dos bárbaros do Sul). Igreja católica (Nossa Senhora de Assunção) de Kyôto.

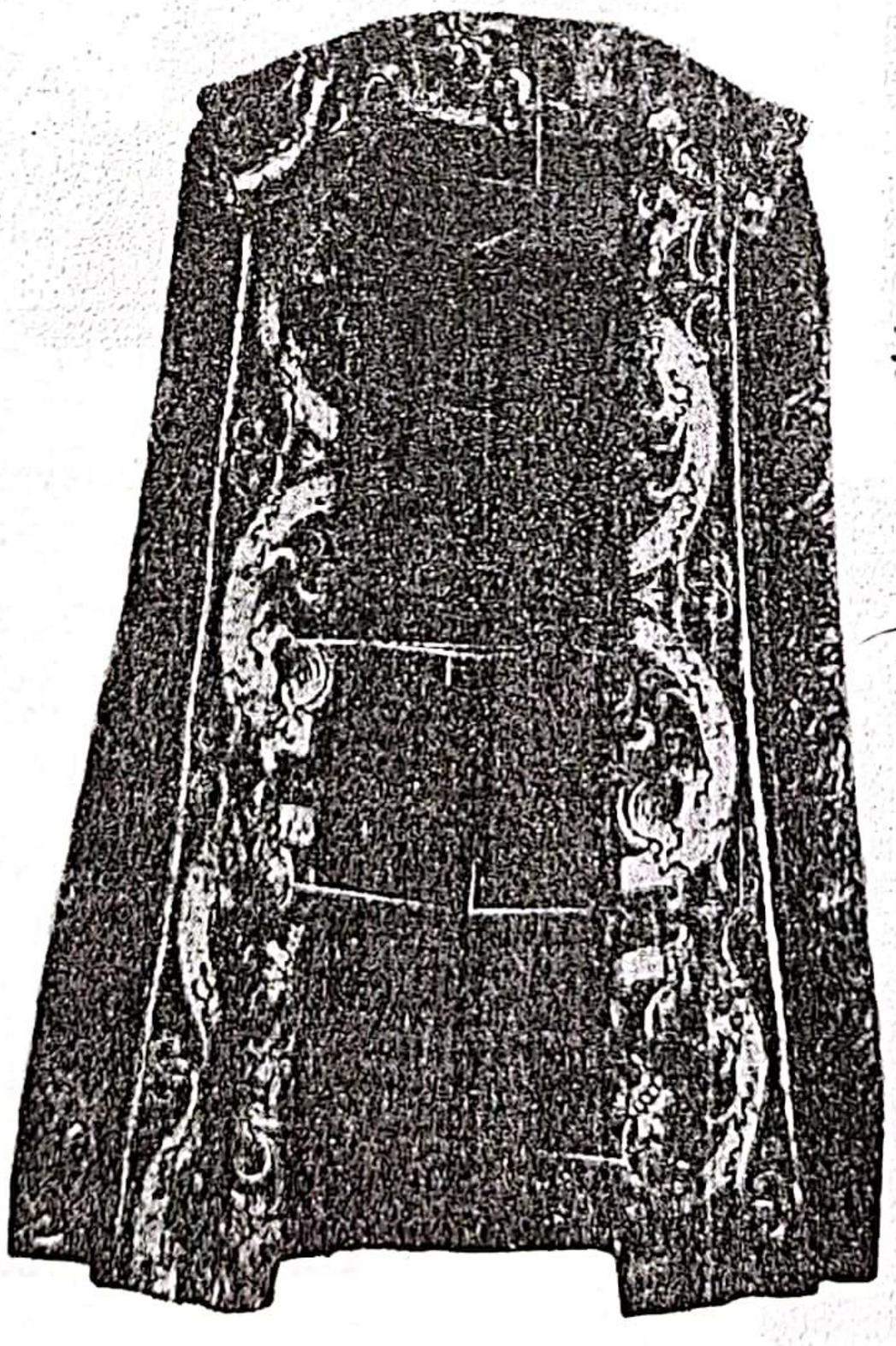
VOCABVLARIO
DA LINGOA DE IAPAM
com adeclaração em Portugues, feito por
ALGVNS PADRES, E IR.
MÃOS DA COMPANHIA
DE IESV.

COM LICENÇA DO ORDINARIO,
& Superiores em Nangasaqui no Collegio de la-
PAM DA COMPANHIA DE IESVS.
ANNO M.D.CIII.

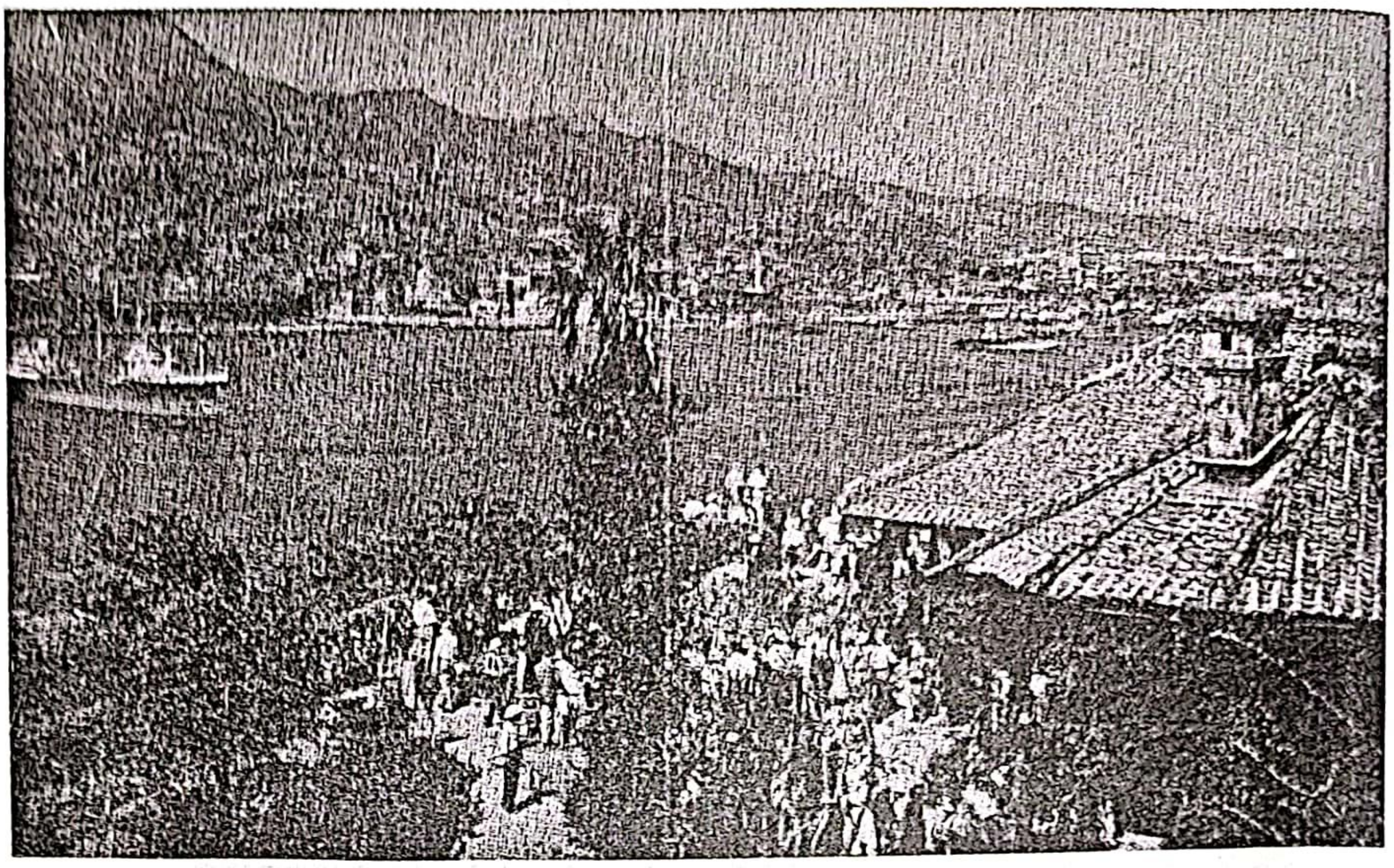
VOCABOLARIO DA LINGOA DE JAPAM, impresso em Nagasaki, em 1602. Elaborado por alguns padres e irmãos da Companhia de Jesus.

Padre Francisco Xavier, segundo uma pintura em biombo do século XVI.

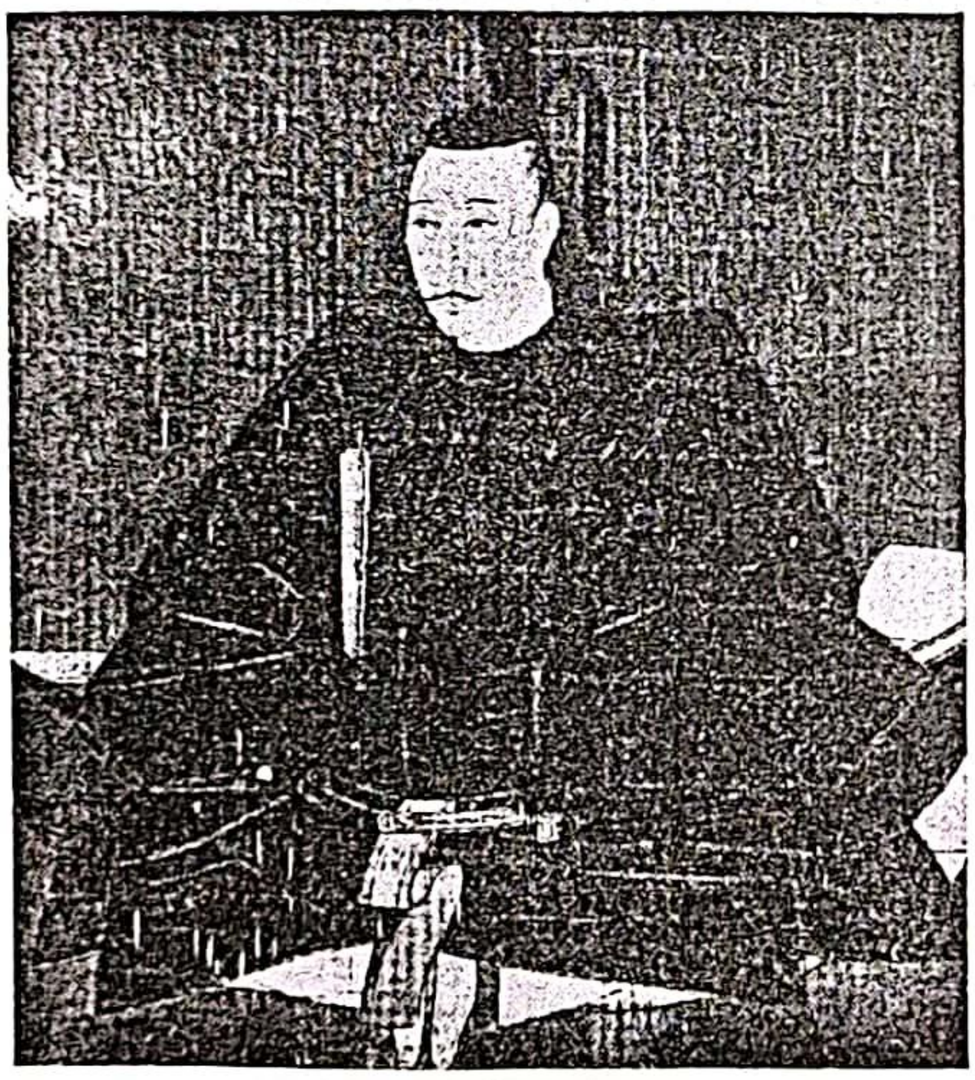
Castelo de Kokura, construído em 1602. Atribui-se influência da arquitetura militar ocidental (portuguesa). Fica na província de Fukuoka, Kyûshû.



Manto de veludo que teria sido usado por Hideyoshi.

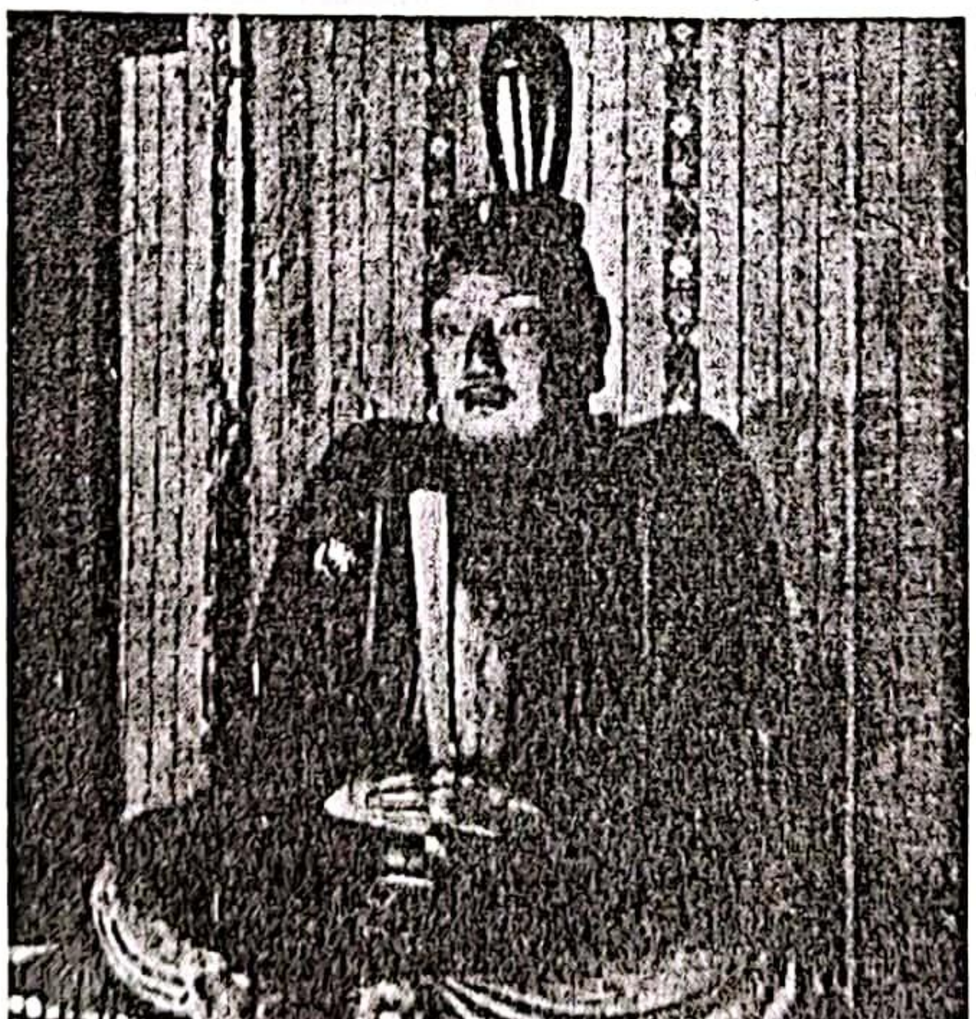


Atual porto de Nagasaki.
Vista parcial da entrada.



Nobunaga Oda

Estátua em
madeira de Ieyasu
Tokugawa.



Estátua em madeira da
Hideyoshi Toyotomi.

* * *

As ilhas Ryûkyû (num total de mais de sessenta ilhas e ilhotas) foram unificadas no começo do século XV por um chefe guerreiro chamado Shô-Hashi (primeira dinastia Shô) que, em 1405, se proclamou rei, no castelo de Shuri, na região central da ilha de Okinawa, a principal do arquipélago.

Okinawa manteve-se na posição de reino semi-independente (tributário formal, nem sempre efetivo, do Japão e da China, até pouco depois da Restauração Meiji, quando Tóquio anexou definitivamente o pequeno reino insular). Shô-Hashi enviou emissários à corte de Ming e igualmente se aproximou do xogunato de Muromachi (1338-1573), através do feudo de Satsuma.

Ao que indicam alguns historiadores, os okinawanos teriam sido os primeiros japoneses a entrar em contato com portugueses em terras dos Mares do Sul.

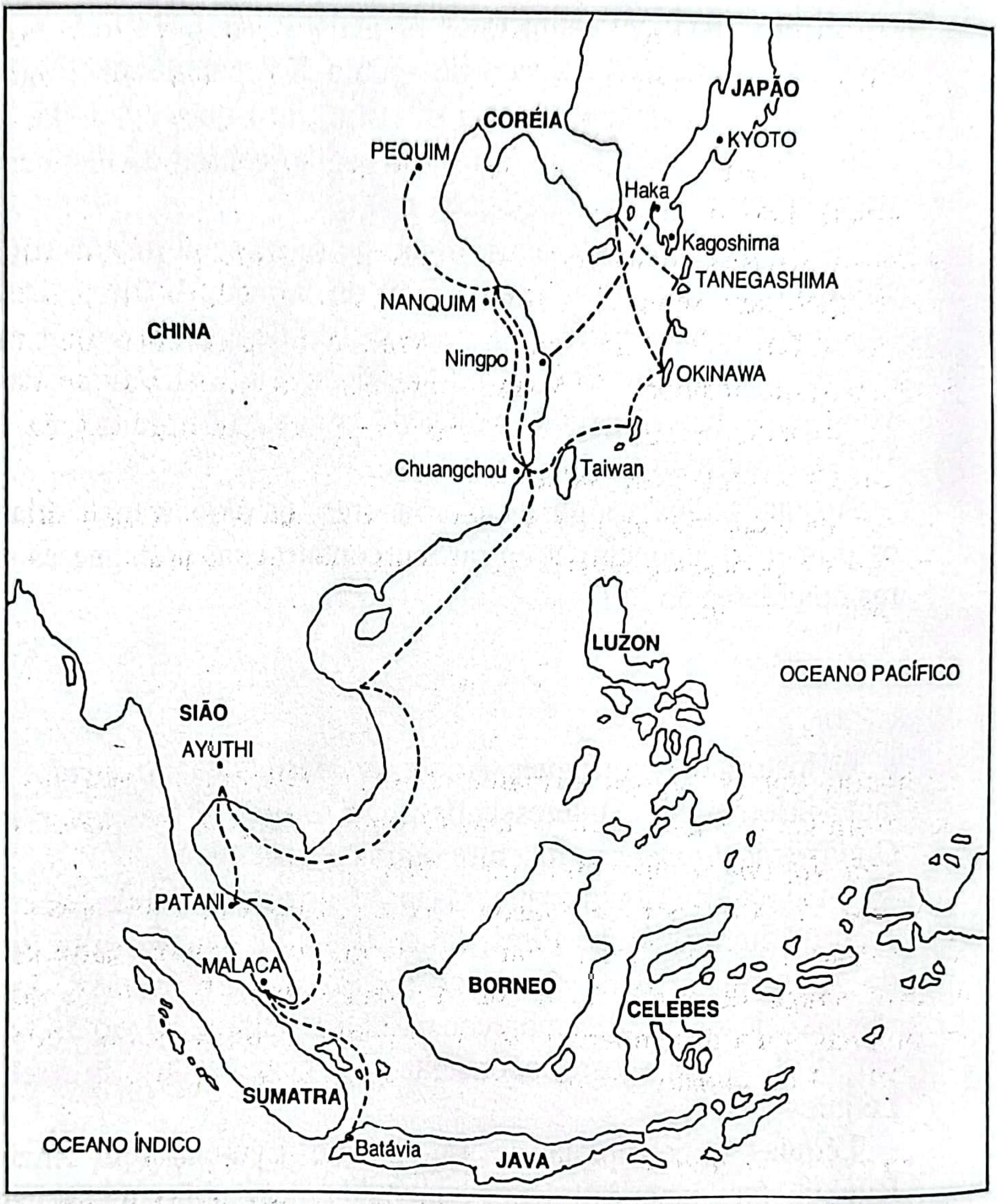
* * *

O historiador português Armando Martins Janeira, em seu bastante informativo e interessantíssimo *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, diz entre outras coisas:

"Afonso de Albuquerque, Gaspar Correia, Lopes de Castanheda, João de Barros, Tomé Pires, falam dos Gores ou Léquios, naturais do Arquipélago de Ryûkyû, ao sul do Japão. Em 1517, Jorge de Mascarenhas tenta desembarcar na ilha Léquia, e Simão de Andrade em 1518, 10 de agosto, aconselha D. Manoel a descobrir as "Ilhas Léquios".

Léquias é corruptela de Lu-chú ou Lyu-chu (em chinês) ou Ryûkyû (em japonês), mais conhecida pelo nome de Okinawa, a principal ilha do pequeno arquipélago, tornada mundialmente conhecida, por causa das violentas batalhas ali travadas entre japoneses e americanos durante a II Guerra Mundial.

Em seguida Martins Janeira admite ser possível que os portugueses tivessem encontrado japoneses, sobretudo na costa da China, onde por vezes barcos japoneses apareciam. "A proibição de entrar na China, que em 1480 o imperador daquele país havia decretado



Rotas comerciais dos Mares do Sul e Extremo Oriente no século XV.

contra os piratas japoneses, não foi observada pelos japoneses até o tempo de Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi."

* * *

O prof. George H. Kerr, especialista em Extremo Oriente, no seu substancioso livro *Okinawa – The History of an Island People* informa que os documentos mais antigos preservados nos arquivos reais de Okinawa (queimados durante a II Guerra Mundial) consistiam de cartas trocadas entre o monarca de Chuzan (parte central de Okinawa, no tempo em que a ilha estava dividida em três pequenos reinos, antes da unificação por Shô-Hashi) e o do Sião, datadas de 1425. Essa correspondência mostrava claramente que havia um extenso comércio entre Okinawa e o Sudeste da Ásia, iniciado muito antes daquele ano.

O primeiro contato com a corte da Coréia data de 1389, quando emissários de Okinawa ofereceram madeiras raras, pimenta e outras mercadorias ao monarca coreano. Esses produtos não eram originários de Ryûkyû e sim das Índias Orientais e da Indochina, uma prova de que os okinawanos já comerciavam com aqueles países na segunda metade do século XIV.

Em 1393 uma pequena colônia de letrados e artesãos chineses se estabeleceu em Okinawa, a pedido do governo da ilha. Esses imigrantes desempenharam importante papel na evolução cultural dos okinawanos, ensinando-lhes a escrita chinesa (*kanji*) e prestando serviços na administração pública do pequeno reino. Alguns deles sabiam construir navios e outros eram navegadores.

Conforme já vimos, o comércio internacional de Okinawa floresceu sob orientação oficial com os países vizinhos, Japão, Coréia e China e também regiões mais distantes.

Após a unificação por Shô-Hashi, durante cerca de dois séculos, o arquipélago das Ryûkyû prosperou graças ao seu comércio exterior. Observa o prof. Georg Kerr que nesse período Okinawa poderia ser comparado às cidades-estados européias que floresceram com o comércio marítimo, dedicado em grande parte à importação e transporte de artigos exóticos da Ásia e África – especiarias, madeiras raras, jóias, tecidos, etc.

Tanto assim que as duas principais cidades (vizinhas) Shuri, capital, e Naha, porto, prosperaram à custa do comércio de bens de luxo adquiridos nas Índias Orientais e mercados do Sudeste asiático e movimentados através de Naha para distribuição nos portos do Japão, China e Coréia.

Acredita o prof. Kerr que o rei Shô-Hashi não sabia nada da Europa, mas pode presumir-se que tinha conhecimentos vagos da Índia e possivelmente da Arábia, porquanto seus funcionários e marinheiros freqüentavam portos chineses e mercados do Sudeste da Ásia, onde havia ricas comunidades de mercadores árabes. Existem evidências de que mercadorias okinawanas passaram para mãos árabes e portos do Ocidente. Referências ao reino de Ryûkyû, ou pelo menos aos seus comerciantes e mercadorias, se encontram em textos árabes, quando muçulmanos dominaram a Península Ibérica e existia fluxo de informações e trocas comerciais em todo o vasto mundo maometano.

* * *

O comércio okinawano com o Sudeste asiático mudava muito de parceiros, devido a freqüentes mudanças políticas nos reinos do Sul. Nada se sabe em detalhe – faltam documentos escritos – sobre esse comércio até o século XV, mas entre 1432 e 1570, pelo menos 44 embaixadas oficiais foram enviadas ao Annã, Sião, Patani (na península de Malaia), Malaca e os pequenos reinos de Java. Embora não existam registros, é muito provável que tenha havido intercâmbio de caráter privado ou extra-oficial.

Em sua notável obra *Sakoku – Nipon no Higeki* (Isolamento Nacional – Tragédia do Japão), o prof. Tetsurô Watsuji informa que okinawanos estabeleceram comércio com o Sião no começo do século XV e a partir de 1430 navios de Ryûkyû chegavam a Java. Já na segunda metade do século XV (portanto muitas décadas antes da chegada dos portugueses), Malaca atraía mais os navios mercantes okinawanos do que Sião. Os okinawanos foram os precursores dos comerciantes internacionais de Kyûshû – afirma o prof. Watsuji.

Nos arquivos perdidos de Shuri havia registro de pelo menos 58 missões comerciais ao Sião, num período de 146 anos. Pesquisado-

res nipônicos estimam que no mínimo outras cem viagens oficiais podem ter sido realizadas.

Ao que parece, relações formais com Java foram estabelecidas em 1430 e continuaram por cerca de cem anos.

Os mesmos documentos – segundo o prof. Kerr – falavam do comércio com Malaca em 1463, referindo-se ainda a viagens anteriores ao estreito do mesmo nome, entrada para o Oceano Índico. Em Malaca os okinawanos se colocavam no cruzamento do comércio do Sudeste da Ásia com o Oceano Índico.

As mercadorias adquiridas pelos negociantes okinawanos apresentavam uma imensa variedade, incluindo-se aves, animais e plantas exóticas, tecidos, vestuários, etc.

Citam-se, por exemplo, papagaios e pavões enviados ao rei da Coréia, o qual, em retribuição, mandou um grande sino de bronze. Macacos e galinhas de penas brilhantes foram introduzidos em Okinawa. Louças de barro procedentes do sul e cerâmica da costa chinesa se importaram em quantidade considerável, parte usada em Okinawa e parte despachada para Kyôto, onde esses objetos gozavam de grande preferência dos mestres de cerimônia de chá (*cha-no-yu*) da corte do xógum. Livros e objetos de cerâmica chegavam da Coréia; finos biombos, brocados e objetos laqueados japoneses passavam pelos armazéns de Naha para serem vendidos a compradores chineses. Espadas, artigos de laca, leques, biombos e alguns tecidos japoneses se destinavam à China e portos do sul. Da China ao Japão, via Naha, seguiam cerâmicas, tecidos finos, ervas medicinais e moedas. Navios de Okinawa transportavam madeiras raras, tais como a madeira colorante chamada *soboku* (espécie de pau brasil do Oriente), pimenta e outras especiarias, incenso, chifre de rinoceronte (apreciado como afrodisíaco), ferro, estanho, marfim, açúcar e artesanatos curiosos, apanhados aqui e ali em portos do Sudeste da Ásia.

A riqueza e variedade de produtos introduzidos graças às atividades de navegadores e mercadores contrastava com a pobreza da produção doméstica. Okinawa, ilha coralínea, dispõe de escassos recursos naturais. Apenas o mar era generoso, oferecendo peixe em abundância. Como bons pescadores, os okinawanos desenvolveram sua arte náutica. Produtos agrícolas mais importantes como batata-doce e cana-de-açúcar só começaram a ser cultivados no arquipélago

na primeira metade do século XVII. A cana-de-açúcar veio da China em 1621 e a batata-doce, originária da América Central e do Sul, em 1606.

Diante de desafio dos finos tecidos importados, artesãos okinawanos desenvolveram, com estímulo da corte de Shuri, tecidos de alta qualidade como o *basa*, feito de fibra de bananeira e *kasuri*, originário da Índia, aperfeiçoado em Okinawa, e depois transmitido para o Japão metropolitano.

Estudiosos japoneses calculam que os mercadores okinawanos conseguiam fabulosos lucros no comércio marítimo, chegando em alguns casos a mil por cento de retorno nas mercadorias de luxo.

* * *

A chamada Primeira Dinastia Shô findou em 1469, com o último rei Shô-Toku, morto num golpe de estado. Kanemaro, antigo servidor da extinta dinastia, assume o trono com o nome de Shô-En, inaugurando a Segunda Dinastia Shô que dura até pouco depois da Restauração Meiji.

Okinawa atinge o zênite de sua prosperidade no tempo do rei Shô-Shin (reinado de 1477 a 1526) que procedeu a uma completa reorganização da administração do país, visando à maior centralização do poder.

O pequeno arquipélago das Ryûkyû, embora formalmente fosse tributário da China e do Japão, na prática era autônomo, em permanente paz e contato com os países vizinhos.

Prosseguiu no comércio com a Coréia. Mercadorias adquiridas nos Mares do Sul e da China transportadas a Naha seguiam depois na direção norte, parte diretamente à Coréia e em maior volume para o porto de Kagoshima. Para o feudo de Satsuma, o lucro do comércio com a Coréia era tão polpudo que o seu daimio Shimazu não hesitou em ser considerado "tributário" da dinastia Yi, daquela península. Sob a assistência de agentes de Shimazu, entre 1395 e 1504, 126 missões comerciais de Okinawa se dirigiram à Coréia.

Representantes de Okinawa, viajando via Kagoshima a Kyôto, conduziam presentes e mercadorias. Existem registros de sete missões de Shuri a Kyôto, entre os anos de 1403 e 1448.

O xogunato Ashikaga estabeleceu em 1415 o comércio oficial com Ryûkyû, mas extra-oficialmente as trocas comerciais vinham se realizando desde muito antes. Os comerciantes de Ryûkyû negociavam com seus colegas de Sakai, Hakata, Tsushima, etc., além de Kagoshima.

* * *

O prof. Kerr afirma em seu livro que armas de fogo foram distribuídas no Japão através do depósito comercial okinawano de Tanegashima. Embora ainda existam muitos pontos obscuros na história de Okinawa – a serem esclarecidos por pesquisas e estudos em curso ou que virão a ser feitos – não resta dúvida de que os corajosos navegadores e comerciantes de Okinawa se anteciparam aos seus colegas do Japão metropolitano e aos portugueses na penetração comercial no Sudeste da Ásia.

Ainda segundo o prof. George Kerr, João de Barros em sua obra *Da Ásia* informa que mercadores lusitanos encontraram barcos e comerciantes okinawanos em Patani. E em Malaca os okinawanos competiam ombro a ombro com muçulmanos do Egito, Aden e Meca, cristãos da Abissínia e Armênia, além de persas, indianos, turcos da Ásia Menor, e mercadores de muitos dos pequenos reinos e enclaves da Índia. Havia negociantes do Ceilão (atual Sri Lanka), Bengala, Birmânia, Sião, Cochinchina, Camboja, Sumatra, Timor, Molucas, Borneu e Filipinas. Em seu *Suma Oriental,* escrito por volta de 1512, Thomé Pires menciona sessenta nações, cidades ou principados, além de homens de Léquis ou Ryûkyû, atuando naquela cidade portuária da península de Malaia.

Segundo informes portugueses, entre as mercadorias transacionadas por okinawanos em Malaca figuravam ouro, cobre, armamentos de todos os tipos, ouro em folha, louças pintadas com pó de ouro, leques de fina qualidade, papel, sedas coloridas, damasco, porcelanas, biombos, almíscar, cereais, cebola e outros legumes e verduras.

Okinawanos levavam ainda porcelanas verdes a Malaca para serem transportadas em outros navios para Bengala, na Índia. As mercadorias okinawanas gozavam de boa reputação, eram bem-feitas e, Thomé Pires, citado por Kerr, observou: "Tal como nós no nosso

reino falamos de Milão, assim os chineses e outras raças se referem aos *Lequjos* (Ryûkyûs)".

Parece evidente que a maior parte desses carregamentos dos barcos okinawanos se constituía de mercadorias transportadas do Japão, Coréia e China. Pires revela que os "lequeos negociam com o povo do Japão, vestuário, rede de pescar e outras mercadorias".

O autor português acrescenta que os okinawanos levavam de Malaca grande quantidade de roupa de Bengala e adoravam um vinho forte de Malaca, parecido com o *brandy*, adquirindo-o em considerável volume. E aduz que a maior parte de suas compras era paga em moeda de ouro.

A respeito dos okinawanos, Pires informa entre outras coisas que "são homens dignos de confiança, não compram escravos, nem vendem seus homens... São brancos, bem-vestidos, melhor do que chineses e mais dignos".

Os portugueses desde alguns anos procuravam as ilhas do Japão. Já em 1530 ou 1534 eles aportaram às ilhas Ryûkyû e antes de 1543 haviam chegado ao Japão em juncos chineses. "Mas, ainda que isto não pareça defensável, a verdade é que o acaso que os fez aportar a Tanegashima satisfazia a ambição e propósito desde havia muito deliberado", comenta Martins Janeira.

Como verificamos, no século XV e começo do XVI, Okinawa experimentou sua fase de maior prosperidade, resultado das atividades comerciais desenvolvidas com os países do Sudeste asiático, Japão, China e Coréia. Entretanto, na segunda metade do século XVI, o seu comércio de intermediação sofre uma crescente dificuldade, por causa do avanço de mercadores chineses, a chegada de europeus (portugueses principalmente) e a expansão do comércio nipônico nos Mares do Sul.

Além disso, no começo do século XVII, mais precisamente em 1609, as Ryûkyû foram anexadas à força ao feudo de Satsuma, com a anuência do xogunato Tokugawa. Embora conservando a sua dinastia, o comércio exterior cai sob o controle de Satsuma que também domina o mercado interno do pequeno arquipélago. Assim a parte do leão é abocanhada por Satsuma.

Okinawa abandona os portos do Sudoeste asiático, vai diminuindo a sua área de atuação até que, por volta de 1611, seu comércio

internacional fica reduzido a uma estreita faixa entre Ch'uang-Chou, na China, e Satsuma, no Japão. Encerra-se o período áureo da história de Ryûkyû.

A atuação dos "wakô"

Os piratas japoneses referidos por Martins Janeira são certamente os *wakô* (piratas nipônicos), muito temidos por chineses e coreanos. Eles assolavam a península coreana e a costa da China continental desde o período Kamakura até Muromachi, ou seja do século XIII ao XVI. *Wakô*, nome dado pelos chineses e coreanos, significa piratas japoneses. A leitura chinesa dos dois caracteres *(kanji)*, lidos wakô em japonês, é *wo-k' ou* e a coreana *waegu*.

* * *

No período das guerras entre as cortes do Sul e do Norte (século XIV) do Japão, pescadores e grandes proprietários de terras das margens do Setonaikai (Mar Interior de Seto – entre as ilhas Honshû, Shikoku e Kyûshû) promoviam atividades de comércio internacional com homens armados e, quando não conseguiam realizar seu intento por meios pacíficos, transformavam-se em piratas. No século XV sua atuação intensifica-se, em particular na costa chinesa. Porém já nessa fase muitos chineses participam da ação de pirataria.

No tempo do xogunato Ashikaga, também conhecido por Muromachi Bakufu (1338-1573), mais precisamente sob o governo do sexto xogum Yoshinori (1394-1441), o Japão estabeleceu um sistema bilateral de comércio, chamado *kangô-bôeki*, com a China da dinastia Ming, objetivando o combate aos *wakô*, além dos lucros proporcionados pelo intercâmbio. Navios do xogunato ou de poderosos governadores militares de províncias (*shugo*), influentes templos budistas e santuários xintoístas dominavam o *kangô-bôeki*, com participação de grandes comerciantes e agiotas no financiamento das operações comerciais, inclusive o equipamento de navios. As embarcações autorizadas a realizar esse comércio levavam uma espécie

de selo autenticador denominado *kangô-fu*, para sua identificação pelas autoridades chinesas e diferenciá-las dos barcos de *wakô*.

O Japão exportava catanas, chuços e outras armas, leques, biombos, *makie* (objetos laqueados de ouro e prata) e outros produtos artesanais, enxofre, cobre e outros minerais. Importava principalmente moedas de cobre, usadas como moeda nacional do país. Mas, o mais lucrativo artigo de importação era a seda bruta e tecidos de seda. Na verdade estes dois itens passam a representar importância vital no comércio entre o Japão e a China no tempo de Hideyoshi e Ieyasu, como veremos no devido tempo.

De 1434, quando foi enviado o primeiro navio pelo sistema *kangô-bôeki*, até 1547, num espaço de tempo de 113 anos, foram enviadas à China onze missões comerciais, variando o número de navios de três a dez por vez. Os barcos nipônicos aportavam em Ningpo e dali a carga era transportada por terra até Pequim, a capital chinesa. O sistema termina em 1551, com a morte do poderoso daimio Yoshitaka Ouchi (1507-51) que, na época, praticamente monopolizava o comércio *kangô*. Yoshitaka foi um dos primeiros daimios de Kyûshû a reconhecer o Cristianismo, autorizando sua pregação no seu domínio.

* * *

Tal como acontecia no mundo ocidental, no Extremo Oriente igualmente registra-se intensa atividade de piratas e corsários. Explicam historiadores que os *wakô* surgiram por necessidade comercial. Como havia proibição ao comércio particular nos países continentais, navios de mercadores nipônicos, com bases na região do Setonaikai ou litoral de Kyûshû procuravam promover transações comerciais em cidades portuárias chinesas e coreanas. As suas atividades se intensificam no período das guerras entre as duas cortes no Japão (1336-92), quando o país atravessa uma época de grave instabilidade política e a ordem pública sofre perturbação generalizada. Os *wakô* agem com muita desenvoltura, escondendo-se, quando perseguidos por forças superiores, entre as inúmeras ilhas e ilhotas ou baías e enseadas do Setonaikai ou de Kyûshû.

Os *wakô* atuam nos mares do Extremo Oriente, desde as costas

chinesas até as Filipinas. Freqüentemente assaltam o litoral da Coréia e da China. Na fase inicial eram grupos organizados por clãs poderosos e ricos comerciantes de Kyûshû e Honshû Ocidental que buscavam arroz e escravos, investindo contra a península coreana, norte e sul da China. Coreanos e chineses tinham pavor desses invasores.

No começo constituídos exclusivamente por nipônicos, com o passar do tempo incluem chineses, coreanos, e, já na parte final, até aventureiros portugueses. Segundo um livro chinês, em certa época, mais da metade dos *wakô* constituía-se de chineses, sendo alguns bandos chefiados por chineses. Certos autores japoneses afirmam que, na realidade, a maioria dos *wakô* era composta de piratas chineses.

Eles não só atacam embarcações como desembarcam em terra e tomam dinheiro, objetos de valor, escravos e outros pertences da população local. Todavia, nem sempre seus atos são de pura pirataria. "Quando admitidos no mercado, os assaltantes se transformam em mercadores; excluídos, voltam a ser assaltantes", escreve um autor chinês.

Um livro de história de Koma (ou Kôryô), uma dinastia da península coreana, citado pelo prof. Tetsurô Watsuji, diz que os *wakô* intensificaram suas atividades no litoral da Coréia por volta de 1350. O seu objetivo principal consistia em obter arroz. Abordavam barcos-transporte de arroz de Koma e assaltavam depósitos desse cereal em terra. Temos informação de que entre 1375 e 88, num período de treze anos, nada menos do que quatrocentas localidades coreanas foram atacadas por *wakô*.

Diante dos constantes prejuízos sofridos, os governos da China e da Coréia exigem do Japão a repressão dos piratas. O xogunato de Kyôto (Muromachi Bakufu) responde que os *wakô* eram elementos malfeitores da região de Kyûshû, portanto o xogunato não podia se responsabilizar por eles. Essa desculpa mostra bem como a autoridade do poder central do Japão estava debilitada.

Um emissário coreano chegado ao Japão em 1420 relatou que as ilhas Tsushima, Iki, Oshima, Shiga, Hirado e ilhas do norte de Shikoku e outras serviam de bases aos piratas, cujo número calculava em dezenas de milhares com mais de mil embarcações. E acrescen-

tava que os senhores feudais dessas regiões exerciam forte controle sobre os *wakô*. O prof. Watsuji comenta ser possível ter havido certa ligação entre os daimios de Kyûshû e os *wakô*, pois o comércio normal e a atuação da pirataria representavam as duas faces da mesma moeda. Em outras palavras, existe a possibilidade de que as duas atividades fossem realizadas pelos mesmos elementos. Confirmar-se-ia assim a observação feita por um autor chinês, há pouco citada.

Por volta da segunda metade do século XIV, encontramos os *wakô* com duzentas, quinhentas ou mais embarcações. Sua ação é planejada e organizada. Certamente eles representavam o espírito aventureiro e libertário dos japoneses da época, o qual ainda se manifesta nos séculos XV e XVI, nas amplas atividades comerciais no além-mar e na fundação de numerosos núcleos japoneses em terras longínquas do Sudeste asiático.

As atividades dos *wakô* diminuem à medida que o poder central volta a funcionar, com a subida ao poder dos enérgicos chefes militares Nobunaga e Hideyoshi. Concomitantemente se expande e se aperfeiçoa o comércio internacional de caráter oficial. Já na fase final do período Muromachi (século XVI), os piratas nipônicos, que haviam ampliado sua área de ação – em parte devido à perseguição da marinha chinesa – até as Filipinas sofrem a concorrência dos navios mercantes oficialmente autorizados e a repressão cada vez mais enérgica das autoridades. Cabe a Hideyoshi dar o tiro de misericórdia, mediante rigoroso combate aos *wakô* que durante séculos assolaram o litoral da China e da Coréia.

PARTE II

O SÉCULO CRISTÃO

O impacto português

Continuando sua expansão no Oriente, os lusitanos alcançam Macau, sul da China, por volta de 1516, onde, em 1557, estabelecem o seu posto comercial. É um acontecimento de grande importância histórica, pois Macau constitui o primeiro porto chinês a estabelecer comércio com a Europa.

Em 1543, os portugueses Antônio da Mota, Francisco Peixoto e outros chegam num junco à ilha de Tanegashima (ao sul de Satsuma), açoitados por uma tempestade, quando viajavam do Sião com destino a Macau. Uma das novidades (para os japoneses) portada pelos lusos era a espingarda. A arma de fogo pela primeira vez introduzida no país – então em fase de guerras feudais – causa profunda repercussão na arte da guerra dos samurais, como se verá adiante.

Os portugueses mantêm conversações com o barão feudal da ilha, Tokitaka Tanegashima, através de um interpréte chinês.

Três anos depois (1546), três naus portuguesas chegam a Kyûshû, dando início ao intercâmbio comercial com o Japão. Desde então, até a chegada de espanhóis em 1587, durante quatro décadas, os portugueses são os únicos europeus a participar do comércio internacional do Japão. As naus lusas e outras embarcações ocidentais da época passam a ser chamadas *kurofune* (navios negros).

É realmente impressionante o fato do povo português, em pouco mais de três séculos após a conclusão da formação nacional, ter dominado pontos vitais do comércio mundial, desde o Japão no Extre-

no Oriente e o Brasil na extremidade ocidental da Terra. E a população de Portugal não passava de cerca de 1,5 milhão de almas (1495), no reinado de D. Manoel, "o Venturoso". Com a crescente emigração para ocupar e colonizar os novos domínios, a população lusitana decresceu para 1,2 milhão em 1527, segundo nos informa o professor Kiichi Matsuda, em seu *Nanban-jin* no *Nippon Hakken* (A Descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul).

* * *

Em 1549 desembarca no porto de Kagoshima (feudo de Satsuma) o missionário jesuíta Francisco Xavier. (Uma interessante coincidência histórica: no mesmo ano chega à Bahia, um grupo de jesuítas chefiado pelo padre Manoel da Nóbrega, da comitiva do primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza.)

Profundas e importantes conseqüências políticas, econômicas e culturais teve o estabelecimento de intercâmbio comercial e a introdução do catolicismo no país do Sol Nascente.

Vejamos em rápida síntese:

● O Japão passa a participar da complexa engrenagem do comércio internacional daquele período que marca uma nova aurora na história universal, com a ampliação dos horizontes geográficos como resultado de novos descobrimentos, como o das Américas. O Japão importa seda crua, ouro, salitre, açúcar e medicamentos produzidos na China, além de alguns produtos europeus como objetos de vidro, vinho português e produtos tropicais procedentes dos Mares do Sul (como veremos mais detalhadamente logo adiante). Em contrapartida exporta prata, ouro, cobre, artigos de artesanato (espadas, ventarolas, moedas de bronze, caquemonos etc.). Com a seda crua importada, completando a produção doméstica, expande-se a produção de tecidos finos, como o famoso brocado *Nishijin*, de Kyôto. Para atender a necessidade de exportação, incrementa-se a exploração de jazidas de ouro e prata do país. Daimios, (senhores feudais) principalmente de Kyûshû e comerciantes mais ricos tomam parte no lucrativo comércio exterior. Objetos de procedência ocidental como vestuário, móveis, óculos etc. entram em uso em diversas camadas

da população. Com maior expansão do comércio, japoneses se estabelecem em várias partes do Sudeste asiático, desde as Filipinas até a Indonésia, Indochina, Sião, Malaia etc.

• Por coincidência feliz ou sorte, os portugueses chegam ao Japão na fase final das guerras feudais, ou melhor, na etapa da reunificação nacional, quando o comércio entre a China e o Japão havia sido interrompido como conseqüência, principalmente, da atuação dos *wakô*. A situação piora com as duas expedições militares contra a Coréia promovidas por Hideyoshi, na década de 1580. Essa conjuntura permite que os portugueses ocupem o vazio criado no comércio nipo-chinês, abrindo e explorando a rota Macau-Nagasaki.

• A introdução do Cristianismo provoca profundo abalo na vida religiosa dos japoneses, até então adeptos exclusivos das religiões tradicionais, xintoísmo, budismo e confucionismo. No auge da cristianização dos nipônicos, o número de cristãos atinge 400 mil ou 750 mil (um milhão segundo alguns autores). Mas o prof. Kiichi Matsuda acredita que esses números talvez representem o total de japoneses convertidos desde a chegada de Francisco Xavier a Satsuma. (A população do Japão no início do século XVII está estimada em aproximadamente 20 milhões).

* * *

Grande número de japoneses, desde daimios a camponeses, se converte à religião ocidental. O Japão encontra-se então em pleno período de guerras entre feudos (*sengoku-jidai*), cujo fim somente chega com a reorganização feudal centralizadora (ou reunificação nacional) levada a efeito por dois grandes chefes militares, Nobunaga Oda (1539-82) e Hideyoshi Toyotomi (1536-98) e consolidada por Ieyasu Tokugawa (1542-1616).

Vários fatores objetivos contribuíram para a célere expansão do catolicismo:

• Existe receptividade dos japoneses em relação aos componentes culturais europeus contidos na doutrina da nova religião. Aliás

aceitar e assimilar frutos culturais estrangeiros constitui uma atitude tradicional dos nipônicos.

● Os missionários católicos mostram maior seriedade no seu trabalho de proselitismo do que muitos bonzos budistas, acomodados, quando não decadentes ou corruptos; o xintoísmo, empobrecido e desprestigiado, atravessa uma fase crítica de sua história e o confucionismo só no período Tokugawa se torna poderoso.

● Os sacerdotes jesuítas sabem apelar com muita habilidade e eficiência às multidões, inclusive aprendendo a falar o idioma nipônico.

● Nobunaga Oda favorece a propagação da fé cristã, entre outras razões, como um meio de pôr cobro à arrogância e rebeldia de alguns mosteiros budistas, em particular os da seita Ikkô (nome dado à seita Jôdo Shinshû – Verdadeira Seita da Terra Pura), que militarizados, resistiam tenazmente à autoridade dos chefes samurais.

● O interesse dos daimios de Kyûshû em atrair os navios portugueses a seus domínios, a fim de participar do lucrativo comércio internacional.

* * *

Os dois elementos – comerciantes ou "fidalgos comerciantes", como chamam alguns autores, e missionários portugueses chegam num momento de dramáticas transformações na ordem feudal do Japão: as lutas entre os barões feudais assumiam aos poucos o caráter de disputa pela hegemonia nacional. A obra de unificação, ou melhor, de reunificação nacional iria completar-se pela espada de Nobunaga e Hideyoshi após um século de sangrentas guerras. Os lusitanos exercem considerável influência na vida religiosa, econômica, cultural e política do país.

Embora recentes pesquisas e estudos estejam revelando aspectos até então insuspeitos da influência lusitana na vida cultural do Japão, respeitáveis historiadores, tanto japoneses como ocidentais,

costumavam encarar tal influência como de duração curta, encerrada com a supressão do Cristianismo no começo do século XVII. Até um autor consagrado como George Sansom opinou que a influência aludida não passava de "apenas um episódio secundário", na longa história do Japão.

* * *

O professor Kiichi Matsuda que traduziu para o japonês a monumenal *História do Japão* do jesuíta Luís Fróis (1532-97) com a colaboração do prof. Momota Kawasaki (tradução completa, a primeira a ser feita no mundo, compõe-se de doze volumes, média de 370 páginas cada) destaca na já citada *A Descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul,* as realizações comerciais de Portugal. Sublinha que no tocante à obra de cristianização, os espanhóis levaram a melhor, conseguindo converter, pela sua política de "conquista", inúmeros povos pagãos, desde os impérios Inca e Asteca até os nativos do arquipélago das Filipinas. Em contraste, os portugueses preferiam ocupar postos estratégicos litorâneos em muitos pontos do globo, construindo fortalezas e feitorias, com a finalidade precípua de promover ou proteger atividades comerciais.

Por outro lado, os lusitanos fixavam-se facilmente na terra conquistada ou colonizada por eles, em qualquer parte do mundo, acabavam assimilados à população local, casando-se com nativas. Na Índia e outras regiões asiáticas observou-se rápida decadência moral dos colonos e mesmo de guarnições militares que sucumbiam ao fascínio da lassidão tropical dos costumes.

Contrariamente, os holandeses enviados à Ásia voltavam para sua terra natal, tão logo terminado o período de serviço.

Ainda de acordo com o prof. Matsuda, o Cristianismo, língua, hábitos e costumes dos portugueses não desapareceram em várias regiões da Ásia. Ele se surpreendeu ao ouvir a população de uma aldeia do litoral de Malaca falar ainda hoje a língua lusa. Isso depois de quatro séculos desde a conquista portuguesa e de haver sido dominada sucessivamente por holandeses, ingleses e malaios. Fenômeno semelhante poderá ser observado em outras partes do mundo, comenta o escritor japonês.

Seis anos depois da chegada dos primeiros lusitanos a Tanegashima, precisamente a 15 de agosto de 1549, dia da Ascensão de Nossa Senhora, desembarcavam no porto de Kagoshima, feudo de Satsuma, no extremo sul da ilha de Kyûshû, de um junco chinês, três europeus em trajes até então não vistos no Japão: eram sacerdotes jesuítas, chefiados por Francisco Xavier, com suas batinas escuras. Os dois outros sacerdotes eram o padre Cosme de Torres e o irmão João Fernandes.

Em companhia deles encontravam-se três nipônicos: um tal de Yajirô – que, três anos antes, havia fugido em barco português, depois de haver cometido um assassinato, seu irmão e um criado. Yajirô – na verdade um ex-monge budista – que conheceu Xavier em Malaca, aprendeu o português em Goa, converteu-se ao catolicismo, recebendo o nome de Paulo da Santa Fé. Natural de Satsuma, tornou-se o primeiro cristão japonês. Ajudou muito o missionário em sua obra catequizadora, servindo de intérprete e guia nas viagens pelo território nipônico. Entretanto, Paulo da Santa Fé teve um fim nebuloso. Segundo alguns autores, ele desapareceu depois da partida de Xavier, acompanhando um grupo de piratas, provavelmente *wakô*.

Xavier (*Zabieru*, em japonês), descendente de nobres espanhóis, possuía ardente espírito missionário. Ele e seus companheiros Cosme de Torres e João (ou Juan) Fernandes usam no seu trabalho evangelizador os Dez Mandamentos, o Catecismo e a Vida de Cristo, traduzidos por Paulo da Santa Fé.

No Japão os cristãos são chamados *Kirishitan*, corruptela daquele termo lusitano, assim como *irumam* (irmão), *bateren* (padre), *Deosu* (Deus) e outras palavras que passam a integrar o vocabulário japonês.

No começo do seu contato com os padres jesuítas, muitos nipônicos acreditavam que a nova religião vinha da Índia, representava uma nova seita do budismo. Alguns ouviram a pregação de Xavier e se converteram, julgando tratar-se o Cristianismo efetivamente uma nova seita budista.

Os daimios e funcionários do governo central, vendo que os pa-

dres mereciam tratamento reverencial por parte dos fidalgos-mercadores, marinheiros e outros portugueses, entenderam tratar-se de pessoas dignas de respeito. Aos poucos, porém, a verdade da doutrina cristã foi sendo apreendida. E então surgem atritos e conflitos em conseqüência do ataque dos missionários ao budismo e ao clero budista. O próprio daimio de Satsuma, Takahisa Shimazu, acaba proibindo o proselitismo cristão no seu domínio, um ano após a chegada de Xavier a Kagoshima.

Xavier resolve deixar Satsuma. Passando por Hirado e Yamaguchi, chega à metrópole, Kyôto, com o intuito de avistar-se com altas autoridades do país e ampliar a área de sua atuação. Ele perspicazmente percebeu que o meio mais eficiente de difundir o Cristianismo no povo japonês era começar pelas altas esferas. Ele verificará que os japoneses obedeciam ou seguiam os seus superiores com muita disciplina.

Entretanto, Kyôto se encontrava em lastimável estado de caos político e administrativo, tendo sido freqüente palco de conflitos armados, desde a Conflagração de Ônin (1467), que marca o início do período das guerras feudais que dura mais de cem anos. Xavier concentrou então seus esforços evangelizadores em Hirado e Yamaguchi. Este feudo, pertencente ao clã Ouchi, na época gozava de grande prosperidade, abrigando muitos nobres, artistas, monges budistas e intelectuais refugiados de Kyôto.

O missionário consegue bons resultados, cerca de mil conversões, com a colaboração de seus companheiros e a dedicação de Paulo da Santa Fé. Em 1551, Francisco Xavier, cuja posição na Companhia de Jesus era de superior da missão na Índia, julgou ser seu dever voltar, já que há mais de dois anos não recebia notícias de Goa. Parece que chegara à conclusão de que seria mais fácil cristianizar o Japão depois de evangelizar a China. Pois o velho Yamato não recebera do continente o budismo, o confucionismo e o *kanji*, três grandes alavancas da sua evolução cultural? Em carta escrita em janeiro de 1552 aos seus companheiros da Europa, manifesta a intenção de se dirigir à China, "porque é terra onde se pode muito acrescentar à lei de nosso Senhor Jesus Cristo e se a receberem seria grande ajuda para no Japão a aceitarem também", segundo nos informa Armando Martins Janeira.

Os bons resultados conseguidos por Xavier na obra missionária se devem, além das condições sociais favoráveis já apontadas, à seriedade e dedicação do sacerdote à sua causa. Em sua viagem de Satsuma a Yamaguchi, então um dos mais poderosos feudos do Japão, via Hirado, e de Yamaguchi a Kyôto, e daí para Shimabara, Omura etc., ele observou atentamente o comportamento do povo, conversando com numerosas pessoas de diferentes classes e profissões, tomando conhecimento de seus hábitos e costumes, aproximando-se delas.

Após estudar e analisar os nipônicos, Xavier chegou à conclusão de que eles eram dos povos orientais até então "descobertos", os mais bem dotados. Tinham profunda noção de honra, cultivavam a cortesia, obedeciam aos superiores hierárquicos, tinham sede de conhecimentos, gostavam de ouvir histórias baseadas na razão. O missionário previa futuro promissor para a religião cristã. Esta seria aceita por amplas camadas da população. Todavia era necessário muito esforço para se alcançar resultados positivos. Quando a Companhia de Jesus enviasse missionários, indispensável se tornava proceder a rigorosa seleção dos homens. Pois japoneses cultos ou sacerdotes budistas costumavam questionar muitos pontos do evangelho de Cristo. Os missionários precisavam estar devidamente preparados e possuir bons dotes oratórios.

Em suas andanças para a pregação da fé, recebeu proteção de daimios como Yoshitaka Ouchi (de Yamaguchi) e Sorin Ohtomo (de Bungo). Arguto observador, Xavier percebeu a importância de conquistar a adesão dos homens do poder. Pressentiu que obtendo apoio e conversão de um daimio seria possível estender esse resultado a toda a população do feudo. Por isso, os missionários que se lhe seguiram na obra catequizadora no Japão procuraram aproximar-se dos homens mais poderosos da época como influentes daimios, grandes chefes militares como Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu.

Depois de dois anos e três meses de intenso trabalho de evangelização, Francisco Xavier deixou o Japão com destino a Goa. Na Índia concebeu um plano de pregação da fé cristã no Japão, com base nas observações feitas naquele país. Com apoio do vice-rei da Índia, a Companhia de Jesus mandou em 1552 três missionários ao Japão. Foi o começo do envio regular de seus sacerdotes ao Yamato.

Ainda em Goa, Xavier encontrou Diogo de Pereira que havia estado na China, por ordem do vice-rei da Índia, Dom Afonso de Noronha. Pereira contou os terríveis sofrimentos impostos aos cristãos nas prisões chinesas. O missionário resolveu então dirigir-se à China sem perda de tempo. Mas, vitimado por moléstia, faleceu em dezembro de 1552, na pequena ilha de Chang-Chuang, já em território chinês.

Francisco Xavier (1506-52) nascido na Espanha e com estudos na França, acompanhou Ignácio de Loyola na fundação da Companhia de Jesus em 1540. A nova ordem religiosa, fundada por Loyola e mais seis companheiros, visava a recuperar o terreno perdido pelo catolicismo por causa da expansão do protestantismo. Seus membros juravam pobreza, abstinência e obediência para se dedicar de corpo e alma ao serviço da Companhia.

Daí o entusiasmo e devotamento com que os jesuítas se entregavam à sua missão, em qualquer parte do mundo para onde eram enviados.

No Japão o número de missionários jesuítas aumenta para seis em 1560 e, uma década depois, alcança cerca de vinte.

* * *

O missionário Francisco Xavier que previa êxito na obra de evangelização do Japão, devido à índole disciplinada e espírito receptivo do seu povo em relação a frutos culturais estrangeiros, era um homem fértil em idéias e iniciativas. Uma delas, surpreendente, se considerarmos que ele viveu apenas pouco mais de dois anos no Japão em meados do século XVI, foi o envio de estudantes ao exterior. O sacerdote queria mandar muitos jovens japoneses à Europa, acabou por escolher apenas quatro.

Parece que a intenção de Xavier consistia em levar os quatro jovens a Malaca e Goa e ensinar-lhes o idioma português, além, naturalmente, da doutrina cristã. E fazer com que, ao retornarem à pátria, se dedicassem à catequização dos compatriotas. Segundo informa o prof. Matsuda, no livro já mencionado, os quatro jovens foram em-

barcados no mesmo barco chinês A-Wan, no qual Xavier chegara a Kagoshima em 1549.

Graças à recomendação de Xavier, os estudantes nipônicos tiveram uma calorosa recepção em Malaca, onde chegaram em abril de 1550. Hospedaram-se na casa de um cristão chinês e foram recebidos pelo comandante militar português e outras autoridades. E receberam o batismo numa imponente cerimônia realizada numa igreja. Entretanto, pouco depois, três deles regressaram ao Japão e um permaneceu em Malaca. Diz o mesmo autor que não há notícias sobre se, posteriormente, os quatro estudantes corresponderam ou não à esperança de Xavier.

* * *

Quando Xavier deixou o Japão em 1551, partindo de Bungo rumo à Índia, levou consigo dois jovens estudantes: Bernardo, natural de Kagoshima e Mateus, nascido em Yamaguchi. O grupo chegou no começo de 1552 a Goa, onde Mateus faleceu logo depois, não resistindo ao calor indiano.

Bernardo, o de Kagoshima, seguiu viagem à Europa, enfrentando a tormentosa navegação pelo périplo africano, contornando a extremidade sul do Continente Negro e chegando a Lisboa em 1553. Segundo relato do diretor de um colégio lisboeta, Bernardo chegara extremamente fatigado e debilitado pela longa e difícil viagem. Depois de muito estudar, inclusive freqüentando um seminário em Coimbra, ingressou na Companhia de Jesus. Por ordem superior, em julho de 1554, Bernardo seguiu para Roma, em companhia de outros colegas.

Sua saúde continuou precária. Partindo de Portugal, ao chegar a Segóvia, na Espanha, teve que repousar alguns meses para tratamento. Em fins do mesmo ano prosseguiu viagem de navio, de Valência a Barcelona, alcançando Roma em janeiro seguinte. Ignácio de Loyola, fundador e geral da Companhia de Jesus, recebeu de braços abertos o jovem Bernardo, mandado pelo seu companheiro Francisco Xavier, do longinquo Japão.

Bernardo, o primeiro japonês a estudar em terras européias, impressionou vivamente a todos pela sua profunda dedicação ao estu-

do, sua fé inabalável e honestidade. Em 1556 retornou a Coimbra, viajando pelo Mediterrâneo. Seu estado de saúde agravou-se e ele faleceu por volta de fevereiro de 1557. Até o último momento de sua vida manifestou sua firme crença na vida eterna.

O padre João Rodrigues, em nota de rodapé de sua grande obra *História da Igreja do Japão*, diz que Bernardo, natural de Satsuma, o primeiro japonês a receber o batismo no Japão, e o "primeiro irmão nosso japonês", – "foi recebido em Roma pelo nosso Santo Padre Ignatio e faleceu em Coimbra".

* * *

Depois de experimentarem vários portos, os navegantes portugueses escolheram Nagasaki, na costa oeste de Kyûshû, como de melhor localização geográfica e topográfica. Além de principal (posteriormente único) porto de comércio internacional, Nagasaki se tornou a verdadeira capital do Cristianismo no Japão.

O padre Gaspar Vilela, chegado de Goa a Funai em 1556, fixa-se naquela cidade portuária em 1568, dedicando-se com entusiasmo à obra missionária. Consegue batizar 1.500 japoneses, constrói a Igreja de Todos os Santos. Daremos mais informações sobre Nagasaki como porto comercial na Parte III.

Nobunaga apóia os missionários

Na campanha militar de reunificação nacional do Japão (dividido em numerosos feudos de todos os tamanhos e em guerra entre si), surge a figura ímpar de Nobunaga Oda que, partindo de um pequeno feudo do Japão central, chega a dominar quase todo o país. Mas, sendo morto por um seu general, cabe a Hideyoshi Toyotomi completar a obra inconclusa deixada por Nobunaga.

Todavia, aqui nos interessa mais a atitude de Nobunaga em relação ao Cristianismo do que as lutas políticas e conflitos militares internos. Como vimos, ele ajuda a religião cristã, não porque nutrisse simpatia especial por ela. Além da curiosidade que tinha em conhecer os ocidentais e através deles conseguir informações sobre o mundo até então desconhecido no Japão, queria contrapor a força da

fé católica à budista. Isso porque algumas correntes búdicas, como a seita Ikkô, causavam-lhe muito embaraço e dor de cabeça, por sua obstinada resistência e rebeldia ao poder militar (dos samurais).

Francisco Xavier não conseguiu pregar nas ruas de Kyôto, arruinada por guerras e também por causa da hostilidade dos budistas. Entretanto, o padre Gaspar Vilela pôde abrir caminho na vetusta Heian (nome antigo de Kyôto). Lá chegou em 1559, acompanhado de dois auxiliares nipônicos. Vilela já estava há três anos e meio no país, aprendera o japonês em Funai (atual província de Oita, Kyûshû). Para enfrentar as dificuldades da situação adversa, o sacerdote raspou o cabelo e a barba, vestiu uma batina preta simples, disfarçando-se de bonzo.

Um de seus acompanhantes japoneses era o irmão Lourenço, antigo tocador de *biwa* (espécie de bandolim), cego e feio, porém muito eficiente na pregação da fé. Mesmo assim, Vilela e seus companheiros defrontaram-se com muitos óbices e percalços, em especial a hostilidade dos religiosos budistas de Kyôto. Depois de muitas vicissitudes conseguem comprar um velho templo budista onde instalam uma igreja católica. Seus esforços foram finalmente compensados pela conversão de número crescente de japoneses.

Vilela converte samurais de categorias diversas e gente do povo como lavradores, comerciantes e artesãos. Até o daimio Ukon Takayama (1552-1614), senhor do feudo de Takatsuki, da província de Settsu, recebe o batismo no seu castelo. Na pia batismal, Ukon recebe o nome cristão de Justo; seu filho batizado aos 10 anos passa a chamar-se Dario. Estima-se que em Settsu, próxima a Kyôto, o número de cristãos tenha alcançado 8 mil, cerca de um terço da população do território.

Durante sua permanência na região metropolitana, Vilela, acompanhado do padre Luís Fróis, consegue ser recebido pelo xogum Yoshiteru Ashikaga (1536-65) e outras autoridades do *bakufu*. E obtém privilégios idênticos concedidos aos templos budistas, como isenção tributária, proteção contra assaltos etc.

* * *

O padre Luís Fróis, enviado ao Japão depois de atuar durante nove anos em Malaca, desempenha importante papel na obra catequi-

zadora de japoneses. Suas cartas contam muitos fatos históricos do período que vai de 1549 a 1578 (marcado por grandes crises políticas, convulsões sociais, guerras incessantes entre feudos, revoltas camponesas etc.). Sua presença em Kyôto coincide com a fase de espetacular ascensão do prestígio de Nobunaga no cenário político-militar.

Nobunaga Oda que entra em Kyôto à frente de seus exércitos para defender Yoshiaki Ashikaga (1537-97), décimo quinto e último xogum do debilitado xogunato Muromachi, logo depois o depõe, tornando-se senhor de fato do Japão. Chamado ditador e governante violento e inescrupuloso por muitos, Nobunaga adota uma atitude benevolente em relação ao Cristianismo, pelos motivos há pouco expostos.

Temos então um período de grande expansão do movimento jesuíta, com a construção de muitas igrejas, santas casas de misericórdia (ou hospitais), colégios e seminários, apoiados em sua manutenção por contribuições e doações dos fiéis.

Nas santas casas, os doentes, inclusive leprosos, recebem tratamento da medicina ocidental, coisa que acontecia pela primeira vez no Japão. A medicina tradicional era de origem chinesa, com contribuição de estudos feitos no Japão. Os jesuítas constroem um grande seminário em Arima e outro junto ao famoso castelo de Azuchi, erigido por Nobunaga. O irmão Luís de Almeida (1525-83) introduz a cirurgia ocidental no hospital construído pelos jesuítas e ali ministra aulas de medicina ocidental a japoneses interessados. (Sobre suas atividades médicas e científicas falaremos mais um pouco no capítulo dedicado a ciências – Parte IV).

O padre Alessandro (ou Alexandre) Valignano (1539-1606), italiano de nascimento, visitador da Companhia de Jesus, foi recebido por Nobunaga em Kyôto e no belo castelo de Azuchi. Valignano impressionou profundamente Nobunaga, pela sua avantajada estatura e seus escravos negros divertiram o chefe militar.

Por volta de 1580-82, o número de cristãos nipônicos atinge 150 mil e cerca de 200 igrejas, na maioria de dimensões modestas. A construção da pequena igreja de Kyôto, datada da época dos primeiros catequizadores da metrópole (Vilela e outros), já estragada pela ação do tempo, tem início em 1575. O padre Gnecchi Soldi Organti-

no, outro italiano, fica encarregado da obra. No dia 15 de agosto do ano seguinte, inaugura-se o templo assobradado, que recebe o nome de Nossa Senhora de Assunção. É o celebre *Nanban-ji* (Templo dos Bárbaros do Sul), conhecido através de pinturas *nanban*.

Os seminários são instalados com a finalidade de educar jovens japoneses para auxiliares de padres missionários. Ensinam-se também a leitura e escrita japonesas, rudimentos de português e latim, canto e música. Grande número de filhos de daimios, samurais e nobres se matriculam nos seminários de Azuchi e Arima. Nos colégios formam-se irmãos.

Não obstante a campanha hostil movida por budistas e outros adversários, inclusive alguns confucionistas influentes, o Cristianismo se expande muito, em cerca de três décadas desde seu desembarque no território nipônico.

Embaixada juvenil

O padre Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus, almeja obter mais apoio do Papa e do rei de Portugal para o trabalho missionário dos jesuítas e, se possível, o monopólio da obra evangelizadora no Japão. Para isso idealiza um plano para mostrar-lhes os bons resultados do esforço dos catequizadores no Japão. O plano consistia no envio de uma missão de jovens à Europa, ou mais precisamente, à Roma.

Três daimios cristãos de Kyûshû concordaram em concretizar a idéia de Valignano: Francisco Yoshishige (ou Sorin) Ohtomo (1530-87) daimio de Bungo, Protásio Harunobu Arima (1567-1612), senhor de Arima e Bartolomeu Sumitada Omura (1533-87), de Omura. Foram escolhidos como delegados titulares dois meninos com a idade de 14 a 15 anos: Mansho (Mancio) Ito e Seizaemon (Miguel) Chijiwa, e como suplentes Julião Nakaura e Martinho Hara, todos filhos de famílias católicas samurais e mais alguns acompanhantes. Eles deveriam prestar suas homenagens, em nome dos seus respectivos daimios, ao rei de Portugal em Lisboa e ao sumo pontífice em Roma. E solicitariam ao Papa a sua ajuda, a fim de privilegiar a obra

missionária dos jesuítas no Japão. A missão juvenil tinha ainda os seguintes objetivos:

- Mostrar à Igreja e aos europeus em geral o esplêndido resultado alcançado pela Companhia de Jesus no trabalho de cristianização de japoneses;

- Mostrar aos jovens japoneses enviados, a excelência da civilização cristã na Europa, familiarizá-los com a grandeza da Igreja Católica, para, posteriormente, se dedicarem à obra de engrandecimento e glória do movimento jesuíta nas terras de Yamato.

* * *

A missão partiu de Nagasaki em fevereiro de 1582, conduzida pelo padre Valignano. Por necessidade de aguardar vento favorável, teve de permanecer longos períodos em Macau, Cochin (Índia), Goa, etc. Durante a viagem os adolescentes recebiam lições de latim, música, geografia, história, hábitos e costumes de diversos povos. Contudo, por causa das precárias condições dos barcos e a agitada permanência na Europa, não tiveram condições e tempo necessários para estudos sérios, aprofundados, como veremos adiante.

Deixando o padre Valignano em Goa, por ter sido nomeado provincial da Índia, a delegação agora dirigida pelo padre Nuno Rodrigues, chegou a Lisboa em julho de 1584, dois anos e meio depois de zarpar de Nagasaki. Pode-se imaginar a emoção dos rapazes ao pisarem, pela primeira vez, o chão da Europa.

O rei da Espanha Felipe II ocupava o trono de Portugal. (Por falta de herdeiro da dinástia lusa, a família real espanhola – parentes dos reis portugueses – acumula o trono português, de 1580 a 1640, época em que também o Brasil ficou sob domínio espanhol. É então que acontece a invasão holandesa no Nordeste, porque a Holanda se achava em guerra com a Espanha.).

Por essa razão, a missão dirigiu-se a Madri, onde entregou ao rei Felipe II, as cartas dos três daimios cristãos endereçadas ao monarca de Portugal. Depois de receberem homenagens na capital espanhola, os jovens prosseguiram viagem, passaram por Alicante, atravessaram

o Mediterrâneo setentrional e chegaram a Livorno, norte da Itália. A 21 de fevereiro de 1585, chegaram finalmente a Roma, o destino final da missão.

O Papa Gregório XIII, ao tomar conhecimento da embaixada vinda das distantes terras do Extremo Oriente, para lhe apresentar respeitos, ficou encantado. E antes mesmo da chegada dos jovens, em janeiro daquele ano, outorgou à Companhia de Jesus poderes exclusivos da propagação do evangelho no Japão, concedendo ainda, para os vinte anos seguintes, uma ajuda anual de quatro mil ducados. O objetivo principal visado por Valignano se concretizava.

Gregório XIII, e após a morte deste, seu sucessor Xisto V, cumularam de gentilezas os jovens emissários, vindos de um país tão distante como o Japão, então quase completamente desconhecido na Europa. Os rapazes tiveram oportunidade de assistir aos funerais de um papa e a cerimônia de coroação de outro. Durante sua permanência de mais de oito meses, são tratados como membros da nobreza européia, ganham títulos de cidadãos de Roma. Visitam igrejas, palácios, quartéis, escolas, fábricas, museus, admirando obras arquitetônicas e pinturas de grandes mestres, clássicos e renascentistas.

Em maio de 1585, a missão deixa Roma, visita diversos principados do norte da Itália, embarca em Gênova, passa por Barcelona e chega a Lisboa. No ano seguinte (1586) parte da capital portuguesa, regressando ao Japão via Goa (onde a aguardava o padre Valignano) e Macau. A sua chegada a Nagasaki se deu a 21 de julho de 1590, tendo a viagem de ida e volta durado oito anos e cinco meses. Só a longa viagem de volta levou mais de quatro anos.

* * *

Como se verificou entre os objetivos principais do padre Valignano ao enviar a jovem embaixada a Roma figurava o de ensinar-lhe os aspectos positivos e civilizadores do Cristianismo. Nesse sentido, não diferia muito da finalidade visada, trinta anos antes, por Francisco Xavier, ao mandar o moço Bernardo de Kagoshima estudar em Roma.

Depois de verem e admirarem a pompa e a grandeza do mundo europeu, os mancebos tiveram, naturalmente, oportunidades de ex-

por suas impressões aos compatriotas, uma vez retornados à pátria. Mas tais ocasiões parecem ter sido escassas ou praticamente inexistentes, porquanto eles ingressaram em mosteiros, isolando-se do mundo e, por outro lado, o Cristianismo sofria perseguição oficial, cada vez mais cruel e violenta.

Embora reconhecendo a perspicácia de Valignano ao empreender a grande viagem dos jovens católicos à Europa, o prof. Kiichi Matsuda aponta alguns erros de avaliação do missionário. Por exemplo:

- Valignano reconhecia a capacidade intelectual dos japoneses, razão porque considerava inimaginável sua submissão a uma dominação estrangeira. Todavia considerava possível aos europeus controlá-los culturalmente. Em seu primeiro relatório diz, entre outras coisas, que o Japão se encontrava a distância muito grande da Europa e os nipônicos, não dispondo de instrumentos culturais como o latim para conhecer a Europa a fundo, "só sabem aquilo que lhes contamos".

- Proibiu aos jovens da embaixada qualquer contato direto com as populações da Europa, não lhes ensinando o português ou outra língua popular em grau suficiente, determinando-lhes que obedecessem à interpretação do guia, o padre Mesquita. Mancio e seus companheiros, originários do interior de Kyûshû, eram rapazes muito obedientes.

- Faltou empenho em ensinar cultura nipônica aos jovens. Por isso, ao seu regresso da Europa, já como adultos, com mais de vinte anos de idade, não dominavam bem o idioma nipônico (culto). Por isso, o próprio Valignano escreveu *Crônica dos Diálogos dos Enviados* com o objetivo de demonstrar aos japoneses que a Europa os superava em tudo. "Mesmo que essa obra fosse traduzida para o japonês, é duvidoso que os japoneses aceitassem, sem crítica, os pontos de vista do missionário acerca do mundo, as raças humanas etc.", comenta o prof. Matsuda.

Muito embora os jovens fossem esforçados em seus estudos, não puderam aplicar-se o necessário, por causa das condições da longa

viagem, como já sublinhamos. Em latim, por exemplo, ficaram em condições iguais ou inferiores em seu conhecimento, aos colegas que permaneceram no Japão. Nem Mancio Ito, nem Miguel Chijiwa sabiam escrever razoavelmente bem o japonês. Em resumo, consumiram o período de vida mais precioso para o desenvolvimento intelectual, numa longa e cansativa viagem, com pouco proveito para a sua formação cultural.

Nessas condições, apesar da longa excursão ao exterior, os moços embaixadores não conseguiram conquistar o respeito dos compatriotas, nem atuar com eficiência na sociedade nipônica.

Para o trabalho evangelizador no território nipônico era indispensável dominar perfeitamente o latim e o japonês, dois idiomas para cuja aprendizagem aprofundada exige-se um esforço diligente durante muitos anos desde a infância.

* * *

Entre os acompanhantes da missão à Europa havia um jovem chamado Constantino Kazariya que chegou a conhecer em profundidade o idioma luso e o latim. Mas não conhecia suficientemente a escrita japonesa. Ao que parece, ele havia desistido de aprender o seu vernáculo.

Um frade japonês de nome Jorge Loyola que acompanhou a missão, na qualidade de professor de japonês dos jovens e contava vinte anos de idade, no momento da partida, faleceu na viagem de volta em Macau, vítima de moléstia.

Por seu lado, o padre Valignano tinha motivos para se aborrecer com o Japão, por causa do decreto de expulsão dos padres jesuítas (1587) baixado por Hideyoshi e também pela discutível qualidade de muitos estudantes que ingressavam nos colégios católicos. Muitos deles ingressavam nos institutos de ensino cristãos não por vontade própria, e sim obedecendo à ordem dos pais.

Estudantes no exterior

Depois do regresso da primeira embaixada, Valignano tentou enviar uma segunda missão, desta vez com o objetivo de formar padres

japoneses. A idéia porém foi rejeitada pelos membros da própria Companhia, insatisfeitos com o resultado da missão de jovens.

Por todas as razões aludidas, o padre Valignano tomou a decisão de criar um colégio em Macau, base de operações comerciais lusitanas no Extremo Oriente. O colégio jesuíta de Macau foi inaugurado em 1593. Destinava-se a formar futuros missionários jesuítas que deveriam atuar não só no Japão como na China e Indochina.

O colégio de Macau recebeu em 1595 cinco estudantes de teologia, dos quais três de nacionalidade nipônica.

Juliano Kazariya morreu vitimado pela tuberculose, logo após concluir o curso de teologia. Somente Sebastião Kimura e Luís Matsubara (há dúvidas sobre o nome de família desses estudantes) foram ordenados padres. São os primeiros japoneses a alcançar essa hierarquia sacerdotal (*shisai*).

Valignano entusiasmou-se com o seu plano de enviar estudantes de teologia ao colégio de Macau. Em 1601 encaminhou dezessete, entre os quais figuravam os nomes de Mancio Ito e Juliano Nakaura, membros da missão à Europa. Ignoram-se os motivos da não inclusão dos dois outros, Miguel Chijiwa e Martinho Hara.

Sabe-se, porém, que Miguel Chijiwa abandonou pouco depois a fé cristã, desligando-se da Companhia de Jesus. Em 1604, Mancio Ito e Juliano Nakaura retornaram ao Japão e foram ordenados padres em Nagasaki, juntamente com Martinho Hara. Posteriormente, (1614) este último figurou entre os sacerdotes católicos expulsos para Macau.

* * *

Um cristão de nome Tomás Araki, cujos antecedentes são completamente desconhecidos, chegou a Roma em data ainda não precisada, com a decisão declarada de se ordenar padre. Tem-se apenas a informação de que ele mantinha alguma ligação com a Companhia de Jesus no Japão. Também são desconhecidos os caminhos, certamente cheios de dificuldades e percalços, que percorreu até alcançar Roma. Naquela cidade conseguiu colocar-se sob a proteção de um cardeal, com o que pôde estudar num seminário romano. Por volta de 1610 foi ordenado padre. Já em 1614 chegava a Macau, passando

pela Espanha, Portugal e Índia. Em 1615 penetrou clandestinamente no Japão, onde atuou como padre leigo durante cerca de quatro anos.

Em agosto de 1619 foi detido pela polícia do *bakufu*. Vinte dias depois apresentou-se aos funcionários do governo para declarar que abandonava a fé cristã e a função sacerdotal, pedindo sua libertação. Uma vez em liberdade, o apóstata colaborou eficazmente na repressão ao Cristianismo do xogunato Tokugawa, servindo como auxiliar do prefeito de Nagasaki, então sob administração direta do xogum.

Tomás Araki contribuiu muito nas medidas de repressão e perseguição do cristianismo levadas a efeito pelo governo. Todavia, segundo informação circulada entre cristãos europeus, Tomás Araki teria assistido à execução de 14 mártires cristãos em 1649, ocasião em que, arrependido, retornou ao seio da família cristã. Ainda segundo essa versão, Tomás foi então tomado como insano e acabou morrendo no cárcere.

* * *

Alguns frades japoneses de Macau decidiram seguir o exemplo de Tomás Araki, dirigindo-se por conta própria a Roma, a fim de se tornarem padres. Em Macau, em represália à repressão do regime Tokugawa e também por causa da antipatia do visitador que sucedeu a Valignano, os religiosos nipônicos estavam impedidos de estudar o latim, ficando desse modo condenados a passar a vida toda como simples frades ou irmãos sem possibilidades de subir na hierarquia católica.

Na mesma época em que Tomás Araki abandonava o Cristianismo, pelo menos três frades nipônicos se dirigiram de Goa para Roma. Um deles, Pedro Kibe, teria seguido de navio de Goa a Ormuz, no Golfo Pérsico, e dali, por terra, atravessando o deserto da Arábia, alcançado Jerusalém e Palestina. Sem dúvida foi o primeiro japonês a pisar o solo da Terra Santa.

Finalmente em 1620 atingiu a sonhada Roma. Pouco depois chegavam os dois companheiros. Sem conhecer a língua, nem dispondo de recursos para viver numa cidade estrangeira, eles sofreram penú-

rias e dificuldades indescritíveis. Tinham porém a força da fé e muito vigor físico.

Pedro Kibe conseguiu passar nos exames e ordenou-se padre naquele ano, sendo ainda admitido na Companhia de Jesus. Já estava com 33 anos de idade. Dois anos depois decide retornar ao Japão. Zarpa de Roma, contorna o cabo da Boa Esperança, passa algum tempo em Macau, Sião, Manila, ilha de Lubang (nas Filipinas). Assim, só oito anos depois de deixar Roma consegue desembarcar clandestinamente em território japonês. A sua longa viagem de volta não deve ter sido menos árdua, nem menos aflitiva do que na ida a Roma.

Depois de regressar ao Japão em 1630 – o país apertava o cerco aos sacerdotes e crentes cristãos – Pedro Kibe entregou-se à obra de evangelização. Em 1639 – ano em que foi decretado o fechamento do país – caiu nas garras da polícia de repressão, no feudo de Sendai, norte de Honshû, sendo a seguir enviado a Edo (atual Tóquio) para ser executado.

A coragem e a ousadia de poucos japoneses que, desafiando o complexo de superioridade de alguns chefes jesuítas de Macau, conseguiram viajar até Roma para estudar, impondo-se ao reconhecimento geral pela sua diligência, honestidade e aplicação aos estudos naquela longíqua cidade e naquela remota época, é algo que merece registro especial.

Pena que, pelo menos até o momento, não disponhamos de mais informações a respeito desses verdadeiros pioneiros e heróis da cultura ocidental no Japão.

Revertério na sorte dos cristãos

Poucos meses depois da partida da embaixada juvenil de Nagasaki, quando ela ainda se achava em Macau, em junho de 1582, Nobunaga Oda é traído e morto por um seu general e subordinado, Mitsuhide Akechi (1537-82), no templo Honnô, de Kyôto. Akechi logo a seguir é vencido e morto por Hideyoshi Toyotomi, que sucede no poder a Nobunaga, derrotando os concorrentes e adversários em memoráveis batalhas.

Hideyoshi não funda um xogunato como fizeram dois seus antecessores no domínio militar do país: Yoritomo Minamoto (1147-99) e Takaaji Ashikaga (1305-58), fundadores respectivamente dos *bakufu* (xogunato) de Kamakura (1192-1333) e Muromachi (1336-1573). Hideyoshi governa na qualidade de alto dignitário da corte imperial. É nomeado pelo micado *kanpaku* (conselheiro-mor do imperador) e *daijô-daijin* (ministro-presidente ou grande ministro). Na história ele é mais conhecido pelo título de *kanpaku* ou *taikô* (ex-*kanpaku*), porque transfere o título de *kanpaku* ao filho adotivo, conservando porém todo o poder em suas próprias mãos.

* * *

No começo de sua gestão como supremo mandatário do país, Hideyoshi trata bem os sacerdotes católicos. Chega a mostrar-lhes a intimidade dos castelos e a exibir-lhes barras de ouro. Aproveita os conhecimentos de astronomia, geografia, navegação, etc. dos portugueses na sua política exterior de expansão comercial e territorial (Campanha da invasão da Coréia, planos de ataque à China, Taiwan, Filipinas, etc.). Tanto Nobunaga como Hideyoshi ficam sabendo, por meio de um globo, a posição geográfica do arquipelágo japonês no mundo.

Mas, de repente, "como uma tempestade em pleno dia de sol" como descrevem historiadores, a sorte dos cristãos sofre uma reviravolta de 180 graus. Em 1587, sem nenhum aviso prévio, Hideyoshi baixa um edito ordenando a todos os barões feudais que expulsem os missionários de seus domínios.

O padre Valignano que retornara ao Japão, acompanhando a missão juvenil, conseguiu com dificuldade ser recebido por Hideyoshi, juntamente com os membros da embaixada, em 1590. O jesuíta entregou ao *Taikô* a carta e presentes do vice-rei da Índia. O novo senhor de fato do Japão recebeu contente os mimos e tratou amavelmente o missionário e ouviu o relato de Mancio Ito e outros mancebos sobre suas experiências da longa viagem. No entanto, manteve-se irredutível na recusa de atender ao pedido de Valignano de autorizar a vinda, novamente, de missionários ao país.

A ordem de expulsão dos sacerdotes jesuítas tinha que ser cum-

prida pelos daimios, mas muitos missionários se ocultaram em regiões católicas, sob a proteção de fiéis, e prosseguiram seu trabalho de proselitismo na clandestinidade.

Político realista e sagaz, Hideyoshi pressentiu o perigo da colonização européia. Teve conhecimento das disputas entre as diversas ordens religiosas católicas e guerras entre países católicos e protestantes. No seu espírito surgiu a suspeita de que os sacerdotes estrangeiros, não somente visavam a conversão do povo japonês à religião cristã, como procuravam estabelecer o poder político lusitano e/ou espanhol nas ilhas nipônicas. Deve ter tido conhecimento do que aconteceu na Índia, Malaca, Filipinas etc.

De fato, como veremos com mais pormenores logo adiante, os católicos controlavam o poder político-administrativo e espiritual da região de Nagasaki desde 1580. Depois de baixar o decreto de expulsão dos missionários, Hideyoshi apodera-se dos distritos de Nagasaki, Urakami e Mogi (leia-se Mogui), que haviam sido entregues à Companhia de Jesus pelos daimios cristãos da região, e os colocou sob sua administração direta.

* * *

A ordem de Hideyoshi, determinando a expulsão dos missionários datada de 24 de julho de 1587, justifica a medida com os seguintes argumentos:

- É inadmissível a transmissão de doutrinas heréticas de países cristãos a uma nação dos deuses, o Japão.

- Constitui fato sem precedentes a destruição de santuários xintoístas e templos budistas, como resultado da conversão de populações de vários feudos. Os daimios têm sob sua guarda temporária as terras e seus habitantes, razão por que devem defender as leis do país. Tendo estes preceitos em mente, precisam impedir que mesmo elementos mais modestos descumpram as leis.

- Pensamos que os padres, com seus conhecimentos, podem fazer o seu proselitismo; mas como foi dito acima, destroem as leis re-

ligiosas do Japão, razão por que não podemos tolerá-los. Por isso, decidimos vedar a permanência de sacerdotes cristãos em território nipônico, devendo, dentro de vinte dias a contar desta data, retornarem aos seus países de origem. Aqueles (japoneses) que, durante esse período, cometerem ofensas aos sacerdotes cristãos serão punidos.

● Os navios mercantes não estão incluídos neste edito, já que eles vêm para prática de comércio. Mesmo doravante podem comerciar, durante muitos anos. Que tomem conhecimento de que mercadores e outros elementos têm permissão de vir (ao Japão) procedentes de países cristãos.

* * *

O prof. Seiichi Iwao, em seu bem documentado livro *Sakoku* (País Fechado) observa que, pela primeira vez, o poder central – que até então não interferia nas atividades dos estrangeiros – tomava providências restritivas. Representa o primeiro passo para limitar atividades religiosas de alienígenas nas terras de Yamato.

Atribuem-se causas as mais diversas à repentina mudança de atitude de Hideyoshi em relação ao Cristianismo. Numa declaração, o *Taikô* acusou os missionários de agirem traiçoeiramente, tal como os crentes da seita Ikkô (que Nobunaga castigou de modo implacável), de estimularem daimios a forçar seus súditos a abandonar as religiões tradicionais (xintoísmo, budismo e confucionismo), de venderem escravos japoneses à China, Coréia e outros países da Ásia, de matarem animais (boi e cavalo) para comer sua carne (por influência do budismo os nipônicos não comiam carne de animais domésticos), destruírem templos budistas e santuários xintoístas.

Alguns autores apontam como possíveis causas imediatas da decisão de Hideyoshi, entre outras as seguintes:

● Recusa por parte de belas jovens católicas do feudo cristão de Arima em acatar a ordem de participarem do harém do ditador;

● Tendo terminado a campanha de pacificação de Kyûshû, com ajuda de daimios cristãos, já podia dispensar o apoio dos padres;

• Os portugueses não atenderam ao pedido de Hideyoshi de lhe fornecer navios armados para a campanha da Coréia.

É possível que o conjunto dessas causas tenha contribuído para a repentina mudança de orientação de Hideyoshi. O prof. Seiichi Iwao sustenta que o *Taikô* pressentia o perigo da colonização ocidental. Em todas as suas decisões relativas ao combate ao Cristianismo se nota essa preocupação. O mesmo acontece, depois, com Ieyasu Tokugawa e seus descendentes Hidetada e Iemitsu que completam as medidas restritivas até o fechamento (*sakoku*) do país do contato com o exterior.

O conhecido escritor católico Shusaku Endo observa que, apesar da atitude hostil do *Taikô*, os portugueses não levaram muito a sério o edito de proibição do trabalho dos missionários. Depois da primeira ordem de proscrição, chegam Valignano e outros missionários. O padre Luís Fróis escreve que Hideyoshi não chegaria ao extremo de expulsar os sacerdotes. Na opinião de Endo, uma visão demasiado otimista em relação às reais intenções do dirigente japonês.

Outro fator importante na política anticristã então adotada é representada pela rivalidade existente entre as diversas ordens religiosas. A disputa mais acirrada se travava entre jesuítas e franciscanos.

Acrescente-se ainda a luta travada na Europa entre católicos e protestantes. Ingleses e holandeses, protestantes, que chegam ao Japão depois dos católicos, tecem suas intrigas junto às autoridades nipônicas. Trava-se no território japonês o prolongamento da guerra religiosa (e também comercial) em desenvolvimento entre católicos e protestantes europeus em várias partes do globo.

Verifica-se portanto que as causas da mudança da política de Hideyoshi Toyotomi em relação aos missionários católicos são muito variadas e complexas, abarcam a conjuntura interna e a disputa internacional pela hegemonia comercial e religiosa então travada em muitas regiões do mundo.

* * *

Quando da decretação da expulsão de missionários, o vice-provincial Gaspar Coelho e outros jesuítas protestaram, alegando ser

impossível todos eles partirem dentro do prazo estipulado. Hideyoshi não recuou, a ordem tinha que ser cumprida. Coelho reuniu os sacerdotes em Hirado para embarcar num barco português. Todavia, muitos deles, talvez uma centena, se refugiaram em territórios de daimios cristãos de Kyûshû. Os missionários ocultos, agindo na clandestinidade, prosseguiram na obra catequizadora, aprofundando-a e ampliando-a.

Ocorre que figuras de proa do próprio *staff* de Hideyoshi professavam a religião cristã. Entre eles destacava-se Yukinaga Konishi cujo nome cristão era Agostinho, um dos comandantes de maior projeção na guerra coreana. Consta que Agostinho nascera filho de um abastado comerciante de Sakai e havia servido com dedicação a Hideyoshi, chegou a ser dono de metade de um grande feudo (Higo) em Kyûshû.

Não obstante o edito de expulsão, Hideyoshi parece haver tolerado a permanência do padre Gnecchi Soldi Organtino (1530-1609), de quem ele gostava e alguns outros jesuítas na área de Kyôto.

Quando Valignano deixou o Japão em 1592, atendendo ao chamado do vice-rei da Índia, havia mais de cem missionários jesuítas, trabalhando ocultamente no território nipônico.

De acordo com um relatório da Companhia de Jesus, referente ao biênio 1595-97, havia 150 padres no Japão, número que prova a intensificação das atividades missionárias, não obstante o edito de expulsão. Na verdade, o próprio *Taikô* havia autorizado a presença de dez padres em Nagasaki, para atender às necessidades espirituais dos portugueses ali aportados ou residentes. E o total de cristãos alcançava 300 mil, sendo mais de 60 mil batizados depois da ordem de expulsão dos sacerdotes.

Entre os convertidos figuram muitos nomes de projeção, como Tamako Akechi, esposa de Tadaoki Hosokawa, filho do famoso escritor da época Yûsai Hosokawa. Tamako era filha de Mitsuhide Akechi, o chefe guerreiro que traiu e matou Nobunaga Oda. Ao ser batizada recebeu o nome de Gracia. Dona de beleza e cultura incomuns, conhecia latim e português, celebrizou-se como um dos nomes mais importantes do cristianismo japonês, tendo inspirado romances, peças de teatro, filmes etc.

Outros convertidos famosos são Maria, irmã de Yodogimi, esposa de Hideyoshi; Madalena, dama de companhia de Yodogimi; os filhos de Gen-i Maeda, um dos cinco grandes conselheiros de Hideyoshi; a família Sô, senhora da ilha de Tsushima; o clã Moori de Chikugo e outros. Hideyoshi tinha conhecimento desses fatos, mas muito ocupado com projetos de política interna e ambições internacionais, não procurou reprimi-los de imediato. Por seu turno, os missionários agiam de modo discreto, a fim de não irritar o caprichoso déspota.

Entretanto, a má sorte dos cristãos não havia acabado. No ano de 1596, o capitão da nau espanhola *San Felipe*, que ancorara em Urato, de Tosa (ilha de Shikoku), acossada por uma tempestade, quando navegava das Filipinas para o México, conta, orgulhoso, a extensão do domínio espanhol em todo o orbe aos japoneses, ignorantes da situação mundial. E, apontando para o mapa-mundi, o navegador espanhol afirma haver sua pátria alargado suas fronteiras, graças ao trabalho dos sacerdotes que seguiam à frente dos seus exércitos.

As palavras do capitão contêm certa dose de verdade, porque os catequistas da época consideravam a exploração de novas colônias, conquistando os pagãos, uma obra sagrada, destinada a alargar os domínios do Papa. Para Hideyoshi, porém, representava uma revelação de suma gravidade e que confirmava suas suspeitas, acerca das verdadeiras intenções dos missionários.

O *Taikô* manda confiscar o navio e prender os sacerdotes, chefiados pelo franciscano Pedro Baptista que se encontravam a bordo do *San Felipe*. Em número de seis, juntamente com vinte católicos japoneses, os religiosos são enviados a Nagasaki e ali executados (4 de fevereiro de 1597). São os primeiros mártires cristãos do Japão.

Em 1598 morre Hideyoshi, durante a segunda Campanha da Coréia. Em obediência á sua última vontade, as forças expedicionárias são retiradas da península coreana, encerrando a grande aventura expansionista do *Kanpaku*. Os jesuítas, em seus escritos o chamavam de Quanbacundono – do japonês *Kwanpaku-dono* (Senhor Conselheiro-Mor). Antigamente, falava-se e escrevia-se *kwanpaku*, mas atualmente está simplificada para *kanpaku*.

Final trágico sob os Tokugawa

Mesmo com as medidas de repressão adotadas por Hideyoshi, a pregação do evangelho cristão prossegue. Sacerdotes católicos (agora não só jesuítas como também franciscanos, dominicanos e agostinianos) entram clandestinamente no país ou permanecem escondidos nas aldeias, protegidos por dedicados fiéis.

Quando Ieyasu Tokugawa assume o poder, após vencer as forças do clã Toyotomi e seus aliados, instala o xogunato em Edo (atual Tóquio), o novo xogum procura manter relações amistosas com o Ocidente. (O Tokugawa Bakufu – 1603-1867 – o terceiro e último xogunato da história do Japão dura mais de dois séculos e meio até a Restauração Meiji.).

No início de seu governo, Ieyasu permite o culto do Cristianismo. Igrejas fechadas ao tempo de Hideyoshi reabrem suas portas, padres que se haviam ocultado ou fugido para o além-mar retornam e reiniciam suas atividades abertamente. Cresce, de novo, o número de cristãos japoneses.

Todavia, diante do rápido surto do Cristianismo, o regime Tokugawa começa a recear que os cristãos nipônicos que adquirem práticas religiosas, costumes e hábitos até então desconhecidos no Japão, viessem a criar problemas para o governo. Entre os ensinamentos do cristianismo existem idéias e práticas que não se coadunam com os costumes tradicionais do povo de Yamato. Seguem, por exemplo, o calendário gregoriano, quando os nipônicos em geral não conhecem senão o calendário lunar. Em seus fundamentos doutrinários, o evangelho de Cristo é mais liberal do que as demais religiões praticadas no país. A própria concepção de um Deus onipotente parece uma temeridade à mentalidade ultrafeudal do xogunato, porquanto, tal conceito representa séria ameaça à suprema autoridade absoluta do xogum.

* * *

A orientação política inicial de Ieyasu, tolerante em relação aos cristãos, tinha o objetivo imediato de intensificar o comércio exterior

e obter polpudos lucros, necessários ao fortalecimento e consolidação dos alicerces econômicos do novo governo. (Veja Parte III).

Já haviam decorrido seis décadas desde o começo da obra missionária no Japão por Francisco Xavier. Adeptos da religião ocidental espalhavam-se por todas as regiões do país, desde Kyûshû (o maior centro), até Honshû, Shikoku e mesmo Hokkaidô.

Agora os jesuítas não dispunham mais da exclusividade da pregação do Cristianismo nas terras nipônicas. Com a intensificação do intercâmbio com as Filipinas, iniciado por Hideyoshi e continuado por Ieyasu, chegam pregadores franciscanos, dominicanos e agostinianos.

No ano de 1607, Francisco Pais, vigário geral da Companhia de Jesus no país, avista-se com Ieyasu em Shumpu e com o filho deste, Hidetada (o segundo xogum Tokugawa) em Edo. A seguir visita várias regiões, animando os missionários. Em 1611 o Japão se torna uma província da Companhia de Jesus, tendo como provincial o padre Valentim Carvalho. No ano seguinte o número de sacerdotes jesuítas somava duzentos e cinqüenta.

Os franciscanos começam a sua atividade no Japão logo após a vinda de missão espanhola em 1592. Eles constroem a Igreja de São Francisco em Kyôto e a de Nossa Senhora do Rosário, em Edo. A partir de 1603 erguem templos em Fushimi, Osaka, Sakai e outras localidades.

Os dominicanos chegam em 1602, recebem a proteção do clã Shimazu, do feudo de Satsuma. Com a chegada do superior Francisco de Morales constroem várias igrejas, inclusive uma dedicada a Nossa Senhora do Rosário, em Irihama, feudo de Saga.

Por último desembarcam os agostinianos, em 1607, em Bungo, tendo à frente o padre Diego Chevara, erigindo a Igreja do Espírito Santo em Usuki, seguida de outras em Hyûga, Bungo e Nagasaki.

Na fase final da era Keichô (1596-1614), o número de cristãos no Japão é estimado em 600 mil a 750 mil.

* * *

Além da impressionante expansão do Cristianismo – agora representada por diversas ordens – registram-se acontecimentos graves

relacionados com os cristãos que provocam a apreensão e irritação de Ieyasu.

Por essa época, Protásio Harunobu Arima, único sobrevivente dos três daimios patrocinadores da viagem da embaixada juvenil a Roma, sofre pesados prejuízos, por causa de incidentes ocorridos em Macau, com o seu navio de selo vermelho (*go-shuin-sen*), ou seja, com autorização oficial para o comércio exterior. Ao tentar obter indenização pelos prejuízos, envolve-se em caso de corrupção (ele suborna um alto funcionário do governo central). Descoberta a tramoia, Protásio é exilado para Kai (1612) e depois condenado a morrer praticando o *seppuku*. O funcionário corrupto morre na fogueira.

Até entre servidores próximos ao xogum existem cristãos, tal como no tempo de Hideyoshi. Pressionados a abandonar a fé, resistem tenazmente, tanto homens como mulheres. Conseqüência: treze perdem o emprego e têm seus bens confiscados; três mulheres são exiladas para local distante da capital. Uma delas, coreana de nome Júlia, desfrutava de grande prestígio no harém do xogum.

Havia ainda considerável número de daimios cristãos. Um levantamento feito pelo prof. Kiichi Matsuda mostra que entre a década de 1560 e 1600 foram batizados vinte e quatro daimios, embora alguns deles houvessem se convertido apenas por conveniência comercial e outros somente formalmente, sem a necessária aceitação e compreensão da fé. O mesmo autor cita como exemplos de daimios católicos autênticos: Simeão Ikeda, Francisco Otomo, Bartolomeu Omura, Justo Takayama e Protásio Arima, também conhecido como João Arima.

* * *

Enquanto Ieyasu vivia, apesar da proibição do culto, não ocorreu nenhum caso de sacrifício de vida de sacerdotes cristãos. No entanto, no tempo de seu filho Hidetada (1579-1632), a pressão se intensifica. Os barões feudais, agora sob controle absoluto do poder central, são estimulados a reprimir o Cristianismo. Assim, em 1617, ano seguinte ao do falecimento de Ieyasu, um padre jesuíta e um outro franciscano morrem decapitados; a seguir, a mesma pena se impôs a um sacerdote dominicano e outro agostiniano.

Os missionários não se atemorizavam diante do sacrifício de seus colegas. Pelo contrário, mostravam-se estimulados pelo exemplo dos mártires. E não obstante a severa fiscalização, missionários decididos a morrer no Japão, chegavam uns após outros, a maioria procedente da ilha de Luzon, nas Filipinas. Sete em 1618, seis em 1619, dois em 1620, três em 1621, além de três jesuítas procedentes de Macau. A repressão se torna cada vez mais violenta. São presos sacerdotes e todos aqueles que os protegem ou ocultam e seus familiares, inclusive mulheres e crianças, que são presos, submetidos a torturas e não raro condenados à morte.

A 10 de agosto de 1622, acontece o chamado "grande martírio" de cinqüenta e cinco católicos em Nagasaki, a pouca distância do local onde foram mortos os primeiros mártires cristãos do Japão. Executados foram o jesuíta Carlos Spinola, o dominicano José de San Jacinto, o franciscano Ricardo de Santa Ana, outros padres e irmãos e católicos nipônicos que os haviam protegido, de uma ou outra forma. Havia portugueses, espanhóis, italianos, coreanos e japoneses, figurando até uma anciã de 80 anos, entre doze mulheres, e crianças de 3 a 5 anos de idade.

Os missionários foram crucificados e os demais executados à espada.

* * *

No campo das relações internacionais, o xogunato Tokugawa se envolve, embora involuntariamente, nos conflitos e lutas surgidos entre potências ocidentais rivais. Por exemplo, a Espanha entra em guerra contra a Holanda, alastrando-se a luta a diversos pontos do globo, inclusive os Mares do Sul e o Brasil (invasão e ocupação holandesa do Nordeste – 1624-54). Os holandeses, através da Companhia das Índias Orientais, fundada em 1602, intensificam suas atividades comerciais no Sudeste asiático e no Japão. São freqüentes, assim, escaramuças e combates entre forças holandesas de um lado e espanholas e portuguesas de outro nos mares próximos ao Japão.

Também os ingleses têm a sua Companhia das Índias Orientais, organizada em 1600. As duas companhias disputam a hegemonia militar e comercial na Ásia. Seus barcos estão armados e guarneci-

dos por marinheiros e soldados. No Japão, os batavos levam a melhor, conseguindo conservar a sua feitoria de Deshima, Nagasaki, enquanto os ingleses acabam fechando a sua de Hirado. A feitoria holandesa de Deshima fica subordinada administrativamente ao governador geral de Batávia (atual Jacarta). Durante o período de isolamento do Japão Nagasaki era o único porto autorizado para o comércio ocidental, isto é, holandês.

* * *

Em março de 1600 chega a Usuki, nordeste de Kyûshû, o navio holandês *Liefde*, de 300 toneladas. Pertencia a uma esquadra de cinco unidades, enviada de Amsterdã para operações comerciais no Extremo Oriente. Durante a longa viagem, passando pelo estreito de Magalhães, enfrenta tempestades, doenças na tripulação. Só o *Liefde* consegue alcançar o Japão. O barco tinha como piloto o inglês William Adams, que depois de várias peripécias conquista a confiança de Ieyasu Tokugawa, tornando-se com o tempo uma espécie de seu conselheiro para assuntos internacionais, além de ensinar-lhe noções de geometria, geografia e construção naval. Diplomata nato, teria influído em importantes decisões do xogum. Teria inclusive sugerido a proscrição do catolicismo.

Por outro lado, o catolicismo assume atitude intolerante em relação às demais religiões, não oferecendo nenhuma atitude conciliatória frente às crenças tradicionais do país. O povo japonês que aceitara, no século VI, o budismo sem lhe criar muitos obstáculos, apesar da preexistência da religião nativa, o xintoísmo, não poderia concordar com uma fé exclusivista e intolerante.

Esse e outros fatores, já aludidos, levam o xogunato de Edo a mudar sua orientação atinente ao Cristianismo. Em 1612 decreta a proibição dessa religião nos distritos de sua jurisdicação direta. A seguir, estende a medida a todo o país, forçando a reconversão de todos os católicos. A maioria das centenas de milhares de católicos nipônicos abandona a sua religião, mas há crentes que resistem obstinadamente. Os recalcitrantes são condenados à tortura e morte ou expulsos do território nacional. Entre personalidades de projeção na vida nacional e que sofrem a pena de expulsão figura Justo Ukon

Takayama, antigo daimio católico de Settsu, enviado para Manila, nas Filipinas, junto com mais trezentos correligionários.

O regime Tokugawa toma medidas cada vez mais rigorosas em relação não só à religião católica, como também ao comércio exterior, restringindo-o ao mínimo (ver Parte III).

* * *

No ano de 1637 irrompe a rebelião agrária de Shimabara, comandada por um jovem católico de 16 anos, chamado Shiro Amakusa (1621-38). Embora essencialmente agrária (revolta camponesa contra a opressão de senhores feudais da região), o movimento rebelde conta com a participação ativa de muitos cristãos, além de *rônin* (samurai desempregado, sem senhor), quase sempre remanescentes de partidários dos Toyotomi, e outros elementos diversos.

A sublevação dura cinco meses, enfrentando um exército de 120 mil homens (contra 25 mil revoltosos). A coragem e a combatividade dos rebeldes impressiona e assusta o *bakufu*.

Depois dessa rebelião, sufocada a ferro e fogo (a pedido de Edo, um barco holandês canhoneou os rebeldes concentrados no castelo de Hara), o regime reforçou ainda mais a perseguição aos cristãos, tornando mais rigoroso o isolamento do país.

Como primeiro passo, expulsa sumariamente os portugueses que se dedicavam ao comércio em Nagasaki. A seguir, a feitoria holandesa de Hirado é transferida para a ilha artificial de Deshima, ao largo de Nagasaki (1639). Anteriormente, os ingleses, derrotados na competição comercial com os holandeses, haviam encerrado as atividades de sua feitoria em Hirado.

Medidas restritivas cada vez mais rigorosas são impostas ao comércio exterior, como a proibição de saída de japoneses para o além-mar, restrição do comércio aos portos de Hirado e Nagasaki (e finalmente somente a Nagasaki), culminando com a proibição de entrada de embarcações portuguesas nos portos nipônicos.

Temos aí o país fechado (*sakoku*), praticamente isolado do resto do mundo. Em 1641, o xogunato proíbe até a importação de livros ocidentais. Essa restrição é levantada em 1720, quando o oitavo xogum Yoshimune (1684-1751) autorizou a importação de livros ho-

landeses, desde que não contivessem referências ao Cristianismo, assunto tabu para o regime.

Edo toma todas as medidas imagináveis para erradicar definitivamente o Cristianismo do território nipônico. Contudo, apesar da violenta repressão, muitos japoneses cultuam secreta ou disfarçadamente (fingindo seguir culto budista) a doutrina cristã. Para descobrir fiéis ocultos, o governo oferece prêmios aos que os denunciam. Muitos sacerdotes que atuavam na clandestinidade e numerosos católicos são sacrificados.

Mandar pisar imagens de Cristo ou da Virgem constitui um dos métodos usados pelo regime para descobrir cristãos. Agentes secretos percorrem Kyûshû e outras regiões atrás de cristãos escondidos. Crianças com nome cristão, quando descobertas, são impiedosamente sacrificadas. Não raro, aldeias inteiras sofrem destruição completa, por abrigar alguns cristãos. O terror domina a maioria da população, diante da implacável perseguição oficial. Ninguém quer saber do Cristianismo. Este se torna sinônimo do mal, do diabo, da desgraça. Cortar o mal pela raiz é a ordem do governo.

As drásticas providências adotadas para suprimir qualquer resquício da religião cristã em qualquer setor da vida do país resultam no gradual esquecimento desse culto, no decorrer dos longos anos de isolamento nacional.

O xogunato impõe a obrigatoriedade da filiação de todos os moradores das aldeias ao templo budista local. Todos os aldeões se tornam *danna* ou *danka* (derivado do sânscrito *dana-patî*), correspondente aos paroquianos. E são obrigados a declarar, por escrito, que não são cristãos. O governo protege o templo budista, não porque queira favorecê-lo, mas como um meio de impedir o renascimento do culto católico.

Por todos os meios, o regime xogunal procura incutir, no espírito popular, o temor ao Cristianismo. As medidas repressivas atingem grau de virulência inimaginável, objetivando a completa e total erradicação do Cristianismo do solo japonês.

Contudo, apesar de toda essa brutal ação repressiva – resultando na morte de cinco mil cristãos, segundo alguns autores – o catolicismo sobrevive no Japão dos Tokugawa, cultuado às escondidas,

por famílias de algumas áreas de Kyûshû. E ressurge na era Meiji, com o fim do regime feudal e a instituição da liberdade religiosa.

Em resumo, a doutrina de Cristo, embora tivesse conseguido resultados considerados estupendos, em determinado momento de sua pregação pelos missionários jesuítas, sofreu uma campanha de opressão e perseguição tão violenta que praticamente desapareceu da cena histórica japonesa.

Mas, estudos e pesquisas realizados no pós-guerra estão revelando que a chamada *Nanban Bunka* (Cultura dos bárbaros do Sul), em cuja divulgação sacerdotes católicos, em particular, os jesuítas, desempenharam destacado papel,. deixou profundas raízes na cultura japonesa. É o que procuraremos mostrar, num rápido resumo, na parte final deste volume.

Apostasia

A religião cristã, introduzida pelo padre jesuíta Francisco Xavier, na fase final do período das guerras feudais do Japão, expandiu-se rapidamente na ilha de Kyûshû e Honshû ocidental, alcançando com o tempo até a região norte do país. Na época de Nobunaga Oda, o número de cristãos somava cerca de 150 mil e continuou a aumentar sob o governo de Hideyoshi Toyotomi e no início da era Tokugawa (começo do século XVII), quando seu número alcançou aproximadamente 300 mil almas. Diz o professor Kiichi Matsuda que cifras como 800 mil ou um milhão são exageros, devendo-se entender como o total de japoneses batizados desde o tempo de Xavier até o momento crítico, na terceira década do século XVII. Acrescente-se que a população nipônica da época está estimada em cerca de 20 milhões.

Como vimos, os cristãos foram forçados, pelo regime Tokugawa, a abandonar a fé. A ordem drástica, como costumavam ser as leis feudais, foi cumprida à risca. As torturas e perseguições levadas a efeito por funcionários do xogunato assumiam caráter desumano, atroz, implacável, comparáveis àquelas sofridas pelos cristãos nos tempos da antiga Roma.

Crucificação, fogueira, afogamento, execução à espada e outras

formas de morte violenta seguiam-se a requintados processos de tortura como flagelação, queima com ferro em brasa, espancamento, aperto com tenazes de ferro, corte de dedos e membros superiores e inferiores, banho em água fervente, etc.

Esses sofrimentos não impediam a chegada de novos padres que entravam clandestinamente no país, apesar da certeza de que os aguardava o sacrifício certo e doloroso.

Entre a população cristã havia igualmente aqueles que se mantinham fiéis até a morte aos ensinamentos de Jesus. Destarte, cerca de cinco mil cristãos nipônicos se imolaram pela sua fé.

Todavia, diante da persistente campanha de opressão e perseguição, a maioria acabou por se apostatar.

Cabe aqui destacar alguns nomes de apóstatas que pela sua importância e projeção ficaram registrados na história:

● Miguel Chijiwa, aquele menino integrante da embaixada juvenil a Roma. Nasceu por volta de 1570, filho de um pequeno daimio da península de Shimabara (Kyûshû), Naokazu Chijiwa. Era sobrinho do daimio cristão Bartolomeu Sumitada Omura e primo de outro barão feudal, Protásio Harunobu Arima, ambos patrocinadores da missão ao Papa.

Miguel passou os melhores anos de sua vida, isto é, dos 13 aos 21 anos, na viagem à Europa. Já vimos as peripécias e os resultados pouco auspiciosos da excursão dos jovens cristãos. Quando eles regressaram à pátria, Hideyoshi já havia lançado uma forte campanha de repressão aos missionários. Apesar de os jovens haverem agradado o *Taikô*, com a execução de música ocidental no Paço de Juraku (*Juraku-no-tei*) em Kyôto, a situação dos cristãos havia deteriorado de modo desalentador.

Miguel voltou à sua terra natal. Ao atingir 23 anos de idade, tornou-se membro da Companhia de Jesus e, como frade, estudou latim, filosofia e outras matérias nos colégios de Amakusa e Nagasaki. Nos primeiros anos do século XVII afastou-se da Companhia de Jesus, mudou o nome para Seizaemon e serviu ao daimio Yoshiaki Omura, filho de Bartolomeu Sumitada. A sua demissão representava um fato grave para os jesuítas, pois Miguel não se limitou a abandonar o caminho do evangelho. Ao padre que foi falar com ele, decla-

rou que Cristo não era Deus e sim outro Maomé. Diz o prof. Matsuda que não se conhecem os motivos que levaram o cristão Miguel Chijiwa a apostatar. E seus últimos anos parecem ter sido de agudos sofrimentos. Saiu do serviço da família Omura, serviu ao senhor de Arima, de onde foi expulso. A última informação a seu respeito diz que apareceu em Nagasaki, por volta de 1620, nada mais se sabendo sobre o seu destino.

• Fabian Fukansai ou simplesmente Fabian, como é mais conhecido, parece ter nascido num templo budista do feudo de Kanazawa ou Echigo. Não temos notícia sobre o seu passado até ele ingressar numa escola cristã em 1583, em Kyôto, onde conheceu sacerdotes católicos e a religião *nanban*. Aos 22 anos foi aceito pela Companhia de Jesus.

Com vasto conhecimento da literatura japonesa e do budismo, aprendeu o latim e a doutrina cristã. Seus conhecimentos foram de grande utilidade para os jesuítas, que haviam trazido máquina impressora da Europa e estavam editando livros. Fabian completou a versão para a línguagem coloquial do clássico *Heike Monogatari* (História do Clã Taira), narrativa datada dos meados do período Kamakura e participou da edição de *Fábulas de Esopo*, publicado em japonês, porém em alfabeto latino.

Transferindo-se de Nagasaki para Kyôto, escreveu *Myôtei Mondô* (Perguntas e Respostas sobre Princípios Cardeais), no qual condena as religiões tradicionais do Japão: xintoísmo, budismo e confucionismo. E prega o evangelho cristão de modo compreensivo aos nipônicos.

Em 1606 trava a célebre discussão com o famoso sábio confucionista (conselheiro de Ieyasu Tokugawa e mais três xoguns) Razan Hayashi (1583-1657) quando teria explicado a teoria da esfericidade da Terra ao seu contendor.

Aos quarenta e poucos anos, porém, Fabian abandona subitamente a Companhia de Jesus, com a agravante de fugir com uma freira que vivia nas proximidades de sua igreja.

Depois de permanecer desaparecido por certo tempo, ressurge, já como colaborador do *bakufu* no combate ao Cristianismo. E escreve

Ha-Deus (Refutação de Deus), uma obra anticristã como claramente indica o título.

Fabian encerrou sua tumultuada vida no ano de 1621, em Nagasaki, com a idade de 57 anos.

• Talvez a figura mais impressionante dos apóstatas é o sacerdote português Christóvão Ferreira, cuja contribuição à implantação e desenvolvimento de ciências ocidentais somente agora está sendo apreciada por estudiosos.

Nascido em Lisboa em 1580, ingressou na Companhia de Jesus em 1596. Viajou para Macau em 1601 e no Natal de 1608 oficiou missa na qualidade de padre.

Chegou ao Japão em 1610, quando se intensificava a perseguição aos cristãos. Em 1612, Ieyasu decreta a erradicação do Cristianismo em todo o território nipônico, condenando à morte todos aqueles que não abandonassem a fé cristã. Ferreira desembarcou no Japão com a determinação de enfrentar a morte. Mesmo quando, em 1614, a maioria dos missionários lusitanos foi expulsa para Macau, e daimios como Ukon Takayama acabaram fugindo para Manila, Chistóvão Ferreira permaneceu oculto em algum lugar do Arquipélago.

Gozava de excelente saúde, conhecia profundamene o idioma japonês, pregava a doutrina cristã nessa língua. É possível que tenha começado a estudar o japonês em Macau. A repressão aos cristãos prosseguia cada vez mais sistemática e violenta. O governo julgou necessário prender e executar todos os sacerdotes católicos para apagar o Cristianismo do mapa. Ferreira prosseguiu sua obra missionária clandestina na região de Nagasaki e Shimabara. Chegou a mudar-se para Kyôto, porém, a severa vigilância das autoridades obrigou-o a retornar a Kyûshû. Em 1627 enviou de Shimabara um longo relatório sobre a situação japonesa à Europa.

Na década de 1630 diminuiu muito o número de sacerdotes cristãos no Japão. Ferreira tornou-se vice-provincial dos padres jesuítas restantes. Detido em 1633, foi torturado por meios os mais cruéis, como colocá-lo amarrado com uma corda e deixá-lo pendurado de cabeça para baixo numa fossa fétida cheia de excrementos. Quando desmaiava, os inquisidores jogavam água na cabeça do missionário. Ao despertar, nova tortura. Afinal, Christóvão Ferreira não resistiu

mais. Concordou em abandonar sua fé e aderir ao budismo. A seguir, transformou-se num eficiente colaborador do governo na campanha de extermínio dos cristãos. Tinha então 54 anos de idade.

Aliás, a essa altura, o governo Tokugawa havia mudado de tática: procurava levar os cristãos e padres católicos de maior expressão à apostasia, como uma política mais inteligente do que eliminá-los sumariamente.

Com a sua cultura científica e humanística – adquirida em Portugal – Christóvão Ferreira semeou ensinamentos científicos europeus no solo japonês. Sobre esse assunto falaremos na Parte IV.

Depois de apostatar desposou uma mulher japonesa, com quem teve um filho e uma filha. O filho tornou-se piloto de navio mercante e a filha casou-se com Chûkei Sugino, mais tarde médico do xogum.

Ferreira faleceu em 1652, aos 71 anos de idade. O Tokugawa Bakufu havia consolidado sua posição de senhor absoluto do Japão e erradicado o Cristianismo e implantado a chamada "grande paz" *(taihei)* em todo o Arquipélago.

PARTE III

AS VICISSITUDES DO "NANBAN BÔEKI"

A espingarda (“teppô” ou “tanegashima”)

Como vimos, os portugueses chegados em 1543 num junco chinês a Tanegashima portavam arma de fogo – a espingarda, até então desconhecida no Japão. O daimio do feudo-ilha de Tanegashima, Tokitaka Tanegashima (1528-79), quis saber como ela funcionava. A seu pedido, os portugueses fizeram uma demonstração do funcionamento da espingarda. O estrondo do disparo assustou os presentes que taparam os ouvidos com as mãos. O tiro foi certeiro. O próprio Tokitaka experimentou a arma, admirando a sua precisão e força destruidora.

A propósito da espingarda, um monge budista Bunshi Nambo (1556-1620), do feudo de Satsuma, escreveu a pedido do daimio de Tanegashima, um livro chamado *Teppô-ki* (Crônica da Espingarda). Embora escrita em 1606, a obra, ao que parece baseada em documentos da família Tanegashima, é considerada fundamental na determinação correta da data da chegada dos portugueses ao Japão. Alguns autores ocidentais dão 1542 ou 44, mas o autor de *Teppô-ki* registra a data certa:

“– A 25 de agosto do ano 12 da era Tenbun (23 de setembro de 1543 do calendário solar), chegava à estreita enseada da aldeia Nishino-mura de Tanegashima um grande e estranho navio com mais de cem pessoas a bordo. Seus tripulantes, cujas fisionomias eram desconhecidas (dos japoneses), falavam uma língua completamente incompreensível. Felizmente encontrava-se entre os passageiros um chinês de nome Gobô (leitura japonesa) que conversou por meio de

escrita (japoneses e chineses cultos se entendem por meio de ideografias, embora as duas línguas sejam completamente diferentes), com o chefe da aldeia Oribenojô que sabia ler. Como resultado, soube-se que se tratava de mercadores *nanban* (bárbaros do Sul). Constatou-se que eles conheciam mais ou menos as normas que regulam as relações entre senhor e vassalos, mas ignoravam as etiquetas e boas maneiras, não usavam os *hashi* para comer, comiam com as mãos. O chefe da aldeia aconselhou os visitantes a se dirigirem com seu barco a Akaogi, na mesma ilha e relatou o fato ao senhor da ilha, Tokitaka Tanegashima".

Tokitaka entendeu-se com os portugueses por intermédio de um sacerdote budista de Hyûga, conhecedor da escrita chinesa, ali presente por acaso.

* * *

Impressionado com o poder de destruição da arma, Tokitaka pediu aos portugueses e conseguiu comprar um exemplar, pagando o preço exigido. Começou a praticar o tiro ao alvo, aperfeiçoando-se depressa no manuseio da arma. Mandou subordinados aprenderem o modo de fazer a pólvora para as experiências.

Segundo informa o prof. Seiichi Iwao, em seu *Sakoku*, já no ano seguinte, ao saber que havia um espingardeiro em nau lusitana então chegada a Tanegashima, Tokitaka ordenou a um seu vassalo aprender a técnica de confecção da arma. Ao tomarem conhecimento da novidade, outros daimios, então em freqüentes guerras entre si, se interessaram vivamente pela nova e poderosa arma. No começo adquiriam o quanto conseguiam dos navios lusitanos, pagando preços elevados. A espingarda e o mosquete se difundem rapidamente como arma de guerra entre os feudos. Começam a ser logo empregados nas freqüentes batalhas então travadas em várias regiões do país.

Quem utiliza a arma de fogo taticamente em grande escala é o genial Nobunaga Oda. Durante a campanha da unificação nacional (na qual poderosos chefes guerreiros procuravam a hegemonia político-militar, derrotando seus adversários e concorrentes), ele enfrenta o

prestigioso daimio Katsuyori Takeda (1546-82), senhor do feudo de Kai. Na batalha travada em Nagashino (1575) adota uma tática revolucionária: coloca 3.500 soldados de infantaria (*ashigaru*), armados de mosquetes. A arma de fogo empregada em grande escala dizima a aguerrida cavalaria de Takeda. Nobunaga demonstra nessa batalha que, mesmo uma valorosa cavalaria, então a arma de elite dos samurais, não pode vencer o fogo concentrado de mosquetes (espingarda pesada que se usava apoiada numa forquilha).

Por ter sido seu uso iniciado em Tanegashima, a nova arma ficou sendo conhecida pelo nome de *tanegashima* por muito tempo, embora o seu nome correto seja *teppô*.

Como se viu no exemplo da batalha de Nagashino, a espingarda revoluciona a arte da guerra, aumentando substancialmente o poder defensivo e ofensivo da infantaria, em detrimento da cavalaria, até então tida como a arma mais poderosa. Entre outras conseqüências dessa revolução na arte da guerra gerada pela arma de fogo, citam-se modificações nas estruturas de fortalezas e nas armaduras dos samurais. Também aperfeiçoamentos consideráveis são introduzidos na técnica de construção naval. Alguns navios de guerra passam a ter chapas de ferro no casco para enfrentar projéteis de canhão. A artilharia desenvolve-se, paralelamente, embora de modo incipiente, no decorrer do *sengoku-jidai* (período das guerras feudais).

* * *

Outra conseqüência do aparecimento da arma de fogo foi a necessidade de importar matérias-primas para sua produção, como o ferro e o salitre, este empregado no preparo da pólvora. O ferro então produzido no Japão não se adequava à fabricação de arma de fogo, razão por que era importado da China e o salitre da China e do Sião.

Muitos daimios procuram então atrair para portos de seus domínios os navios lusitanos, quase sempre carregados dessas preciosas cargas.

Pode-se afirmar que a espingarda constituiu um elemento importante da expansão do comércio *nanban* do Japão.

* * *

É verdade que a introdução de armas de fogo revolucionou a arte da guerra no velho Yamato, valorizando a infantaria, modificando a estratégia militar e estimulando a construção de castelos-fortalezas maciços, com casamatas, portas e pontes reforçadas com metais.

Mas do ponto de vista da evolução social, o mosquete e o canhão não provocaram as conseqüências verificadas no Ocidente. Não aceleraram a queda do feudalismo. O soldado profissional, no caso, o samurai, cuja arma tradicional era a espada, manteve sua hegemonia na sociedade. Não foi deslocado, como já havia acontecido com os cavaleiros medievais europeus, diante da infantaria com arcos longos primeiro, e depois, com espingardas.

A idéia dominante dos governantes Tokugawa, que implantaram o xogunato de Edo em 1603, consistia em manter a estabilidade de suas instituições, essencialmente conservadoras, portanto contrárias a qualquer tentativa ou tendência de inovação social, política ou cultural.

Essa maneira de pensar, apoiada no neoconfuncionismo de Chu-hsi (Shushi em japonês), embasou toda a política exterior dos primeiros xoguns Tokugawa. Daí resultou, inicialmente, a eliminação do Cristianismo (que em sua doutrina trazia elementos modificadores do status-quo feudal) e a seguir a supressão do comércio com europeus, com exceção única dos holandeses.

As armas de fogo não evoluem no regime Tokugawa que adota política conservadora em tudo, inclusive no armamento de samurais, seus servidores. E com a implantação do isolamento do país e da grande paz interna *(taihei)*, o emprego de armas de fogo se tornou dispensável. E Ieyasu – cujos ensinamentos seus descendentes procuravam reverentemente seguir – incentivou o culto da espada, chamando-a "a alma do samurai".

Só com a aproximação da reabertura dos portos, já nos meados do século XIX, o *bakufu* retoma medidas de modernização de armamento, estimulando o aperfeiçoamento e produção de armas de fogo, inclusive canhões, por necessidade de reforçar a defesa costeira, em face do aparecimento de embarcações ocidentais em águas próximas do Arquipélago.

Comércio lucrativo

O "descobrimento" do Japão causou intensa repercussão não só em Portugal como nas colônias lusitanas do sudeste da Ásia. Viam no Japão um novo mercado para expansão do seu comércio. Durante os primeiros tempos, mercadores lusos equipavam seus navios ou embarcavam em juncos chineses para alcançar o arquipélago japonês, vendendo, além da espingarda, chumbo e pólvora, seda em rama de procedência chinesa aos japoneses. A seda crua que custava na China 40 *ryô* (moeda nipônica da época) por 100 *kin* (*kin* – unidade de peso, cerca de 600 gramas) ou 60 quilos aproximadamente, valia quatro vezes mais no mercado nipônico ou 160 *ryô*.

Assim que fundeava um barco lusitano num porto de Kyûshû (havia vários, inicialmente), o representante comercial do daimio local e mercadores mais influentes locais e até negociantes procedentes da região de *Kinki* (área das atuais cidades de Kyôto e Osaka) promoviam intensas operações de compra e venda de mercadorias.

A embarcação portuguesa deslocava de 700 a mil toneladas, tamanho grande para a época. Posteriormente surgiram naus de 2 mil toneladas, as maiores do mundo.

No começo das operações comerciais, as naus portuguesas vinham aos portos de Satsuma (atual província de Kagoshima), no extremo sul da ilha de Kyûshû. Como eles ficavam longe dos grandes centros comerciais, os mercadores lusos procuraram portos melhor localizados. Em 1550 começaram a aportar em Hirado (na atual província de Nagasaki) terra do clã Otomo, senhor do feudo de Bungo. Hirado tinha tradição de ser, desde a antiguidade, um porto importante na rota da China (próximo de Hakata, noroeste da ilha, onde residiam abastados comerciantes internacionais).

Por isso, os navios portugueses começaram a dar preferência a esse porto a qualquer outro. Entretanto, por causa de disputas surgidas entre cristãos e budistas, o daimio de Bungo, em 1558, ordenou a expulsão dos missionários.

Estes, de acordo com o plano inicial de Xavier – de utilizar o comércio para ajudar a propagação da fé cristã – persuadiram os capitães de naus portuguesas a se dirigirem aos portos de Yokoseura e Fukuda, no feudo de Omura.

Na realidade, nessa fase primeira da presença portuguesa em Kyûshû rivalidades políticas e militares, antagonismo religioso e interesses comerciais entre os barões feudais influíam muito na escolha de portos pelos portugueses, ainda mal-informados acerca da situação política e da geografia da região.

Uma conseqüência dessa conjuntura foi a escolha da aldeia chamada enseada Fukuda (Fukuda-Ura) ou simplesmente Fukuda. Com a freqüente chegada de embarcações lusitanas, Fukuda prosperou rapidamente. Em quatro anos de atividades portuárias, sua população cresceu até cinco mil almas, entre elas 1.250 católicos, por volta do ano de 1570.

Todavia, Fukuda não constituía porto muito seguro, porque se situava defronte ao mar aberto. Por essa razão, o padre Belchior de Figueiredo, com ajuda de pilotos portugueses, desceu o mar na direção sul, estudando e medindo a profundidade da água e finalmente descobriu um excelente porto, numa enseada de águas profundas. Era o porto de Nagasaki que se tornaria internacionalmente famoso pela sua importância como entreposto comercial e centro de propagação do Cristianismo no Japão.

Quando, a partir de 1571, chegavam naus portuguesas e juncos chineses carregados de mercadorias, comerciantes nipônicos locais e outros procedentes de Kyôto, Osaka, Sakai e demais cidades importantes concentravam-se no porto de Nagasaki, no afã de adquirir mercadorias originárias da Europa, da Índia, dos Mares do Sul, da China e também oferecendo artigos japoneses e outros para vender. Na época, comerciantes japoneses expandiam suas atividades a muitas cidades do Sudeste da Ásia.

* * *

Macau, cidade portuária no sul da China, situada a pouca distância de Hong Kong, cresceu e prosperou com o desenvolvimento do comércio com o Japão. Um comerciante inglês, Ralph Fitch, que observou da Índia, em fins da década de 1580, o lucro auferido pelos lusitanos, escreveu: "– Quando os portugueses vão de Macau, na China, ao Japão, levam muita seda crua, almíscar e porcelanas; e de lá trazem prata. Dispõem de um grande navio que vai ao Japão todos

os anos, trazendo de lá cerca de 600 mil cruzados de prata, mais 200 mil cruzados de prata da Índia. E da China trazem ouro, almíscar, seda, cobre, porcelanas e muitas outras coisas, muito caras..."

Macau serviu de valioso entreposto, também, no comércio entre a China e o Japão no período Muromachi (1336-1573), quando governou a terra das cerejeiras o xogunato Ashikaga. O terceiro xogum Yoshimitsu Ashikaga (1358-1408), conhecido, entre suas realizações, pela construção do Mosteiro Pavilhão de Ouro (*Kinkaku-ji*), iniciou o comércio oficial *(kangô-bôeki)* com a dinastia Ming (1368-1644). A idéia de Yoshimitsu consistia em suplementar a receita do governo, então em precária situação financeira, com o lucro proporcionado pelo intercâmbio comercial. Os navios mercantes nipônicos, devidamente autorizados, de comum acordo com o governo de Ming, pertenciam ao *bakufu*. Depois foram autorizados barcos de grandes templos e santuários, com financiamento de agiotas e armadores. A partir dos meados do século XV esse comércio passou, paulatinamente, para as mãos de particulares: grandes templos, daimios poderosos, mercadores a eles subordinados que atuavam em Hakata, Hyôgo, Sakai, etc. Os mais importantes artigos de exportação: enxofre,*soboku* (madeira da qual se extrai tinta), prata, espada japonesa, etc. e importava de Ming moedas de cobre, seda em rama, medicamentos, livros e artigos de luxo, etc. Os barcos japoneses navegavam de Hakata a Ningpo onde descarregavam e carregavam suas mercadorias.

Nos meados do século XVI Macau serviu de porto de intermediação no comércio entre o Japão e a China. Depois já no tempo de Hideyoshi e Ieyasu representou papel importante no mesmo comércio, porquanto os navios de selo vermelho (*go-shuin-sen* ou *shuin-sen*), ou seja, com autorização oficial, aportavam em Macau para transportar mercadorias do Japão à China e vice-versa.

* * *

Uma viagem em navio mercante de ida e volta de Goa ao Japão consumia cerca de três anos, e isso mesmo quando a embarcação não se defrontava com piratas, tempestades, naufrágio e outros acidentes de percurso. A nau zarpava de Goa carregada de mercadorias euro-

péias e indianas, destacando-se chita, tecido comum de algodão, vinho, etc. Um tigre de Bengala, antílope e ou pavão, às vezes faziam parte da carga, assim como belos cavalos árabes, adquiridos em Goa. Esses animais mais valiosos se destinavam aos barões feudais mais poderosos ou ao próprio xogum. A nau fundeava em Malaca, a fim de receber especiarias, madeiras aromáticas e, por vezes, couro de tubarão (para confecção de calçados ou lixa), pele de veado (aproveitada em peças de vestuário, calçado (*tabi*), laço de armadura e, posteriormente, como matéria-prima de sacaria). Então partia rumo a Macau, onde permanecia, não raro, até um ano, aguardando as sedas adquiridas nas feiras comerciais realizadas em janeiro e junho na cidade de Cantão. Carregada de todas essas mercadorias e mais fardos de seda embarcados em Macau, a embarcação rumava na direção de Kyûshû. A viagem desse trecho podia demorar apenas doze dias ou até trinta dias, dependendo da monção, o vento de muita influência em toda a economia da região sul e sudeste da Ásia.

Trata-se de um vento periódico que no verão sopra do mar para o continente e no inverno do continente para o mar. Ele influi decisivamente não só na navegação como no regime de chuvas daquelas regiões.

A estadia em Nagasaki podia terminar em novembro (fim de outono) ou estender-se até a primavera (março-abril do ano seguinte).

Como ficou exposto, as naus portuguesas procedentes da Índia, chegavam a Nagasaki, passando antes por Malaca e Macau. As mercadorias transportadas via Macau alcançavam, em valor, cerca de 500 mil a 600 mil ducados, a média do lucro líquido atingia 40 a 60 por cento. O ducado, moeda de prata da Espanha, constituía o padrão monetário internacional da época.

De acordo com o prof. Seiichi Iwao, o volume do comércio realizado pelas naus portuguesas somava cerca de cinco mil a seis mil *kanme* (*kanme* – unidade de peso, cerca de 3,7 kg.) ou aproximadamente 18,5 a 22,2 toneladas anuais.

A prata japonesa vendida aos comerciantes portugueses representava, em quantidade, cerca de três vezes o mesmo metal importado da Europa por Macau. Na década de 1530 quando aumentou muito a produção japonesa de prata, a das colônias espanholas das

Américas (México e Peru) não passava de 10 por cento do que iria ser no auge de sua exploração, por volta de 1570.

Numerosos juncos chineses iam ao Japão trocar a seda crua com a prata nipônica. Os lusos que começaram a comerciar com o Japão na década de 1540, descobriram que podiam lucrar muito com a compra de prata japonesa. Quer dizer, as naus lusitanas trafegavam transportando as mesmas mercadorias que os juncos chineses.

Até então os portugueses carregavam especiarias de Sumatra e Java em Malaca, viajavam à China, a fim de trocar essas mercadorias com seda e outros produtos chineses e retornavam à Índia. Esta rota, ao lado daquela às Molucas e outra a Ormuz, no golfo Pérsico, constituíam as três grandes vias de navegação lucrativas desenvolvidas pelos portugueses no Oriente.

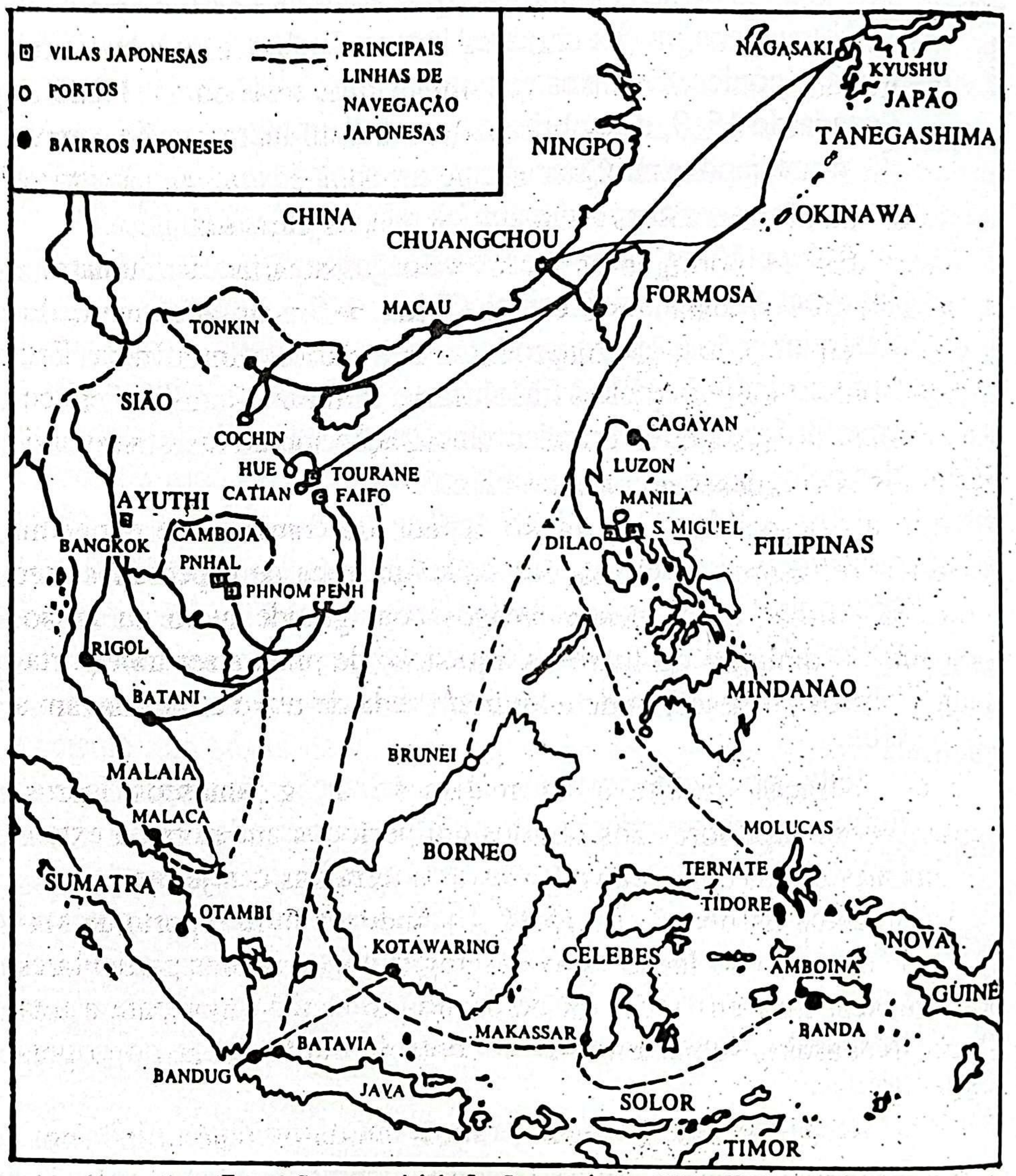
Com a "descoberta" do Japão, a rede de comércio se expandiu consideravelmente. As transações incluíam troca de especiarias com sedas na China, venda desses artigos com grande lucro no Japão, aplicando o dinheiro do lucro na aquisição de prata a ser transportada aos portos chineses, onde adquiriam seda de novo e retornavam a Goa.

Esta operação resultava na realização de gigantescos lucros, muitas vezes superiores aos obtidos em períodos anteriores à extensão das atividades comerciais dos lusos à terra das cerejeiras.

Até meados da década de 1550 – quando se abriu o porto de Macau – o comércio do Japão estava entregue a mercadores particulares portugueses, mas em 1556 foi nomeado um capitão-mor para a rota Macau-Nagasaki, submetendo-a ao controle direto do governo português.

Uma vez carregado de prata e outros produtos nipônicos (como bronze, biombos, *tatami* (esteira), quimono, alguns móveis de uso doméstico, utensílios de *makie* (laca dourada ou prateada), etc. o barco português retornava a Macau, aproveitando o vento do fim de outono ou começo de inverno. Com a venda de prata japonesa os mercadores lusos adquiriam seda crua ou tecidos de seda chineses, partindo então com destino a Goa. Os artigos de maior valor nas trocas comerciais – repita-se – eram representados pela prata japonesa e seda chinesa.

Na realidade, as mercadorias intercambiadas sofriam variação



Expansão comercial do Japão nos séculos XVI e XVII.

conforme a época. Da lista de produtos importados pelo Japão via Macau destacavam-se barras de ouro, seda damasco, crepe da China, cetim, couro de tubarão, pele de veado, mercúrio, zinco, agulhas, medicamentos, uma planta medicinal chamada *sankirai*, pele de urso, tigelas, pratos, travessas, açúcar e vários produtos portugueses, inclusive vinho.

Estas relações, incompletas na verdade, indicam a variedade de mercadorias exportadas e importadas através dos portos de Macau e Nagasaki.

* * *

O governo de Lisboa concedia, como prêmio por relevantes serviços prestados ao reino, o título de capitão-mor, juntamente com terras (capitanias ou donatarias) nas colônias portuguesas. O título de capitão-mor usado pelos donatários se justificava porque eles comandavam suas milícias.

No Oriente, o capitão-mor fiscalizava os navios mercantes para assegurar à corte de Lisboa, representada pelo vice-rei da Índia, a remessa dos lucros resultantes do comércio. Uma vez por ano, vinha ao Japão um capitão-mor, em nau oficial, autorizado a realizar e supervisionar o lucrativo intercâmbio em Nagasaki. O barco zarpava de Goa, base de todas as operações militares e comerciais lusitanas na Ásia.

Goa, conquistada por Afonso de Albuquerque em 1510, era a capital do império português no Oriente. E por isso sofreu ataques dos holandeses em 1603 e 1610. A nau com o capitão-mor a bordo saía de Goa, dirigia-se a Macau, passando antes por Malaca. Este território, outra conquista de Afonso de Albuquerque (1511) cai em poder dos holandeses em 1641.

Como carga a nau transportava a moeda de prata chamada Real (os réis) de Portugal, azeite de oliva e vinho, produzidos na Europa e os trocava em Macau com produtos do Sudeste asiático, como especiarias, além de seda crua, tecidos de seda, ouro, etc., artigos muito valiosos no comércio com o Japão. Vinho em tonéis era trazido de Portugal e "freqüentemente dado de presente aos senhores

feudais que muito o apreciavam", informa Armando Martins Janeira, em seu *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*.

Nagasaki passa para os jesuítas

Diante da invejável prosperidade de Nagasaki, então pertencente ao feudo de Omura, domínio do daimio cristão Bartolomeu Sumitada Omura e seu filho Sancho Yoshiaki, prosperidade essa gerada pelo comércio *nanban*, surgiu o temor de que poderosos barões feudais vizinhos não cristãos, como Shimazu e Ryûzoji, tentassem tomar o porto.

Os missionários jesuítas, por sua vez, aumentavam seu prestígio no país, pela sua extrema dedicação à causa cristã. Multiplicava-se o número de fiéis, igrejas eram erguidas em diversas cidades. Nagasaki constituía-se no maior centro cristão de todo o território nipônico.

Os daimios cristãos julgaram de bom alvitre doar em perpetuidade as terras de Nagasaki e aldeias próximas à Companhia de Jesus. Assim, Dom Bartolomeu doou Nagasaki e a aldeia de Mogi, enquanto Dom Protásio Arima, senhor do feudo de Arima, ofereceu a aldeia de Urakami, pegada à cidade de Nagasaki. Desses distritos, agora administrados por ela, a Companhia de Jesus usufruía uma renda anual de aproximadamente 800 cruzados.

Segundo um documento assinado por Dom Bartolomeu e Dom Sancho, datado de 27 de abril de 1580, o senhor de Omura e seu filho doavam "Nagasaki e Mogi com todos os arrozais e roças", inclusive o direito de punir 'os que infringirem a lei'". O prof. Iwao esclarece que esse documento está arquivado na sede da Companhia de Jesus em Roma.

Com a renda anual de 800 cruzados e outras receitas menores advindas da contribuição de fiéis, a Companhia de Jesus introduziu melhoramentos na cidade, construiu magníficas igrejas, entregou a administração civil da cidade a destacados cidadãos católicos. Proibiu a permanência na área de qualquer elemento não-cristão. E acolhia todos os cristãos perseguidos e refugiados de outras regiões.

Todavia, a prosperidade católica de Nagasaki durou pouco tempo. Em 1587, logo após concluir a conquista de Kyûshû, na campanha

de unificação nacional, Hideyoshi Toyotomi baixou o já mencionado edito de proibição da pregação do Cristianismo. E ato contínuo colocou Nagasaki sob sua direta administração, passando então a tirar proveito do intenso comércio internacional realizado por intermédio daquele porto.

Por isso, Nagasaki continuou crescendo. Sua população estimada em 5 mil no ano de 1590 eleva-se para cerca de 15 mil em 1611.

* * *

Como vimos, o porto de Nagasaki foi escolhido por portugueses. E ali surgiu a cidade que ficou praticamente sob o domínio lusitano, durante a curta fase que marcou a doação feita pelos daimios cristãos à Companhia de Jesus. Os lusos gozavam de um virtual direito de extraterritorialidade. O capitão-mor impunha justiça aos portugueses (e também espanhóis) que violassem as leis.

Por ter sido construída por lusitanos, a cidade seguiu um sistema urbanístico diferente de todas as demais cidades japonesas, situadas em planície ou planalto, de terreno sem ou com poucas ondulações. Nagasaki, "diferente de todas as cidades japonesas", como observa Armando Martins Janeira, é uma cidade localizada em lugar acidentado, voltada para o mar, oferecendo assim defesa mais fácil. Era a cópia do sistema grego das acrópoles e das cidades medievais européias.

Escravos japoneses

Quando os portugueses estenderam suas atividades comerciais ao continente africano, começaram a capturar e vender nativos negros como escravos. Como é sabido, os escravos eram empregados, regra geral, em trabalhos pesados, sem remuneração e nenhuma liberdade. Com a ampliação das atividades colonizadoras e comerciais dos lusitanos até as águas e terras do Sudeste asiático e Extremo Oriente, o comércio de escravos alcança essas regiões. Já na década de 1520, os portugueses compravam numerosos chineses (homens, mulheres e crianças) para vendê-los como escravos.

Depois da descoberta do arquipélago japonês, mercadores lusos levaram esse mau hábito às plagas nipônicas. Compravam ou raptavam homens e mulheres, ao que parece, em geral menores, para vendê-los como escravos em terras da Ásia e até na Europa.

Na antiguidade registra-se a existência de escravos no Japão. No período inicial da história do país, as tribos ou "nações" vencedoras faziam escravos os inimigos capturados. E ainda em períodos posteriores como os do Estado Yamato (século IV ao VII), de Nara (século VIII) e Heian (século VIII ao XII), havia escravos.

Embora na idade medieval do Japão não existissem escravos, na acepção ocidental, havia o costume de vender filhos e filhas, nas classes pobres, para resgatar dívidas, ajudar no sustento dos demais membros da família, etc. Esse costume persistiu até mesmo nos tempos modernos, nas áreas rurais mais miseráveis.

George Sansom, em sua magistral *A History of Japan* explica que em teoria, isto é, do ponto de vista estritamente legal, o trabalhador rural do Japão jamais esteve sujeito ao estado de servidão, nunca vendido e comprado ou removido como um escravo. Nos períodos Nara e Heian havia escravos domésticos, e é possível que alguns deles fossem postos a trabalhar na lavoura. Mas – observa Sansom – o verdadeiro lavrador não era um escravo, e a tendência generalizada, mesmo naqueles períodos, era no sentido de sua emancipação. Note-se, porém, que há historiadores que apresentam versão diferente sobre a escravidão naquele país.

No período Muromachi (1336-1573), em cuja fase final se estabelece o intercâmbio com Portugal, acontece, por exemplo, a captura de chineses do porto de Naimpo (Ningpo) por piratas japoneses (os temidos *wakô*) e depois vendidos como escravos no Japão. O que parece certo é que a escravidão existiu até nos tempos mais recentes, não como parte integrante, oficial, de um sistema econômico, porém, como resultado de marginalização de famílias carentes, colocadas em situação de extrema miséria.

Provavelmente os lusitanos que compravam escravos, o faziam nos segmentos sociais oprimidos pela miséria. Nesse ignóbil comércio, mulheres nipônicas eram vendidas como escravas ou para prostíbulos.

Essa atividade dos mercadores contrariava frontalmente os princípios morais e religiosos dos missionários cristãos. A Companhia de Jesus combatia duramente o comércio escravista, chegando a solicitar sua proibição ao governo de Lisboa. No ano da abertura do porto de Nagasaki (1570), o rei Dom Sebastião (1554-78) baixou uma ordem proibindo o comércio de escravos nipônicos. Todavia, mesmo um edito real não chegava a ser rigorosamente obedecido nas longínquas terras do Extremo Oriente, onde o vergonhoso tráfico prosseguiu.

Durante sua viagem à Europa, os jovens da embaixada católica ficaram profundamente chocados diante do "grande número de homens e mulheres e até crianças, de ambos os sexos, raptados e vendidos em várias regiões". Sentiram incontida revolta em face do degradante espetáculo de compra e venda de escravos, segundo relataram depois do seu regresso à pátria.

Esclarece o prof. Seiichi Iwao que escravos nipônicos eram vendidos em diversas regiões do sul da Ásia e até em remotas terras das Américas do Norte e Sul, como o México e a Argentina. Não menciona o Brasil.

Mas, Zenpati Ando em sua *Burajiru-shi* (História do Brasil), citando *Épocas de Portugal Econômico*, de João Lúcio Azevedo, informa que no período áureo do comércio com a Índia, além de índios brasileiros, Portugal importou escravos indianos, chineses, javaneses e até japoneses. E acrescenta que os japoneses vendidos como escravos a Portugal o foram pelos daimios cristãos de Kyûshû.

Um auxiliar de Hideyoshi, chamado Yoko Omura, relatou ao seu chefe que centenas de japoneses, homens e mulheres, foram compradas por europeus, acorrentadas e embarcadas nos porões de navios em condições extremamente desumanas – um verdadeiro inferno. O mesmo Omura denuncia ainda o hábito dos "bárbaros do Sul" de comer carne de animais domésticos. Os japoneses, que por influência do budismo não comiam carne de animais, experimentaram, por curiosidade, comer carne de vaca. Uns gostaram, outros não.

Um livro do haicaísta Teitoku Matsunaga (1571-1653) revela que alguns moradores de Kyôto apreciavam a carne de vaca. Fala em *waka* como termo português designativo da carne bovina.

Hideyoshi no comércio exterior

Hideyoshi e muitos daimios influentes da região de Kyûshû, Chûgoku (Honshû Ocidental) e Shikoku participavam ativamente do lucrativo comércio internacional. O intercâmbio comercial com o além-mar propiciava ganhos fabulosos. Sob a proteção do poder central (Hideyoshi) e de daimios regionais, surgem mercadores muito abastados em cidades portuárias. Nobunaga e depois Hideyoshi acabaram com o antigo sistema de *za* (guildas), organizações monopolísticas medievais comerciais e artesanais, existentes desde o século XI, dando então lugar ao nascimento de nova classe de comerciantes, alguns dos quais prosperaram no período Momoyama.

Nesse período, também chamado Azuchi-Momoyama, correspondente ao tempo de Nobunaga e Hideyoshi ou 1568-1600 aproximadamente, o ouro e a prata constituíam os itens mais importantes de exportação japonesa. Numerosas minas foram exploradas a fim de atender à crescente demanda. Desde os fins do século XVI até os primeiros anos do XVII contavam-se mais de sessenta minas de ouro e quarenta de prata no território nipônico.

Expande-se a circulação de moedas cunhadas com esses metais preciosos, como resultado do crescimento das trocas comerciais internacionais. Essas moedas substituíam as de cobre (importadas da China), agora limitadas ao uso nas transações domésticas.

O sagaz Hideyoshi procura dominar o comércio de ouro, fonte de grandes lucros. Além da produção interna, quase toda dominada pelo poder central, ele busca monopolizar a compra do metal transportado pelos navios lusitanos. Essa tentativa, coroada de êxito até certo ponto, é concretizada mediante a troca de prata japonesa com o ouro estrangeiro, em particular o chinês.

* * *

Refletindo a voga da cerimônia de chá (*cha-no-yu*) que se desenvolve e aperfeiçoa de modo extraordinário no período Momoyama, aumenta o interesse geral por aparelhos de chá. Verifica-se uma verdadeira competição entre os aficionados da arte de *cha-no-yu* por taças de chá de alta qualidade ou de origem estrangeira. Entre essas

peças destacavam-se os chamados "potes de Luzon" importados das Filipinas onde eram produzidos por nativos, para seu uso cotidiano. Tratava-se de potes de cerâmica primitiva, mas uma vez importados, cada pote chegava a custar de 5 mil a 10 mil escudos.

Entretanto existe uma mercadoria estrangeira trazida pelas naus portuguesas mais valiosa do que o ouro ou aparelhos de chá. É a seda em rama chinesa. Há um registro sobre o navio luso, procedente de Macau e fundeado em Nagasaki a 17 de agosto de 1588. Hideyoshi ordena que seu agente compre toda a carga de seda crua e tecidos de seda, antes que comerciantes o fizessem. A propósito, o padre Luís Fróis relata que Hideyoshi enviou ao porto de Nagasaki seu agente comercial, Joaquim Ryusa Konishi, tradicional e influente homem de negócios de Sakai. Sua família dedicava-se há muito ao comércio com a China da dinastia Ming. Seu filho Agostinho Yukinaga Konishi se tornou um dos mais famosos generais de Hideyoshi, participando com muito brilhantismo na campanha da Coréia. Pai e filho se convertem ao Cristianismo. O *Taikô* confiou 200 mil cruzados a Ryusa para as transações.

Na prática, Hideyoshi monopoliza a compra de artigos importados mais valiosos como ouro, seda crua e cerâmica de Luzon. E na qualidade de chefe militar não lhe poderia escapar o chumbo e o salitre. O chumbo serve de projétil de mosquete e o salitre é matéria-prima da pólvora necessária para disparar o tiro da arma de fogo. Esses materiais existiam em pequenas quantidades no Japão. No entanto com o incremento do emprego das armas de fogo, tornou-se necessário importá-los. Em particular, as duas campanhas militares da Coréia (1592-97) encetadas por Hideyoshi, exigiram enorme consumo de pólvora e chumbo.

Chumbo e salitre procediam de Macau, em grande parte transacionados e transportados por lusitanos.

* * *

Historiadores japoneses apontam a campanha de combate aos piratas japoneses promovida por Hideyoshi, com muita energia, como parte de sua política comercial. Os piratas conhecidos pelo nome de *wakô*, como já se viu, exerciam o comércio ilegal, atacando cidades

costeiras da Coréia e da China. Suas atividades intensificaram-se no período das guerras feudais (1467-1568). A região de Setonaikai, por estar coalhada de ilhas e ilhotas sem número e muitas enseadas, ideais para esconderijo de navios piratas, servia de base para as investidas dos *wakô*, não só contra o litoral do continente como a várias regiões do Sudeste asiático, inclusive Filipinas. As atividades dos *wakô* constituíam uma concorrência ilegal ao comércio oficial dos *shuin-sen* ou *go-shuin-sen*, navios de selo vermelho, devidamente autorizadas pelo governo, razão porque Hideyoshi intensificou o combate aos piratas. Ordenou a vários daimios do Setonaikai, de Kyûshû e Shikoku que reprimissem com energia os piratas.

Dessa ação resultou a redução drástica ou quase extinção das atividades dos *wakô*. A mesma sorte tiveram corsários chineses que agiam nas proximidades de Hirado, baseados em ilhas próximas dessa cidade.

Aparecem os espanhóis

Enquanto os jesuítas colhiam os frutos de sua pregação e os fidalgos comerciantes lusos desfrutavam os bons resultados do seu comércio no Extremo Oriente, os conquistadores espanhóis, cujo interesse maior então residia em explorar suas colônias do continente americano, instalaram seu posto avançado no Oriente na ilha de Luzon, Filipinas. Fernão de Magalhães, navegador português a serviço do rei da Espanha, planejou a primeira viagem de circunavegação do globo. Chegou às Filipinas em 1521, onde morreu em combate com os nativos. Desde então aquele arquipélago se transformou em colônia espanhola.

Os mercadores espanhóis das Filipinas olhavam com inveja o monopólio das naus portuguesas no comércio japonês e os missionários das ordens dos franciscanos, dominicanos e agostinianos ressentiam o privilégio exclusivo de catequização concedida aos jesuítas pela Santa Sé no país das cerejeiras.

Navegadores nipônicos que já realizavam comércio com a Malásia e Indonésia, alcançaram a ilha de Luzon (a principal das Filipinas), iniciando trocas comerciais com os nativos em 1567, isto é,

dois ou três anos antes da fundação de uma colônia espanhola naquela ilha. No decorrer dos anos seguintes, formaram-se "bairros" japoneses, em diversos pontos de Luzon, tal como aconteceu no Sião, Indochina, Indonésia, Macau, etc.

Observa Sansom que o estabelecimento de relações comerciais dos japoneses com Manila acabou, na prática, quebrando o monopólio lusitano nas transações comerciais dos "bárbaros do Sul" com o Japão.

O fim do monopólio português no comércio com o Japão – com a entrada dos espanhóis – teve sérias conseqüências não só no campo econômico como no político e religioso como se verá no decorrer da história.

* * *

Depois de unificar o país, Hideyoshi, possivelmente pressionado por dificuldades internas e ambições territoriais de grandes daimios, concebeu ou elaborou alguns ambiciosos planos de expansão no exterior. Sonhou conquistar a China, tendo com essa finalidade invadido a Coréia por duas vezes. Entre outros planos figuravam a conquista de Taiwan (Formosa) e das Filipinas.

Em 1591 enviou uma embaixada às Filipinas, portadora de uma missiva ao governador geral da ilha exigindo sua submissão. Dois anos depois, uma delegação espanhola, chefiada pelo padre franciscano Pedro Baptista, que vinha acompanhado de mais três religiosos da mesma ordem, chegava ao Japão trazendo uma mensagem do governador das Filipinas, na qual este declarava que a carta de Hideyoshi seria enviada ao rei da Espanha. E acrescentava que estava ansioso por estabelecer relações comerciais com os japoneses. Na verdade, os espanhóis das Filipinas estavam fazendo tudo para ganhar tempo e reforçar suas defesas.

Os sacerdotes franciscanos ofereceram-se como reféns e solicitaram permissão para pregar sua fé nas Províncias Metropolitanas (cinco províncias em torno de Kyôto). A permissão foi concedida, os missionários começaram sua obra de proselitismo, construíram uma igreja na capital de Kyôto e um convento em Osaka. Hideyoshi

não proibiu essas atividades, apesar da flagrante violação da ordem de expulsão dos missionários por ele próprio baixada em 1587.

O monopólio dos jesuítas foi rompido com a agravante deles estarem proibidos de promover a pregação do evangelho cristão no território nipônico, com exceção de Nagasaki, onde residiam portugueses ligados ao comércio.

Naturalmente registraram-se atritos entre as duas ordens, os jesuítas muito ressentidos com sua confinação a Nagasaki, enquanto os franciscanos agiam livremente na região metropolitana.

Em 1596 acontece o incidente com o galeão *San Felipe*, do qual resultou no sacrifício do padre Pedro Baptista, mais cinco sacerdotes e vinte japoneses (os primeiros mártires cristãos do Japão), já narrado na Parte II.

Hideyoshi coibe a atividade religiosa, mas não a comercial que prossegue, agora com a participação de espanhóis.

Logo a seguir entram holandeses e ingleses no disputado mercado do *nanban-bôeki* (comércio com os bárbaros do Sul), que continua até a decretação do fechamento do país (1639), quando então os holandeses se tornam os únicos europeus permitidos a manter sua representação comercial na ilha artificial de Deshima, Nagasaki.

* * *

O comércio oriental de Portugal consistia na intermediação de mercadorias e precisava de prata para comprá-las. Sem esse metal – então a moeda corrente no comércio internacional – mesmo dominando a rota de navegação da Índia, não conseguia realizar um intercâmbio lucrativo. Para isso os lusitanos forneciam mercadorias trazidas do Oriente a comerciantes alemães e holandeses em troca de prata produzida no sul da Alemanha.

Em 1520, descobriram-se ricas minas de prata no México sob domínio espanhol e, em 1545, no Peru (então abrangendo o território da atual Bolívia), outras grandes jazidas desse metal. A Espanha superava a produção alemã de prata e acabou vencendo Portugal na guerra comercial.

A Holanda começa a desenvolver-se economicamente no século XIII. Suas cidades comerciais alcançam alto grau de desenvolvimento nos séculos seguintes. Seus tecidos de lã começam a concorrer com os espanhóis e passam a superá-los.

Felipe II procurou dominar militarmente a Holanda, então pertencente à sua coroa. Os batavos acabam vencendo a luta e proclamam sua independência, no ano de 1579, ou seja, um ano antes da união da coroa portuguesa à espanhola. Em represália, Felipe II proibiu em 1585 a entrada de navios holandeses em portos lusos. A medida representou um tremendo golpe para os mercadores batavos. Em revide, eles iniciam ataques a barcos comerciais espanhóis e lusitanos que traziam mercadorias de várias partes do mundo à Europa.

A Espanha organiza a Invencible Armada, constituída de 132 navios, para conquistar a Inglaterra – outra potência emergente que ameaçava a supremacia ibérica no comércio mundial. Mas a esquadra espanhola foi destroçada pela Marinha inglesa na batalha naval do canal da Mancha em 1588. Destarte, a Inglaterra e Holanda acabam tomando o domínio dos mares da Espanha e Portugal, transformando-se em novas senhoras do comércio mundial.

Nessas circunstâncias, Portugal e Espanha enfrentam dificuldades crescentes nas suas atividades comerciais na Ásia, inclusive Japão.

É dentro desse quadro da situação internacional que se chocam os interesses comerciais das potências européias no Japão, como veremos a seguir.

Sob o xogunato Tokugawa

A Companhia Holandesa das Índias Orientais, fundada em 1602, estabeleceu diversos postos comerciais no Oriente. Seus navios, armados, tinham ordem de atacar e destruir todos os barcos e possessões portugueses e espanhóis.

Por volta de 1605, o xogum Ieyasu (ele é nomeado xogum em 1603, fundando o Tokugawa Bakufu que dura até a Restauração Meiji), decepcionado com a insignificância do intercâmbio comercial realizado com Manila, convidou holandeses a estabelecerem comércio com o Japão. Em 1609, dois navios batavos em cruzeiro pelo sul

do Japão em busca de naus lusitanas que navegavam anualmente entre Macau e Nagasaki, chegaram a Hirado. E ali estabeleceram um posto comercial, germe da futura feitoria de Deshima.

Quatro anos depois, a Companhia Inglesa das Índias Orientais nomeava um agente comercial também em Hirado.

Acirra-se a competição entre as quatro potências marítimas européias (Portugal, Espanha, Holanda e Inglaterra), em águas do Extremo Oriente.

* * *

Logo após sua nomeação (pelo imperador) para o cargo de xogum, Ieyasu Tokugawa revigora o controle da cidade portuária de Nagasaki. Lembremo-nos que, Nagasaki, juntamente com duas aldeias vizinhas, doadas pelos daimios cristãos da região à Companhia de Jesus, havia sido confiscada por Hideyoshi Toyotomi. Ieyasu nomeia para prefeito dessa cidade um elemento de sua absoluta confiança.

Até então navios portugueses procedentes de Macau transportavam grande quantidade de seda crua para Nagasaki, onde comerciantes locais e de Kyôto, Sakai, Osaka e Edo efetuavam a compra da mercadoria.

Com a chegada mais ou menos freqüente de embarcações européias aumenta o volume de produtos estrangeiros importados. A importação de açúcar, produzido na China, por exemplo, alcança quantidade considerável. Um relatório de navio português de fins do século XVI diz:

"Importam-se cerca de 6 mil a 7 mil *kin (kin* – cerca de 600 gramas) de açúcar. Seu preço de aquisição é de 15 *monme* – unidade de moeda de prata da época) por cem *kin*, alcançando, porém, o preço de 30 a 45 *monme*, uma vez importado no Japão. Os japoneses preferem o açúcar mascavo. Em Macau esse produto custa de 4 a 6 *monme*, sendo vendido a 40, 50 ou 60 *monme* no Japão. É o produto mais lucrativo. Os navios mercantes trazem a Nagasaki cerca de 15 mil a 20 mil *kin* de açúcar mascavo por ano".

As naus lusitanas transportavam, anualmente, de 6 a 7 mil *kin* de açúcar refinado, enquanto o mascavo atingia, como acabamos de

ver, cerca de 15 a 20 mil *kin*. O açúcar refinado valia preço duas ou três vezes superior no mercado japonês. O mascavo que custava cerca de um terço do refinado em Macau, alcançava valor dez vezes superior em Nagasaki. Regra geral, as mercadorias transportadas por embarcações portuguesas proporcionavam lucros de 60 a 100 por cento. Mas o açúcar mascavo oferecia lucros extraordinariamente polpudos.

No referido relato, uma informação curiosa: "Transportamos 50 mil *kin* de pó de arroz. O que custa 26 *monme* por 100 *kin* em Cantão, e 30 *monme* em Macau é vendido por 65 a 73 *monme* no Japão. As mulheres nipônicas consomem o pó de arroz em grande quantidade. A brancura de sua pele é produzida com pó de arroz".

* * *

Em fins do século XVI, navios japoneses de selo vermelho e barcos chineses e europeus intensificam o comércio exterior do Japão. Dos artigos importados em *shuin-sen*, o açúcar torna-se um dos principais itens, ao lado da seda bruta, pele de veado, couro de tubarão, madeiras diversas. Com a consolidação do regime Tokugawa, cresce a demanda de açúcar no mercado japonês. Após o fechamento do país, cabe aos navios chineses transportar a maior parte do produto: um milhão a um milhão e meio de *kin* por ano.

No século XVII Okinawa começa a produzir o açúcar, e depois do fechamento do país o xogunato estimula a produção interna, com plantação de cana-de-açúcar nas regiões de Satsuma, Kii, Sanuki, etc.

* * *

Quanto aos navios mercantes portugueses procedentes de Macau, temos algumas informações interessantes. No começo das viagens para o Japão, o barco era confiado a um capitão-mor. Posteriormente, a autorização passou a ser concedida em hasta pública realizada em Goa. Nos primeiros tempos, o capitão-mor da viagem exercia também as funções de governador de Macau. Depois de 1623, a sua

autoridade ficou restrita aos navios e à jurisdição sobre a comunidade portuguesa de Nagasaki.

As autoridades japonesas tratavam com respeito o capitão-mor e quando ele visitava o xogum recebia as honras equivalentes às de um daimio.

Em cada nau vinham duzentos ou mais comerciantes de Macau. Assim que o barco aportava em Nagasaki, desciam à terra para entabular negociações com os japoneses.

Diogo de Couto calculava que o capitão ganhava entre 70 e 80 mil pardaus (moeda portuguesa da Índia) em cada viagem, enquanto Linschotten calculava esse lucro em cerca de 150 a 200 mil ducados. A principal mercadoria comprada no Japão era a prata.

O Japão importava, por intermédio de barcos lusitanos, seda crua, tecidos de seda, ouro, veludo, pólvora e porcelana que portugueses traziam da China e especiarias procedentes da Índia e do Sudeste asiático. O Japão pagava em moeda de prata; este metal era o seu principal artigo de exportação e alcançava valor muito mais alto na China. A exportação de laca e de outros artigos representava pouco.

Numa relação de mercadorias levadas para o Japão por embarcações portuguesas em 1637 figuravam: sedas, damascos, brocados e cetins de várias denominações e qualidades, veludo, xales, tecidos de algodão, gaze e linho, peles e cabedais, ouro, óculos, porcelanas, noz-moscada, canela, marfim, objetos de coral, caixas para tabaco, dois ratos brancos vivos e outros objetos no valor total de 2.141.468 *taéis* (*tael*, moeda chinesa).

O padre Valignano escrevia em 1580 que os portugueses auferiam um lucro anual de 500 mil ducados de prata no comércio entre a China e o Japão.

No ano de 1562 havia em Hirado noventa portugueses. Muitos comerciantes lusos de Hirado e mais tarde Nagasaki casavam-se com japonesas. Muitos deles haviam desposado filhas de japoneses abastados. Certo número desses portugueses falava fluentemente o japonês.

Informa Martins Janeira que um português estabelecido em Nagasaki montou ali uma fábrica de vidro.

No começo do século XVII, Macau, onde viviam cerca de mil portugueses, era a segunda cidade lusa mais rica, depois de Goa, em todo o Oriente.

* * *

Em 1604, Ieyasu estabelece um virtual monopólio do comércio de seda em rama importada por intermédio de navios estrangeiros. É o chamado *Ito wappu seido* (Método de distribuição de fios de seda), denominado *pancada* em português. O método consistia em estipular, todos os anos, na primavera, o preço da seda crua (fixo durante um ano), estabelecendo uma espécie de oligopólio de mercadores encarregados da compra e venda do artigo. Os comerciantes designados tinham obrigação de comprar a mercadoria, podendo fazê-lo de modo monopolístico, sob o manto da proteção do poder central. Ieyasu, conhecido por sua prudência e sagacidade política, aperfeiçoava o sistema de monopólio adotado por Hideyoshi.

O grupo de comerciantes adquiria assim todo o carregamento de seda crua trazida por barcos entrados em Nagasaki, para depois vendê-la nas diversas regiões do país. Lavradores teciam os fios, em sua atividade artesanal doméstica, como meio de suplementar suas magras rendas auferidas no árduo trabalho de amanhar a terra.

A medida visava, de um lado, controlar o lucro excessivo dos comerciantes portugueses e outros estrangeiros, e, de outro, assegurar a continuidade das importações e, ainda, reforçar as finanças do xogunato.

Não há dúvida de que representava um sério golpe no lucrativo quase monopólio até então desfrutado pelos mercadores lusitanos.

Tal como Hideyoshi, Ieyasu participa do comércio de ouro e prata, visando fortalecer o tesouro do governo. Além de explorar as minas nacionais, dedica-se ao intercâmbio internacional (venda de prata em troca de ouro) desses metais preciosos, com o que aufere grandes lucros.

* * *

Para atender às necessidades de suas grandes campanhas bélicas como a batalha de Sekigahara (1600) e o sítio do castelo-fortaleza

de Osaka (1614 e 1615), Ieyasu precisava de grande quantidade de chumbo e pólvora. Por isso estimula a exploração de minas de chumbo existentes no país e compra esses artigos em volume considerável dos mercadores portugueses, holandeses e ingleses. Historiadores informam que Ieyasu adquiriu grande quantidade desses materiais dos ingleses, por influência do nosso já conhecido William Adams, para empregá-los nas batalhas de Osaka.

Além de exercer rigoroso e permanente controle sobre a importação de seda crua, o xogum procura acumular maior quantidade de ouro, mediante importação. Todo esse esforço visa, naturalmente, reforçar e consolidar os alicerces militares e financeiros do seu regime. Seu objetivo é a perpetuidade da casa Tokugawa no domínio do país.

Um artigo de preferência pessoal de Ieyasu era a madeira de áquila (ou árvore das Índias - *kiara* em japonês), indispensável ao *kôawase*, jogo para advinhar o material usado na produção de aromas de incenso. Originário do Sudeste asiático, o perfume de *kiara* já era apreciado desde os períodos Nara (710-84) e Heian (794-1192). Informa o prof. Iwao que Ieyasu mandava trazer *kiara* do Annã, Sião, Champa (na Indochina), etc. E que, entre seus pertences catalogados depois do seu falecimento, encontravam-se nada menos que 26 *kanme* (cerca de 100 kg.) desse precioso material.

No ano de 1608, um navio de selo vermelho (*shuin-sen*), pertencente ao daimio cristão Protásio Harunobu Arima, se dirigia a Champa. Ieyasu confiou-lhe 60 *kanme* (cerca de 230 kg.) de prata para comprar *kiara*. O barco fundeou no porto de Macau, à espera de vento favorável. Nesse ínterim, marujos japoneses provocaram distúrbios na cidade, do que resultou na repressão militar por parte das autoridades locais. Por desobedecerem à intimação para que se rendessem, parte (cerca de sessenta) dos desordeiros foi morta pela milícia de Macau.

O governador da colônia portuguesa, André Pessoa, dirigiu-se no ano seguinte a Nagasaki, comandando o nau *Madre de Deus*, na qualidade de capitão-mor. Logo após sua chegada ao porto japonês, Pessoa enviou um emissário a Ieyasu, solicitando-lhe que, para evitar incidentes como o sucedido no ano anterior, fosse proibida a viagem de barcos nipônicos a Macau. Ele visava impedir a compra de

mercadorias, como a seda crua, diretamente pelos comerciantes japoneses – que prejudicava seriamente as atividades comerciais dos lusitanos em Macau. Ieyasu aceitou o pedido de Pessoa.

Tal medida, entretanto, contrariou profundamente Protásio Arima e comerciantes japoneses interessados na compra e venda de mercadorias em Macau. Secretamente organizaram um ataque ao *Madre de Deus* ancorado em Nagasaki e o levaram a efeito a 12 de janeiro de 1610. Um projétil incendiou as velas do barco. Vendo que estava perdido, o capitão-mor André Pessoa mandou pôr fogo no paiol de pólvora da nau. Esta, de 900 toneladas, foi a pique em conseqüência de violenta explosão. Pessoa e muitos de seus comandados acompanharam a sorte do navio, perecendo nas águas da baía de Nagasaki.

Já informamos o triste fim de Protásio Arima (Parte II), envolvido em caso de corrupção, quando tentava obter indenização pelos prejuízos sofridos em Macau.

* * *

Por uma estranha coincidência, o incidente com o *Madre de Deus* aconteceu logo depois da abertura da feitoria da Holanda em Hirado (1609). Nesse ano, dois navios batavos da Companhia Holandesa das Índias Orientais chegava a Hirado, iniciando o intercâmbio comercial entre o Japão e a Holanda que duraria mais de dois séculos.

Na prática, em pouco tempo os holandeses eliminam os concorrentes, dominando o comércio europeu no Japão. Este importava, por intermédio de barcos holandeses, numerosos produtos, destacando-se fios e tecidos de seda de diversas qualidades, açúcar, medicamentos, especiarias, etc. e exportava ouro, prata, cobre, cânfora, artigos de artesanato, objetos laqueados, etc. A moeda de cobre importada da China pelo Japão, era em grande parte cunhada com o metal exportado.

* * *

Por outro lado, a notícia da explosão da nau *Madre de Deus* levou as autoridades macauenses a suspeitarem que o xogunato, não mais necessitando do serviço de transporte das naus portuguesas,

poderia romper relações com Lisboa. Por isso solicitaram auxílio do vice-rei da Índia que enviou como embaixador Nuno Soutomaior para explicar e justificar o incidente de Macau, considerado como causa do ataque à nau *Madre de Deus*. O governo de Edo replicou que a responsabilidade pela perda do navio cabia inteiramente a Pessoa que procurara fugir em vez de contar a verdade sobre o episódio de Macau. Portanto, as naus comerciais podiam continuar a fundear no porto de Nagasaki, porém, sob a condição de aceitar o método *Ito Wappu* (pancada).

No ano seguinte ancorava em Nagasaki uma nau lusitana, cujo comandante foi recebido por Ieyasu. O capitão português apresentou cartas de agradecimento do vice-rei da Índia, Ruy Lourenço de Távora, e das autoridades de Macau. Pôde, assim, Portugal prosseguir seu intercâmbio comercial com o Japão.

* * *

Em junho de 1613, um navio pertencente à Companhia Inglesa das Índias Orientais (fundada em 1600), entrou no porto de Hirado. Com autorização do xogunato, instalou ali uma feitoria inglesa. Agora Portugal enfrentava três poderosos concorrentes no Japão: Espanha, Holanda e Inglatera, além dos navios mercantes japoneses. Chegava ao fim, de modo definitivo, o seu monopólio no comércio *nanban* (*nanban-bôeki*) no Japão.

Além disso, os navios lusitanos sofriam freqüentes ataques por parte de barcos batavos, já agora mais modernos, melhor equipados e armados, em águas oceânicas de várias partes do globo.

* * *

Portugal que se tornara grande potência mundial do século XVI, estendendo seus domínios até o Extremo Oriente a leste e o Brasil a oeste, começou a entrar em decadência na segunda metade dessa centúria. Primeiro experimentou uma grave crise dinástica que acabou por colocar no seu trono o rei da Espanha, Felipe II. A seguir, outras nações poderosas como a Inglaterra e a Holanda surgiam no

horizonte internacional, fazendo-lhe impiedosa concorrência, tanto no terreno comercial como no político e militar.

A Holanda, antigo domínio espanhol, transformou-se, em poucas décadas, em nação forte e expansionista, após a proclamação de sua independência em 1581. Sua primeira guerra contra a antiga metrópole Espanha (e Portugal durante a união dinástica dos dois países ibéricos) durou anos, com lances dramáticos em muitos pontos do mundo, inclusive no Brasil.

Em 1619, a Holanda concluiu um tratado de aliança com a Inglaterra, pelo qual, as Companhias das Índias Orientais dos dois países organizavam uma armada conjunta, composta de vinte navios. Dez deles ficavam ancorados em Batávia (atual Jacarta), sede do governo geral holandês, na ilha de Java, e outros dez em Hirado, com a finalidade de atacar possessões e embarcações portuguesas. Aprisionavam e saqueavam navios portugueses e espanhóis em alto-mar.

A esquadra conjunta anglo-batava fundeou, pela primeira vez no porto de Hirado, no mês de agosto de 1620. Ali aguardou vento noroeste do inverno para se dirigir a Macau e Manila, com o objetivo de atacar barcos mercantes portugueses e espanhóis que demandavam esses portos.

Diante dessa pressão naval dos seus adversários, o comércio dos domínios portugueses e espanhóis da Ásia com o Japão sofria um tremendo golpe.

Entretanto, pouco depois surgiram atritos e disputas entre ingleses e holandeses nos Mares do Sul, do que resultou na dissolução da esquadra binacional, dois anos após sua formação.

* * *

A feitoria holandesa de Hirado recebia mercadorias chinesas via Taiwan, onde os batavos construíram uma fortaleza com o nome de Zelândia, no sul da ilha, ao passo que o litoral norte estava ocupado por espanhóis. Fazia assim uma tremenda concorrência aos portugueses de Nagasaki. A frota naval holandesa começou a estorvar o tráfego de naus lusitanas entre a Índia e Macau, via Malaca.

Colocados em situação extremamente difícil, os comerciantes de

Macau chegaram a tomar dinheiro emprestado de seus colegas nipônicos de Nagasaki e Hakata.

O lucro proporcionado aos lusitanos pelo comércio de Macau com o Japão foi minguando, sob a pressão da concorrência comercial e naval batava.

Igualmente no Sudeste asiático os portugueses perdiam terreno no seu intercâmbio comercial com o Japão. Em 1612, naus portuguesas transportavam para o Japão apenas 1.300 quintais de seda crua, enquanto navios espanhóis de Manila e chineses transportavam 5 mil quintais da mesma mercadoria, sem falar em outros produtos.

O quintal correspondia a cerca de 60 quilos (ou 100 *kin*). Um mil e trezentos quintais são 78 toneladas e 5 mil quintais representam 300 toneladas.

* * *

Na Cochinchina, chineses ali residentes importavam de seu país de origem grande quantidade de seda em rama, vendida imediatamente aos japoneses que a enviavam a Nagasaki, em barcos nipônicos.

Verifica-se, pois, que o comércio de seda crua, praticado entre chineses e japoneses na Cochinchina, sem a participação de lusitanos, redundava em grave prejuízo para os navios mercantes portugueses. Em outras palavras, o comércio português com o Japão, já prejudicado pela concorrência batava, se tornava de valor insignificante, antes mesmo do fechamento definitivo dos portos nipônicos ao comércio com Portugal.

* * *

Como narramos na Parte II, medidas de repressão cada vez mais violentas são adotadas contra os ocidentais pelo xogunato Tokugawa, empenhado em erradicar o Cristianismo do Japão.

Os estrangeiros que exerciam atividades comerciais em diversas cidades como Edo, Osaka, Sakai, Nagasaki, etc., ficaram confinados a dois portos: Nagasaki e Hirado.

Medidas cada vez mais drásticas restringem as atividades de na-

cionais e estrangeiros na área do comércio exterior. Em 1636, já no tempo do terceiro xogum Iemitsu (1604-51), um decreto proibiu a permanência de bárbaros do Sul e seus descendentes em território nipônico. Os que desobedecessem a essa ordem seriam sumariamente executados.

Essa e outras providências isolacionistas do xogunato acabam por completar a separação entre japoneses e portugueses. Em obediência ao decreto citado, em setembro daquele ano, 287 portugueses e seus filhos mestiços foram deportados para Macau.

Finalmente em 1639 é baixado o último ato que veda o país ao contato com o exterior, com a única exceção da feitoria holandesa transferida de Hirado para a ilha artificial de Deshima em Nagasaki, e a representação comercial chinesa instalada num bairro da mesma cidade. Vimos na Parte II que a rebelião agrária de Shimabara, que contou com a participação de cristãos, precipitou a decisão do *bakufu* de isolar definitivamente o país do resto do mundo.

Inconformado com a suspensão do comércio, Macau enviou Luiz Dias Pacheco em 1640, em missão especial, para tentar a reabertura. O governo de Edo agiu com extremo rigor, mandando decapitar Pacheco e mais 60 de sua comitiva, incendiar e afundar a nau em que eles viajaram. Era a demonstração inequívoca de que o fechamento do país (*sakoku*) era para valer. Somente um piloto português e doze negros, colocados num junco, foram recambiados a Macau, para relatar o que havia acontecido com o embaixador e comitiva.

Posteriormente foram feitas mais algumas gestões pelo vice-rei da Índia para o restabelecimento das relações comerciais, mas debalde. E o Japão ficou virtualmente isolado da convivência internacional durante mais de dois séculos, até a reabertura dos portos em 1854.

Internamente reforçou-se a draconiana política de extermínio dos cristãos e da influência ocidental. O governo Tokugawa procurou, por todos os meios, apagar qualquer resquício do culto cristão, adotando medidas drásticas de combate ao Cristianismo. Chegou a proibir a importação de livros ocidentais e chineses que contivessem qualquer referência à doutrina cristã.

Adotando uma política autoritária e conservadora (Ieyasu tomou todas as providências que julgou necessárias à perpetuação do seu

clã no poder), o xogunato Tokugawa conseguiu implantar uma paz interna e externa de longa duração.

As armas de fogo – que representaram o estopim para a abertura das relações comerciais com os portugueses – foram sendo colocadas em segundo plano. Deu-se maior importância à espada – *katana* – objeto de culto especial dos samurais que a consideravam a "alma do guerreiro", consoante o ensinamento de Ieyasu.

E o país do Sol Nascente somente iria despertar do seu sono isolacionista nos meados do século XIX por pressão de movimentos de esclarecidos homens de pensamento e samurais patriotas, e da presença das fragatas ("navios negros") do comodoro Matthew Calbraith Perry, armados com canhões mais poderosos do que aqueles instalados nas primeiras naus portuguesas que visitaram o território nipônico.

* * *

É interessante registrar que, antes de se dirigir a Uraga, no Japão metropolitano, em 1853, o comodoro Perry fez escala em Naha, Okinawa. E chegou a sugerir ao seu governo a colocação de Okinawa sob o protetorado americano. A sugestão foi rejeitada pelo presidente Millard Fillmore.

PARTE IV

O CHOQUE E DEPOIS

Expansão e recuo

Agora que já examinamos, embora de modo sucinto, a história das atividades dos missionários, comerciantes e navegadores portugueses, nos cerca de cem anos de sua presença no Japão, tentaremos acrescentar mais algumas informações e comentários, procurando elucidar melhor o que representou, mormente do ponto de vista sócio-cultural para o povo nipônico, o seu primeiro e inesperado contato com representantes da civilização ocidental.

Nesta tentativa, teremos forçosamente que voltar a focalizar acontecimentos, personalidades, situações, etc., já vistos e expostos. Mas o serão de outros ângulos ou de maneira mais abrangente, aprofundando-se, dentro de nossas limitadas possibilidades, o escopo da narrativa e análise do chamado Século Cristão ou Português na história do Japão.

* * *

O inesperado aparecimento de portugueses no litoral de Tanegashima constituiu um evento histórico surpreendente e de transcendental significado para o velho Yamato. Os japoneses jamais haviam tido contato direto no seu próprio território com ocidentais, em sua já multimilenar existência. Foi um inédito, e por isso mesmo explosivo, acontecimento na vida nacional do Japão. Um violento choque psicológico e cultural, não entendido, na ocasião, pelos próprios protagonistas do drama histórico. A civilização ocidental, represen-

tada principalmente pelo Cristianismo dos portugueses (jesuítas), abriu uma brecha na vida religiosa dos japoneses, logo de início, como resultado do profícuo e inteligente trabalho catequizador de Francisco Xavier.

O Japão encontrava-se, então, num período de aguda crise nacional, dividido em numerosos feudos, sem uma autoridade central capaz de impor a ordem interna e exercer a vigilância em suas fronteiras. Processava-se uma radical transformação político-social, depois de mais de um século de lutas intestinas constantes. Os conflitos armados travados entre os feudos mudavam de característica, assumindo a forma de campanha de reunificação do país. O xogunato Ashikaga (Muromachi Bakufu), no poder há mais de dois séculos, estava decadente e desmoralizado, sem força sequer para governar a região de Kyôto, sede do governo. A Corte imperial se encontrava em situação de penúria há muito tempo, preservando apenas nominalmente a chamada autoridade tradicional. Essa situação certamente facilitou a entrada lusitana, sem resistência.

* * *

Além da compleição física dos portugueses – homens de aspectos somáticos bem distintos dos japoneses e outros povos orientais – o seu vestuário, sua língua e hábitos diferentes impressionaram profundamente os japoneses. Os lusitanos receberam o nome de *nanban-jin* (bárbaros do Sul). *Nanban*, palavra usada pelos chineses para designar todas as raças meridionais e que, no Japão do período Muromachi, se aplicava a todos os povos do Sul, abrangendo Sião, Luzon (Filipinas), Java, etc. Os portugueses e outros europeus como espanhóis e italianos que procediam do Sul foram todos chamados de *nanban-jin*. Já os holandeses, chegados posteriormente, receberam a denominação de *kômô-jin* ou *kômô* (homens louros ou ruivos).

As naus portuguesas, pelo seu tamanho e equipamento mais sofisticado do que as embarcações japonesas, igualmente provocaram aguda impressão aos nipões que os apelidaram de *kurofune*, navios negros e que, ainda hoje, podemos ver em pinturas *nanban-ga*, aplicadas mais em biombos (*nanban byôbu*). A palavra *nanban* aparece em diversas combinações como *nanban-boêki* (comércio *nan-*

ban), nanban-bijutsu (belas artes *nanban), nanban-bunka* (cultura *nanban), nanban-bungaku* (literatura *nanban), nanban-ji* (igreja *nanban), nanban-byôbu* (biombo com pintura *nanban)* e outras.

* * *

Muito embora habitualmente se considere a chegada a Uraga, porto próximo a Tóquio, em 1853, dos navios negros *(kurofune)* ou fragatas comandados pelo comodoro Matthew Calbraith Perry (1794-1858), como o primeiro impacto da civilização ocidental sobre a nipônica, do ponto de vista cronológico os portugueses antecederam os americanos em três séculos.

Desde a chegada dos primeiros lusitanos a Tanegashima em 1543 até o fechamento definitivo do país em 1639, praticamente durante uma centúria, os navegantes, missionários e comerciantes portugueses marcaram indelevelmente sua presença no Japão. E influíram consideravelmente na evolução da civilização japonesa, fato que pesquisas históricas recentes vêm confirmando. Os resultados de estudos – que ainda prosseguem no Japão, Portugal, Vaticano e outros países – estão mudando a opinião até então dominante na história do Japão, de que devido a drástica e violenta política de repressão e perseguição ao Cristianismo adotada pelo xogunato Tokugawa, virtualmente todas as influências dos "bárbaros do Sul" haviam sido varridas do solo nipônico. E que os portugueses haviam influído muito pouco no progresso cultural do Japão. Até historiadores como George Sansom observam que a importância dos missionários e mercadores portugueses na história do Japão tende a ser exagerada por autores ocidentais. Naturalmente – acrescenta – a chegada de europeus ao Japão apresenta interesse especial aos leitores ocidentais e ela oferece muitos aspectos dramáticos; mas na longa crônica da história do Japão "constitui episódio secundário".

Entretanto, como dissemos, evidencia-se agora que, na verdade, a influência da civilização portuguesa – então representante da civilização ocidental – nos séculos XVI e XVII sobre o desenvolvimento cultural do Japão foi bem mais duradoura e ampla do que se julgava antes. É o que se verá, principalmente, no capítulo *Legado Cultural,* na parte final deste volume.

Com a abolição do sistema de *za* (guildas ou corporações profissionais – regra geral dependentes da proteção de senhores feudais ou templos e santuários), iniciada no tempo de Nobunaga e completada por Hideyoshi, abre-se caminho para maior liberdade de comércio interno, com a ampliação de canais de distribuição em todo o território japonês. Grandes fortunas chegam a ser amealhadas nas mãos de abastados comerciantes das grandes cidades. Como resultado dessa "abertura", dentro do regime feudal, elevou-se a posição social de mercadores, seu estilo de vida se tornou mais colorido, até luxuoso. E como conseqüência eles começaram a se interessar pela cultura, em particular pelas artes tradicionais do país.

Havia porém muitos que sentiam fascínio pelas novidades, como a arte *nanban*, ao lado do desejo de conhecer o mundo exterior e encontrar novas oportunidades de negócios.

Sem dúvida, os mercadores japoneses que primeiro freqüentaram Nagasaki foram os pioneiros na divulgação do gosto e arte *nanban*. Também samurais, letrados e outros elementos do povo que visitavam Nagasaki, viram portugueses e seus navios, observaram suas roupas, hábitos, ouviram a sua fala, tomaram conhecimento de pelo menos parte da liturgia católica.

Relatos de jesuítas datados de 1592 revelam que daimios demonstraram grande desejo de conseguir relicários portados pelos crentes. E numa carta enviada à Europa pelo padre Francisco Pasio em 1594, ficamos sabendo que o próprio Hideyoshi gostava muito de roupa portuguesa e seus auxiliares mais imediatos o imitavam no uso de vestuário de estilo lusitano.

Mesmo daimios não cristãos carregavam rosários e penduravam crucifixos no peito. Alguns decoravam o Padre Nosso e Ave Maria, recitando-os ao caminhar pelas ruas.

Tudo isso demonstra o grau de penetração da nova bossa nas classes samurai e comercial. Constitui prova também de que Hideyoshi havia relaxado sua atitude hostil ao catolicismo, manifestada no edito de expulsão dos missionários de 1587.

E era resultado da tendência de abertura e de libertação verificada naquele período de grandes transformações político-sociais no Japão feudal. Expandia-se e aprofundava-se o interesse da população pela cultura *nanban* que estendia sua influência não só nas grandes cida-

des como Kyôto, Osaka, Sakai, Nagoya de Kyûshû (onde Hideyoshi estabeleceu seu quartel-general na guerra coreana), como em outras regiões do país.

O próprio uso da língua portuguesa se difundiu muito, a partir de Nagasaki, a capital do catolicismo, durante várias décadas.

Relatórios de missionários jesuítas revelam que os japoneses, vendo a rica decoração das naus portuguesas, os vistosos fatos dos seus capitães e oficiais, e a riqueza do comércio por eles (lusos) realizados em grandes quantidades de artigos raros, julgavam-nos homens possuidores de imensas fortunas.

E a respeitabilidade conquistada pelos missionários, graças à sua conduta austera e disciplinada, levaram aos poucos número crescente de nipônicos a respeitá-los e não poucos acabaram por se converter ao catolicismo. Alguns aprenderam o idioma português com sacerdotes e chegaram a servir de intérpretes.

Os cristãos japoneses imitavam o modo de viver dos lusitanos, adotando alimentos de sua dieta, como a carne bovina, usando vestuários e mobiliário lusos. E misturavam termos portugueses nas suas conversas. Aprenderam na igreja, terminologia religiosa portuguesa e latina, citações da Bíblia, e até termos da parafernália do ritual cristão.

A moda *nanban* começou a florescer naturalmente em Nagasaki, a grande comunidade cristã e sede das atividades da igreja católica até o início da grande repressão. Durante 69 anos, desde sua abertura até o isolamento do Japão, Nagasaki foi porto comercial muito importante para os lusitanos, e por cerca de trinta e cinco anos abrigou os principais dirigentes da Companhia de Jesus. Além de suas residências, a cidade contava com muitas igrejas e posteriormente até um bispado.

E com a presença de comerciantes lusos, muitos com residência na cidade, e sendo a maioria de sua população japonesa constituída de católicos, Nagasaki apresentava uma fisionomia urbanística ocidental, completamente diferente das demais cidades nipônicas.

Assim, além de ser grande centro de irradiação da religião cristã, dali se espalhava para o resto do país a moda portuguesa e muitos frutos da cultura européia.

Conforme vimos, o Japão atravessava uma fase de graves convulsões sociais, com guerras freqüentes entre os numerosos feudos, quando os portugueses lá aportaram e a seguir começaram o intercâmbio comercial e a pregação do Cristianismo.

Por outro lado, conforme ressalta o prof. Tetsuro Watsuji no seu livro *Sakoku - Nipon no Higeki* (Isolamento Nacional, Tragédia do Japão), no meio dessa desordem surgem homens de personalidade extraordinariamente forte. Temos os exemplos dos grandes cabos de guerra como Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu. Tal como aconteceu na Itália dos séculos XIV e XV, quando apareceram numerosos governantes absolutistas e *condottiere* que, comandando mercenários, atendiam às necessidades das guerras freqüentes.

No Japão, tradições antigas caíam por terra, homens subiam ao poder pela sua competência e audácia e não pela força da tradição. Existia uma subversão da ordem hierárquica, conhecida na história como *gegokujô* (inversão da hierarquia social), quando subalternos se rebelavam contra seus chefes a fim de assumir o poder nos feudos. Não funcionava mais a velha moral reguladora das relações entre senhores e seus vassalos. Imperava a ambição desenfreada, o interesse individual. O prof. Watsuji observa, entretanto, que a destruição da velha ordem representava o caminho da libertação do homem. (Esse caminho seria logo fechado pelo fortalecimento do regime feudal começado por Hideyoshi e consolidado por Ieyasu.)

Vistos a posteriori essas lutas e violências faziam parte de esforços de criação de uma nova sociedade, cheia de vitalidade, representada na Itália pela Renascença, com florescimento das atividades culturais e artísticas em geral. No Japão tivemos, nos séculos XIV, XV e XVI, (período Muromachi) o nascimento ou desenvolvimento das artes tipicamente nipônicas como o teatro *noh*, a cerimônia do chá *(cha-no-yu)*, a arte da poesia em cadeia ou versos encadeados *(renga)*, e o *haicai* sendo ainda dessa época a germinação do teatro *kabuki*, *joruri* (balada composta de cantos e recitativos, com acompanhamento de *shamisen*, instrumento tricórdio) que iriam florescer no período Edo.

Apesar das guerras e inquietação social generalizada, o xogunato Muromachi representou um período de férteis atividades culturais, resultando numa espécie de Renascença japonesa.

O prof. Watsuji destaca o papel desempenhado pelo Infante D. Henrique (1394-1460) que criou, no Cabo São Vicente, a famosa Escola de Sagres, instalando ali a primeira escola de astronomia, geografia e navegação da Europa. Procurou desenvolver todo o potencial científico de Portugal naquele centro de estudos. Watsuji aduz que embora o objetivo imediato do Infante fosse a luta contra os árabes e a busca da expansão portuguesa no mundo desconhecido, o mais importante era a forma adotada: o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica.

A expansão marítima de Portugal alcançou Malaca, onde japoneses (okinawanos) haviam chegado provavelmente algumas décadas antes. A motivação de ambos era o comércio. Todavia no cerne do movimento expansionista luso havia o espírito do Infante D. Henrique, a busca do desconhecido como empreendimento de caráter nacional, enquanto as atividades dos japoneses se caracterizava pelo espírito de aventura e de predação de grupos (exemplo dos *wakô)*, salienta o professor. Faltava um projeto nacional, pelo menos na fase inicial da expansão comercial japonesa nos Mares do Sul.

* * *

Na verdade, o chamado *nanban-bôeki* (comércio *nanban)* apresentou duas fases distintas: 1a.) - o intercâmbio comercial por intermédio de navios lusitanos; 2a.) - abrangendo o comércio com espanhóis, ingleses e holandeses. O grosso desse comércio esteve nas mãos dos portugueses, durante muitas décadas, até o seu recuo diante da poderosa concorrência holandesa e outras circunstâncias, como a compra direta da seda chinesa por comerciantes japoneses, já apontada. Os portugueses lutaram com todas as suas forças, inclusive arriscados esforços diplomáticos, mas acabam perdendo o mercado japonês, quando o xogunato fecha o país, deixando aberto o porto de Nagasaki exclusivamente para holandeses e chineses.

* * *

O comércio internacional da época, como já vimos, constitui uma atividade econômica muito lucrativa. Entregam-se a ele os próprios

governantes como Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu, sem falar nos daimios, comerciantes e armadores de Osaka, Kyôto, Edo, Sakai, Nagasaki, etc.

Por outro lado, como resultado da intensificação do movimento comercial, formaram-se bairros e vilas japoneses em dezenas de localidades do Sudeste asiático, como Filipinas, Java, Celebes, Indochina, Annã, Camboja, Malaia, Sião, Macau, etc. Historiadores japoneses estimam em milhares de emigrantes residentes naquelas áreas, no tempo da decretação do *sakoku* (fechamento ou isolamento do país). Muitos deles não retornaram mais à pátria, porque o xogunato não só proibiu a saída de nipônicos para o além-mar como decretou o impedimento do seu regresso, chegando a vedar a construção de navios de longo curso.

Antes dessas medidas restritivas, havia até japoneses que viajavam clandestinamente em barcos estrangeiros. Numa época de permanente convulsão social e guerras freqüentes, o homem procura fugir desse ambiente ou se torna mais aventureiro do que em tempos de paz e normalidade. O prof. Seichi Iwao informa que um inglês da feitoria de Hirado narra em seu diário que havia nipônicos que se infiltravam em embarcações de bandeira inglesa, ocultavam-se em cabinas de marinheiros. E era muito difícil retirá-los de lá à força.

A história registra o famoso exemplo de Nagamasa Yamada, falecido em 1630, que descoberto como clandestino já em alto-mar, foi parar no Sião. Lá liderou o bairro japonês da então capital Ayuthia, depois entra para o serviço do rei. Samurai fiel e valente, conquistou a confiança do monarca siamês, chega a ocupar o cargo de comandante da guarda real. Depois participa da luta em torno da sucessão real, acaba sendo transferido para o governo de uma província, onde morre envenenado por agentes do regente, seu inimigo.

Na época a emigração japonesa se processa sem nenhum planejamento, nem proteção oficial. A maioria dos nipônicos que se estabelecem em muitos pontos do Sudeste asiático está ligada ao comércio internacional. Parentes e empregados de comerciantes e seus familiares desembarcam nos portos do além-mar e lá permanecem por longos anos. Mercadores nipônicos chegam a dominar algumas praças, no período áureo da sua expansão.

Samurais que perdem seu emprego nos feudos derrotados na épo-

ca das guerras feudais se tornam *rônin*. Muitos emigram, buscando refúgio e vida nova no exterior. Não raro, servem como mercenários nas milícias coloniais de países ocidentais. São bem cotados como soldados, pela sua coragem e combatividade.

Cristãos perseguidos – inclusive alguns daimios – igualmente procuram escapar à morte, fugindo para países do Sudeste asiático.

* * *

Para os navios de selo vermelho se dedicarem ao comércio internacional, havia necessidade de armadores capazes de financiar a construção de embarcações e equipá-las. Entre eles contam-se cerca de dez daimios como Korenori Kamei, Tadatsune Shimazu, Kiyomasa Kato, Tadaoki Hosokawa, Harunobu Arima, Shigenobu Matsura e outros, a maioria senhores de feudos situados na ilha de Kyûshû. Acrescente-se a eles cerca de quarenta a cinqüenta ricos comerciantes, entre os quais se destacam Ryoi Suminokura, pai e filho, Magozaemon Sueyoshi, Shirojiro Chanoya, Sotaro Araki.que operam em Osaka, Kyôto, Sakai e Nagasaki. Curioso é que figuravam, também, mulheres como a concubina de Ieyasu chamada Natsu no Kata ou a mãe do mercador Matazaemon Ibarakiya, de Osaka. O vento liberalizante beneficiava ambos os sexos.

Havia ainda comerciantes de Ryûkyû – conforme foi relatado na Parte I – desempenhando importante função nas transações entre Naha e Nagasaki, servindo de intermediários entre os Mares do Sul e o Japão metropolitano.

Alguns armadores japoneses residiam no exterior, como um tal de Youemon, morador no Sião. Por outro lado, estrangeiros residentes no Japão como Anjin Miura (nome japonês de William Adams), Jan Jacobsen, André Li-tan e outros participavam do lucrativo comércio internacional. Estima-se que o número de armadores superava a casa dos cem. Eram os capitalistas internacionais da época.

O comando do navio e das operações comerciais estava a cargo do capitão. Os barões feudais e grandes mercadores escolhiam para essa função membros de sua família ou servidores de absoluta confiança. Alguns comerciantes como Sotaro Araki e Shichiro Funa-

moto fiscalizavam pessoalmente os barcos mercantes, viajando para o além-mar.

O piloto (*anjin* em japonês) tinha a tarefa de dirigir a embarcação no rumo certo. Para a navegação nos Mares do Sul – desconhecido inicialmente dos japoneses, com exceção de okinawanos, como já se demonstrou na Parte I – contratavam-se pilotos de nacionalidade portuguesa, depois espanhola, holandesa e inglesa. Entre estes temos o célebre William Adams, inglês, Franz Jacobsen, batavo e outros.

Contudo, os japoneses acabam aprendendo a técnica de navegação de longo curso. Com certeza os portugueses foram os primeiros e principais orientadores, porquanto possuíam os melhores conhecimentos da arte de navegar, desenvolvida desde os tempos da Escola de Sagres. Entre os melhores pilotos nipônicos dessa categoria cita-se Youemon Ikeda, do feudo de Higo (Kyûshû). Sua obra *Genna Kokai-ki* (Registro de Navegação da Era Genna) é tida como documento precioso que atesta o aperfeiçoamento da arte de navegação ocidental no Japão. (Era Genna: 1615-24).

Os japoneses já utilizavam instrumentos de navegação como grafômetro, bússola, mapas de navegação, etc. As embarcações construídas no Japão deslocavam em média 250 a 300 toneladas, havendo, porém, alguns de 800 toneladas, como aquela de Ryoi Suminokura, abastado comerciante de Kyôto, portador de selo vermelho. Cada barco costumava transportar 40 a 50 marujos. Alguns daimios mandavam seus vassalos servirem como marinheiros. Estes podiam ganhar dinheiro levando mercadorias para vendê-las nos portos de destino. Às vezes tais mercadorias chegavam a ocupar um terço da praça do barco. Isso quer dizer que, fora os comerciantes, também os marujos usufruíam lucros nessas viagens ao exterior.

Inicialmente a técnica de construção naval era toda japonesa. Depois introduziu-se a técnica chinesa e européia (portuguesa). A tecnologia naval dos nipônicos aperfeiçoou-se tanto que o feudo de Satsuma recebeu encomenda de Luzon para a construção de um navio destinado à navegação transpacífica. O barco usado por Tsunenaga Hasekura (1571-1622) em sua viagem ao México, a caminho da Espanha e Roma (1613-20) também era de construção nipônica. Essa embarcação realizou três viagens ao México, então chamado Nova Espanha.

Shusaku Endo (1923 -), um dos poucos escritores católicos do Japão atual, autor do romance histórico *Samurai* (sobre a vida de Tsunenaga Hasekura, há pouco citado e que como emissário católico do feudo de Sendai é enviado à Espanha para conseguir um tratado de comércio, malogrando nessa tentativa), num diálogo com o professor Iwao, assevera que o Japão então já dispunha de cultura e tecnologia comparáveis às européias.

Acreditamos que ele tem toda razão quando afirma que a experiência do Século Cristão representou para o Japão, o primeiro e o mais violento choque frontal com a civilização ocidental, pois os europeus (portugueses) trouxeram o Cristianismo, elemento fundamental de sua cultura. Observa Endo que a rejeição dessa cultura, representada pelo fechamento do país, foi causada pelo desejo dos nipônicos em introduzir a civilização ocidental sem o Cristianismo. Tal orientação resultou no grande derramamento de sangue, conseqüente da perseguição aos cristãos, com mártires japoneses em elevado número.

A marcha posterior da história parece confirmar esta análise do escritor. Veremos mais adiante que os japoneses, depois da rejeição do Cristianismo, conservaram muitos dos conhecimentos aprendidos com os lusitanos, no campo da ciência e tecnologia ocidental, apesar da repressão oficial do período *sakoku*.

* * *

Do ponto de vista histórico, registraram-se dois recuos: depois de sua expansão comercial e religiosa até o Japão, os portugueses tiveram que recuar, saindo daquele país; os japoneses, por sua vez, recuaram, cessando suas atividades comerciais no além-mar e adotando a política de isolamento nacional *(sakoku)*.

Conseqüências do "sakoku"

Muito embora o objetivo deste modesto volume esteja restrito à presença portuguesa – os pioneiros entre os europeus a abrir as portas do Japão – naquela fascinante fase da história japonesa, temos o

fato inconteste de que a sorte dos lusitanos se inter-relaciona com a dos demais ocidentais que se aventuraram a pôr seus pés no Arquipélago: espanhóis, holandeses e ingleses.

Os ibéricos visavam duas finalidades: a cristianização dos nipônicos e o comércio. Os ingleses e holandeses visavam exclusivamente a atividade comercial, apesar de que, em suas confrontações com portugueses e espanhóis entrassem ingredientes religiosos (protestantes e anglicanos de um lado e católicos do outro).

Sobre as conseqüências do *sakoku* (país fechado ou isolado) do Nipon existem as mais variadas opiniões, umas favoráveis a essa política, outras contrárias e ainda terceiras apresentando teses intermediárias, ressaltando pontos positivos e negativos daquela orientação do xogunato Tokugawa.

Acreditamos que pelos fatos expostos até aqui ficou claro que a política isolacionista resulta, internamente, do intuito de fortalecer a hegemonia da casa Tokugawa, caracterizada por um regime feudal fortemente centralizado. Do ponto de vista internacional, pode-se atribuir ao avanço de natureza territorial, comercial e religiosa de potências européias. O Japão, sob o governo dos Tokugawa, reagiu à ofensiva colonialista de países ocidentais, então em fase de plena expansão territorial, em várias partes da Ásia e Extremo Oriente. Basta ver o que aconteceu a países como Índia, Malásia, Indonésia, Filipinas, etc.

* * *

O médico e naturalista Engelbert Kempfel (1651-1716), nascido na Alemanha e que serviu na feitoria holandesa de Deshima durante dois anos a contar de 1690, escreveu um volumoso (700 páginas) livro sobre o Japão, após o seu regresso à Europa. Explica a história, geografia, organização política e social, etc. do país. E dedica um capítulo ao problema do isolacionismo japonês.

Opina que a terra pertence a toda a humanidade e por isso a decisão de fechar as fronteiras nacionais contraria as leis naturais. Contudo, defende a política do Tokugawa Bakufu, apresentando entre outros os seguintes argumentos:

• O Japão é um país insular, distante de outros países. Rico em recursos naturais, densamente povoado, sendo sua gente muito diligente, produz artigos artesanais de fina qualidade, encontra-se em condição de ser auto-suficiente. As leis são severas, a ordem interna é mantida com rigor.

• A situação presente do Japão é de absoluta tranqüilidade, não havendo possibilidade de revoltas como sucede em outros países. Considero portanto perfeitamente acertadas as providências destinadas a eliminar as causas externas capazes de provocar problemas e conflitos internos.

• Dentro da conjuntura nacional e na defesa da forma de governo, segurança e felicidade do povo, o Império teve que fechar suas portas de modo permanente e expulsar os estrangeiros, eliminando, ao mesmo tempo, usos e costumes estranhos ao seu povo.

A obra de Kempfer, traduzida para várias línguas, teve ampla divulgação em toda a Europa. Ela serviu para que muitos pensadores, políticos e militares tomassem conhecimento da existência do Japão e da sua política isolacionista. Entre eles figuram Montesquieu da França, Kant da Alemanha, o almirante Perry, dos Estados Unidos e outros.

* * *

Até a chegada dos portugueses, os conhecimentos geográficos dos nipônicos com referência ao mundo exterior, se limitavam à China, Coréia e Índia, e algumas informações sobre regiões do sudeste da Ásia.

O contato com navegadores, missionários e comerciantes europeus e a importação de produtos ocidentais e dos Mares do Sul ampliou os conhecimentos dos nipões acerca do orbe. Eles informavam-se sobre os povos estrangeiros e os produtos importados e seus países de origem.

Por outro lado, cultos missionários jesuítas e de outras ordens religiosas introduziram conhecimentos científicos, então em rápido

progresso na Europa, em especial a medicina, astronomia e geografia. Eles trouxeram globos e mapas que contribuíram para ampliar e aprofundar os conhecimentos de geografia dos japoneses.

Nobunaga Oda viu um globo apresentado por sacerdotes jesuítas e fez muitas perguntas a respeito da situação mundial. Informou-se da rota seguida por eles até atingirem o Japão e ficou impressionado com a distância que separava a Europa da terra dos samurais. Tempos depois declarou que aprendera muito com os missionários – o que não acontecia com os bonzos, acrescentou, mostrando sua conhecida antipatia para com o clero budista.

Hideyoshi Toyotomi, igualmente, quando recebeu um globo oferecido por um missionário, no seu quartel-general de Nagoya de Kyûshû, de onde comandava a campanha da Coréia, ordenou-lhe que declarasse o nome dos países e suas respectivas distâncias do Japão. O *Taikô* adquiriu assim conhecimentos geográficos relativos a muitos países.

Também Ieyasu Tokugawa, dado o seu profundo interesse pelo comércio internacional, adquiriu um mapa-múndi *nanban* e trocou comentários com seus auxiliares imediatos como Shozaburo Goto e Sahyoe Hasegawa, a respeito de países estrangeiros. E com freqüência ouvia Anjim Miura (nome japonês de William Adams) sobre a situação mundial. Adams serviu como conselheiro do xogum em assuntos internacionais. Alguns autores informam que o piloto inglês teria sugerido a Ieyasu a expulsão de portugueses e espanhóis.

* * *

O isolamento definitivo (com exceção da Holanda e da China, repetimos) do país (1639) se verificou no tempo do terceiro xogum Iemitsu. Dizem historiadores japoneses que, Iemitsu, ao contrário do avô Ieyasu e de Nobunaga e Hideyoshi, tinha profunda aversão ao estrangeiro. Ao que parece, em parte essa sua atitude resultou da influência exercida sobre ele pelo sábio Razan Hayashi (1583-1657), conselheiro do *bakufu* em assuntos confucianos e inimigo declarado do Cristianismo.

Com o isolamento decretado por Iemitsu, os conhecimentos mundiais dos nipônicos foram-se reduzindo rapidamente. O xogunato

adotou severa política anticristã, chegando a proibir a importação de livros ocidentais e mesmo alguns chineses, somente porque traziam referências a datas do calendário gregoriano.

Refletindo a orientação oficial, surgem livros anticristãos uns após outros, a tal ponto que as palavras como *kirishitan* (cristão), *bateren* (padre) chegam a soar como sinônimos de diabo ou magia negra. Essa política anticristã e xenófoba acabou por destruir quase por completo os germes do racionalismo europeu que começava a ser cultivado no país. Não havia clima para qualquer esforço no sentido de preservar alguns conhecimentos científicos aprendidos com os portugueses e outros europeus. O terror anticristão sufocava toda e qualquer iniciativa racionalista que não se enquadrasse na orientação oficial, baseada nos princípios confucionistas da escola Chu-hsi (Shushi em japonês). O Tokugawa Bakufu adotou o confucionismo como filosofia de governo. E a doutrina de Chu-hsi era muito conveniente para um regime feudal autocrático e centralizador, pois, entre os seus ensinamentos se destacava a obediência do povo à autoridade do senhor feudal.

Contudo, apesar dessa situação absolutamente desfavorável aos estudos ou pesquisas do saber ocidental, algumas obras de caráter científico, baseadas em conhecimentos inicialmente transmitidos por lusos e mais tarde por holandeses apareceram já no século XVII, conforme veremos mais adiante.

Analisando-se exclusivamente o aspecto da cessação da introdução de conhecimentos ocidentais por parte do povo japonês, os efeitos do *sakoku* foram profundamente desastrosos.

E o aspecto mais grave é que nenhuma crítica aberta e mesmo velada à política do xogunato era permitida. Daí a observação de Kempfer de que "as leis são severas, a ordem interna é mantida sem problemas".

Somente com a aproximação da Restauração Meiji o assunto veio à baila como problema político e de crítica ao xogunato, dentro da agitação nacional então gerada. E já no começo da era Meiji os efeitos benéficos e maléficos do isolamento nacional são pesquisados, estudados, analisados e avaliados por homens de pensamento e líderes políticos.

Nos primeiros anos da era Meiji, um jornalista de Nagasaki de nome Gen-ichiro Fukuchi, em seu livro *Bakufu Suibô-ron* (Comentários sobre a Queda do Bakufu) observa que, por causa da política de fechamento do país adotada com a finalidade de reprimir o Cristianismo, a introdução da cultura européia ficou extremamente limitada, sustou-se o movimento de expansão no além-mar dos japoneses, redundando em grande prejuízo para o Japão.

Desde então muitas discussões e debates se travaram entre pensadores e historiadores sobre os lucros e prejuízos da política isolacionista.

O prof. Ginzo Uchida, da Universidade de Kyôto, analisa o *sakoku* do ponto de vistà político, econômico e cultural. Na área política, diz ele, se acaso ambiciosos daimios cristãos pedissem ajuda estrangeira para enfrentar o xogunato, teria sido possível criar-se ameaça à unidade e segurança nacionais. No tocante à economia, graças ao isolamento, o setor interno se fortaleceu e evoluiu muito, dando margem ao surgimento de vigorosas indústrias artesanais regionais, produzindo artigos típicos, constituindo-se em sólida base para a próxima evolução industrial do país. Foi por essa razão, acrescenta Uchida, que o país conseguiu se desenvolver celeremente depois da abertura dos portos. Quanto à cultura, conseguiu evitar a poderosa influência da cultura européia, dando tempo ao amadurecimento da civilização nipônica, com aproveitamento da essência da cultura oriental.

Já o prof. Zensuke Tsuji, da Universidade de Tóquio, autor de *Kaigai Kôtsû Shiwa* (História das Relações com o Além-Mar) discute os ganhos e as perdas do *sakoku*, do ponto de vista da economia, demografia, política interna, cultura e expansão externa do Japão. Quanto à economia, embora tenha havido a vantagem de evitar-se a saída de moedas de ouro e prata, estrangulou o comércio exterior, atrasando conseqüentemente o desenvolvimento das diversas atividades produtivas do país. No tocante ao problema demográfico, reconhece como causa principal da estagnação do crescimento populacional no período Edo, as freqüentes crises de fome que assolaram a nação, porque não se podia importar alimento do exterior para aliviar a aflitiva situação. No tangente à política interna, a impossibilidade de encontrar trabalho no exterior por parte de desemprega-

dos e *rônin* agravou sobremaneira a crise econômica, acabando por criar uma situação de tremendas dificuldades financeiras ao próprio *bakufu* e a toda a classe samurai – a elite dominante. E acrescenta que se não fosse o isolamento nacional, haveria maior fortalecimento da união do povo, diante da concorrência estrangeira. No terreno da cultura, embora reconhecendo haver-se criado ambiente propício ao amadurecimento da cultura nipônica, lembra por outro lado que ela sempre se desenvolveu mais intensamente em períodos de grande intercâmbio com o exterior. Na opinião de Tsuji a cultura do período Edo tornou-se formal e decadente, por causa do *sakoku*. Por fim aponta a ausência completa da expansão para o exterior do povo japonês, por culpa da política isolacionista. Afirma que tal política trouxe mais prejuízos do que vantagens ao país.

O prof. Mototsugu Kurita, da Universidade de Nagoya, sustenta opinião eclética, aproveitando as teses dos professores Uchida e Tsuji.

E o prof. Koya Nakamura, autor de *Edo Bakufu Sakoku-shi* (História do País Fechado do Edo Bakufu), estudando exaustivamente as etapas da evolução do *sakoku*, considera-o vantajoso para o Nipon, porquanto evitou a desordem interna em torno da questão religiosa, consolidou os alicerces do xogunato, completou a organização nacional, mantendo uma paz de duzentos anos, que produziu a estruturação cultural e o desenvolvimento da economia doméstica.

O jornalista e escritor Sohô Tokutomi, em sua volumosa obra *Kinsei Nihon Kokumin-shi* (História Pré-Moderna do Povo Japonês), dedica um capítulo ao *sakoku*. Comenta que com o isolamento, o povo japonês tornou-se ignorante do que se passava no mundo exterior. E quando, após a abertura dos portos, pôs a cabeça de fora, a divisão do mundo já havia se definido, não sobrando terreno para a expansão nipônica. Sustenta que essa perda não pode ser compensada por qualquer vantagem conseguida no decorrer da vigência do isolamento.

O prof. Tetsurô Watsuji, no seu livro já mencionado, observa que faltou aos japoneses da época, uma visão mundial própria, pois apesar de se acharem em condições de poder enfrentar uma guerra contra os ibéricos, os samurais não quiseram aceitar a civilização européia. Argumenta que os japoneses já conheciam as grandes inven-

ções técnico-científicas como a bússola, pólvora, imprensa, etc., e por isso poderiam ter acompanhado os europeus no desenvolvimento do mundo moderno.

Entretanto, diversos autores contestam algumas das posições do prof. Watsuji, observando, por exemplo, que Portugal e Espanha não mantiveram a liderança do desenvolvimento técnico-científico da Europa no período correspondente ao isolamento nipônico.

Ao que tudo indica, a questão das vantagens e desvantagens do *sakoku* ainda terá que aguardar muitos estudos e análises baseados em mais provas históricas, para se chegar a uma conclusão definitiva, como declara o prof. Seiichi Iwao.

Legado cultural

O gosto pela cultura *nanban* originou-se na curiosidade acerca de costumes de países ocidentais e um desejo de imitá-los e emulá-los.

Tal gosto não se limitou à influência direta no modo de viver, língua e maneiras resultantes do contato com portugueses e da obra missionária dos sacerdotes cristãos; com o correr do tempo, ele foi canalizado para um profundo interesse intelectual acerca do mundo desconhecido existente fora do Japão. Os missionários, de melhor formação intelectual do que outros europeus, informavam em seus relatórios que forneciam explicações aos japoneses sobre astronomia e geografia, a fim de aumentar a eficácia de sua pregação.

* * *

Todavia, como já sabemos, o primeiro produto da civilização ocidental que imediatamente interessou aos japoneses – mais especificamente aos samurais, que formavam a classe dominante – foi uma prosaica e perigosa arma de fogo, a espingarda.

Não demorou muito, a arma de fogo teve aceitação entusiástica por parte dos barões feudais em guerra constante entre si. E a introdução do mosquete provocou o desenvolvimento da competente tecnologia de sua fabricação e também da produção da pólvora e do chumbo. Porquanto, os chefes guerreiros que começaram comprando

a nova arma dos comerciantes portugueses, lançaram-se a produzi-las em seus territórios. Na produção de armas de guerra clássicas como espadas, arco e flecha, chuço, alabarda, etc., o Yamato tinha uma longa tradição. Em particular, a catana de samurai teve seu método de produção altamente aperfeiçoado desde o período Kamakura (1192-1333), correspondente ao primeiro xogunato da história.

Outros artigos importantes nas relações comerciais com os portugueses, como a seda, ouro e prata já eram conhecidos dos japoneses desde os primeiros séculos da história do país.

* * *

No setor alimentício registrou-se contribuição significativa dos portugueses. Além da carne de vaca de que já falamos, a batata-doce introduzida por eles recebeu o nome de Satsuma-imo, porque se cultivou primeiro no feudo de Satsuma; a abóbora, originária de Camboja recebeu o nome de *kabocha*; a melancia e alguns preparados da farinha de trigo como o pão, bolo, etc., devem a sua introdução aos lusitanos. O vício de fumar – aprendido dos indígenas das Américas – deve sua difusão no Japão aos portugueses.

* * *

Entre os homens abastados, mormente de Kyôto, tornou-se moda usar o vestuário português, tal como sucedeu no período Heian (794-1192), quando os nobres palacianos apreciavam usar roupas chinesas. Existem pinturas do período Momoyama (quando os portugueses freqüentavam as maiores cidades nipônicas), mostrando japoneses passeando com túnicas e calças tipo balão, mantos largos e chapéus de copa alta.

Entrou nos hábitos da "gente de bem" misturar palavras portuguesas nas conversações. Na verdade, o idioma luso era a língua franca no comércio marítimo da Ásia "e assim continuou durante dois séculos", afirma Armando Martins Janeira.

No japonês atual existem termos derivados do português, incorporados ao vocabulário de uso cotidiano. Alguns exemplos: *kappa* - capa, *pan* - pão, *karuta* - carta de baralho, *kasutera* - bolo de Cas-

tela, pão-de-ló, *biidoro* - vidro, *furasuko* - frasco, *jiban* - gibão, *kapitan* - capitão (de navio), *birôdo* - veludo. Temos ainda termos religiosos: *Deosu* - Deus, *bateren* - padre, *iruman* - irmão, *kirishitan* - cristão, *Kirisuto* - Cristo, *amen* - amém, *Êsu* ou *Yesu* - Jesus, *katoriku* - católico, *misa* - missa, *santa* - santa, *Santamaria* - Santa Maria, etc.

Informa Martins Janeira que em Kyûshû – região de maior concentração de cristãos – chegou-se a usar cerca de quatro mil palavras portuguesas, atualmente quase totalmente esquecidas.

A imprensa, levada pelos jesuítas, (a primeira máquina de impressão Guttenberg de letras romanas a entrar no Japão) desempenhou importante papel na impressão de obras ocidentais e algumas nipônicas. Quando Hideyoshi expulsou os missionários de Kyôto, estes instalaram um colégio e uma oficina tipográfica em Amakusa, Kyûshû. Livros europeus foram traduzidos para o japonês coloquial e impressos no alfabeto romano.

A arte de imprimir já existia no Japão. A xilografia era conhecida desde o século VIII, senão antes, e no século X imprimiram-se livros por esse processo.

Tipos móveis de ferro fundido foram inicialmente empregados por coreanos, no século XV, de modo que o seu conhecimento chegou ao Japão, em primeiro lugar, via península coreana e depois da Europa, segundo nos esclarece Sansom. Acrescenta que os nipônicos não aceitaram bem o método tipográfico e voltaram à xilografia. Na tipografia do colégio de Amakusa que funcionou de 1590 a 1614, foram editados livros em idioma japonês, porém, em alfabeto latino, escritos à maneira lusitana. Assim, temos *Heike Monogatari* (História do Clã Taira, um clássico da literatura japonesa) datado de 1590, em cuja capa se lê, além do título, o seguinte: *Nifon no Cotoba to istoria uo Xiran to Fossuru Fito no Tame* (Para aqueles que desejam conhecer a língua e a história do Japão.). Observe-se que o *h* aspirado japonês está grafado com *f*. A história dos Taira aqui está narrada em linguagem popular, coloquial. No Museu Britânico de Londres existe o que parece ser o único exemplar dessa obra.

Foram publicados outros livros como o *Dicitonarium Latino Lusitanicum, ac Japonicum*, igualmente editado em Amakusa, em 1595, e o *Vocabulário da Lingoa de Japam com a Declaração em*

Portuguez (1603), dado a lume em Nagasaki. Essas obras representavam valor inestimável para os estudiosos nipônicos e muitos deles chegaram a dominar razoavelmente bem o idioma de Camões e serviram como intérpretes, juntos às autoridades do país, missões religiosas e nas atividades comerciais e outras relacionadas com os portugueses.

As *Fábulas de Esopo*, traduzidas e impressas em caracteres japoneses pelos missionários em 1593, no Colégio de Amakusa e a versão nipônica, em letras romanas, do *Contemptus Mundi* do escritor místico alemão Thomas Kempis (1380-1471), editado em 1596 e depois impresso em caracteres japoneses, constituem as primeiras obras literárias do Ocidente publicadas no Japão. A Companhia de Jesus editou um total de 27 (29, segundo alguns autores) livros com a sua Guttenberg.

Os jesuítas enviaram muitos relatórios sobre suas atividades à matriz da Companhia em Roma ou às cortes de Lisboa e Madri. Tais relatos constituem importantes documentos históricos, porquanto os padres, alguns deles muito cultos e argutos observadores, descreviam as características da gente do Japão, seus costumes, sua cultura, história, geografia, etc. As *Cartas Annales* são muito citadas por estudiosos da presença portuguesa no Extremo Oriente nos séculos XVI e XVII.

* * *

Um dos lusitanos que mais se aprofundou no estudo do Japão e do seu povo é certamente o padre João Rodrigues (1561-1633). Nascido em Sernancelho, norte de Portugal, faleceu aos 72 anos de idade em Macau. Chegou ao Japão em 1577, com pouco mais de 16 anos de idade. Permaneceu no país durante 33 anos, sendo expulso para Macau em 1610, em virtude das medidas restritivas cada vez mais rigorosas impostas pelo xogunato.

Em mais de três décadas de atividades no Japão, o padre João Rodrigues estudou a fundo a língua japonesa, serviu de intérprete para missionários e mercadores portugueses em atuação ou visita no Japão. Por isso é conhecido como João Rodrigues *Tçuzu (Tsûji*, na

grafia atual), o Intérprete. Esteve em contato com muitas das personalidades mais poderosas da época.

Escreveu várias obras, destacando-se entre elas *História da Igreja do Japão* e *Arte da Lingoa de Japam*. Esta última, estudo gramatical do idioma nipônico, realizado pela primeira vez, na história cultural do país, é considerada a única fonte, na qual se pode conhecer a pronúncia usada naquela época de muitos termos japoneses. Isso porque hoje não se sabe a exata correspondência fonética dos caracteres chineses *(kanji)* usados pelos japoneses da época e que desde então até o presente sofreram alteração na sua leitura japonesa.

O dr. Michael Cooper, inglês e membro da Companhia de Jesus, em seu estudo *This Island of Japon, João Rodrigues Account of 16th Century Japan* demonstra como o jesuíta português não só se familiarizou com aspectos externos da vida e cultura japonesas como também se aprofundou na apreensão e compreensão dos valores morais e estéticos intrínsecos da vida nipônica. Suas descrições bastante abrangentes – etiqueta, construção de casas, festivais, modo de viver, história, etc. – constituem a narração mais competente feita por um europeu do Japão do século XVI e XVII. A descrição da cerimônia do chá, por exemplo, é tida como de extraordinária fidelidade e precisão, lida ainda hoje com deleite e admiração pelos cultores do *cha-no-yu*.

A *História da Igreja do Japão* foi publicada pela primeira vez no Japão em 1978, em tradução completa, pela editora Iwanami. Uma primorosa tradução, com observações e explicações que complementam a obra original. O trabalho de verter para o japonês esteve a cargo de uma seleta equipe de especialistas: professores Yasuhiko Sano, Tadao Doi, Nobuo Hamaguchi, Shuntarô Itô, Minoru Chônan e Mineo Ikegami, contando ainda com a colaboração de muitos peritos em vários campos do conhecimento humano, como história, lingüística, geografia, etc. Trata-se de uma obra trabalhosa, em dois volumes, e cerca de 1.400 páginas no total.

Numa rápida análise da obra sob o ponto de vista do seu valor cultural, o prof. Matsunosuke Nishiyama destaca entre outros aspectos os seguintes:

• Em primeiro lugar, a obra trata da história da igreja católica do Japão, focalizando o trabalho de evangelização do país pela Companhia de Jesus.

• Por isso mesmo, expõe com minúcias os assuntos mais importantes do ponto de vista da difusão do Cristianismo, dando maior ênfase à proteção (aos missionários) ou a conversão de elementos da classe dominante. O próprio João Rodrigues encontrou-se pessoalmente com figuras importantes da época, inclusive Hideyoshi, Ieyasu e Hidetada, achando-se porém quase ausente das páginas do livro pessoas do povo comum.

• Rodrigues viajou duas vezes a Macau e Pequim, realizou estudos *in loco* na China, durante dois anos, tornando-se um bom sinólogo. Em razão disso, em muitos pontos faz a comparação entre a China e o Japão.

• O escritor português interpreta a cultura japonesa como caudatária da chinesa, razão por que começa por falar da China para depois focalizar o Japão.

• Apesar dessa atitude, Rodrigues considera o povo japonês e sua cultura os mais avançados da época na Ásia. E cita exemplos concretos para confirmar essa assertiva.

Havia, certamente, para a Companhia de Jesus, a necessidade de se aliar ao poder ou poderosos para desenvolver suas atividades no país. Por isso retrata até com excessiva minudência os costumes, hábitos, etiqueta, cultura, etc. das classes altas.

* * *

João Rodrigues descreve com conhecimentos seguros, os mais diferentes aspectos da vida japonesa, desde a arquitetura das moradias nipônicas (não há no mundo construção de madeira mais perfeita, afirma em certo trecho), *ikebana* (já havia na época livros dedicados ao assunto e mestres da arte de arranjo floral), o costume japonês de

beber à saúde do comensal, a troca de visitas entre amigos, a função de *koshô* (pajem, serviçal, em geral rapazes escolhidos pela sua beleza e educados para servir nobres e outros visitantes ilustres), etc.

São muito ricas e variadas as narrativas e descrições da vida nipônica, não cabendo aqui sequer citar mesmo por alto todas elas.

O autor observa, por exemplo, que os japoneses se matavam entre si com muita freqüência (lembremo-nos que o país se achava na fase das guerras de unificação, quando Rodrigues escreveu o livro), mas não matavam animais como vaca, cavalo, porco, etc., para comer sua carne, com exceção do javali. Acrescenta, porém, que como resultado do contato com portugueses começaram a comer carne de vaca, de suíno e de galinha.

O padre-historiador comenta que com a atuação de Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu, o Japão sofreu uma grande transformação em sua estrutura social, econômica e política. Nota que os lavradores começaram a se empobrecer e sofrer opressão, enquanto as atividades comerciais se tornavam mais livres e intensas, aumentava a produção de seda, iniciavam-se as viagens dos daimios com grandes séquitos a Edo, (já sob o xogunato Tokugawa), generalizava-se o emprego de telhas na cobertura de casas e faz outras observações interessantes.

Descreve com vivacidade a vida da capital imperial Kyôto, à qual chama de Miaco (Miyako) que significa metrópole; fala do vestuário, então em fase de transição do uso de linho para o de algodão.

Temos aqui apenas uma pálida amostra da riqueza de informações contidas em *História da Igreja do Japão*.

* * *

O padre Luís Fróis (1532-97) merece destaque especial, não só pela sua obra evangelizadora como pelo fato de haver escrito numerosas cartas do Japão e sobretudo pela grande obra *História do Japão*.

Natural de Lisboa, aos 16 anos ingressou na Companhia de Jesus e foi a seguir enviado à Índia. Em Goa obteve informações sobre o Japão que muito o impressionaram. Decidiu pregar a doutrina de Cristo naquele longínquo país onde chegou em 1563. Dedicou-se

com afinco ao trabalho de evangelização nas regiões de Kinki (Kyoto-Osaka) e Kyûshû, estabelecendo relações de amizade com daimios dessas áreas e personalidades influentes da capital, como Nobunaga Oda e Hideyoshi Toyotomi.

A partir de 1583 – portanto com vinte anos de permanência no país – dedicou-se à sua obra prima *História do Japão*. Dizem contemporâneos seus que ele tinha muita vocação literária, escrevia com muita facilidade. O padre Valignano, seu superior, não gostava do seu estilo, que considerava prolixo.

A valiosa obra do sacerdote luso não havia sido editada em forma de livro completo, até que o professor Kiichi Matsuda reuniu os originais manuscritos dispersos em Macau e vários países da Europa e traduziu para o japonês com a colaboração do prof. Momota Kawasaki. Vale a pena ler a introdução de *Nanban-jin no Nippon Hakken* (A Descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul), na qual o prof. Matsuda narra as peripécias para encontrar e reunir as partes dos originais (na verdade cópias dos originais de Fróis, pois estes se perderam num incêndio que destruiu a biblioteca de Macau, onde se achavam guardados, depois de escaparem da destruição no Japão pela fúria da perseguição aos cristãos.).

O livro de Fróis narra com muito realismo os acontecimentos registrados durante sua permanência no Japão de 1563 a 97, ano de falecimento do autor, ocorrido em Nagasaki. Lembremos que esse período corresponde à fase de acontecimentos decisivos à sorte do país, ocorrendo muitas batalhas memoráveis do *Sengoku Jidai* (País em Guerra) e da unificação ou melhor reunificação nacional, a morte violenta de Nobunaga, a ascenção de Hideyoshi ao poder, concluindo a obra de reunificação, cuja consolidação somente se daria no começo do século XVII, com Ieyasu.

Muitos dos fatos históricos ali narrados foram presenciados pelo próprio autor ou sacerdotes e comerciantes portugueses que passaram ou residiam no país na época. Como manteve contatos pessoais com Nobunaga e Hideyoshi e outros próceres feudais, descreve suas personalidades, sua política, seus feitos militares.

A *História do Japão* de Luís Fróis é considerada a obra de maior extensão (sua tradução completa soma doze volumes, com 370 páginas cada, em média) escrita por um indivíduo sobre o período Azu-

chi-Momoyama (ou Oda-Toyotomi) e oferece valiosas informações de primeira mão aos estudiosos da história japonesa. Constitui igualmente precioso documento de referência para o estudo das relações entre Oriente e Ocidente, daquele agitado período, considerado etapa inicial da chamada Era Pré-Moderna (*Kinsei*) na história do Japão.

O castelo de Azuchi foi construído por Nobunaga em 1576, de onde começou a governar o país (com exceção de feudos que ainda se opunham a ele) em fevereiro daquele ano. Tratava-se de um castelo-fortaleza de novo estilo, maior e mais sólido do que as fortalezas japonesas de até então. Era capaz de resistir a balas de mosquetes e projéteis de canhão. Tinha dupla finalidade: servir de fortaleza e sede administrativa do novo governo.

Alguns historiadores dizem que o castelo de Azuchi apresentava em sua arquitetura a influência européia (portuguesa). Situado no monte Azuchi, na margem oriental do belo lago Biwa, perto de Kyôto, teve suas grandes proporções, sua formosura e excelente localização descritas por Luís Fróis e outros sacerdotes católicos. A sua torre *(tenshukaku)* tinha sete pavimentos, as salas foram decoradas com pinturas dos melhores artistas da época como os mestres da escola Kanô. Nobunaga possuía, ainda, rica coleção de ouro e prata, raros objetos da Índia, China e Coréia, aparelhos de chá de rara beleza, etc.

As bases do castelo apresentavam-se bastante amplas, as paredes construídas por meio de hábil empilhamento de enormes pedras e encimadas por uma alta estrutura de madeira, com paredes grossas de barro e reboco. O único meio de chegar ao castelo consistia em atravessar pontes móveis, passando ainda por uma série de caminhos traçados em ziguezague.

As informações de Luís Fróis que teve oportunidade de visitar o castelo-fortaleza, poucos anos depois de sua inauguração, constitui ainda hoje fonte valiosa de consulta para historiadores japoneses e estrangeiros, pela descrição precisa do exterior e interior da grande obra arquitetônica. Fróis acrescenta que Nobunaga mandou abrir uma ampla estrada ligando Kyôto a Azuchi, e que em pouco tempo se formou em redor do castelo uma próspera cidade, com estabelecimentos comerciais (o comércio se tornara mais livre com a aboli-

ção das guildas) e residências de samurais. Como vimos, instalou-se ali, também, um seminário católico.

Outros barões feudais imitaram Nobunaga erigindo castelos-fortalezas em seus domínios.

Infelizmente, com a morte prematura de Nobunaga o castelo caiu em poder do seu assassino Akechi. Na luta de vingança dirigida por Hideyoshi, o castelo-fortaleza de Azuchi sofreu destruição total (1582). Em seu lugar, hoje existe um templo budista consagrado à memória de Nobunaga Oda.

Pelos poucos exemplos aqui citados será possível imaginar a riqueza de dados e informações relativos àquele agitado período da história japonesa, na imortal obra do jesuíta Luís Fróis.

* * *

Falando em obra imortal, registramos aqui uma pequena notícia relacionada a um dos maiores clássicos da antiguidade grega.

Em sua página portuguesa, o *Diário Nippak*, de São Paulo, noticiou recentemente (11-11-87) a encenação da peça teatral intitulada *Yurikawa-daijin no Morikagami* (O Espelho Protetor de Yurikawa-daijin), do genial dramaturgo Monzaemon Chikamatsu (1653-1724). A peça originariamente escrita para o teatro *joruri* ou *bunraku* (marionetes) foi adatada para o *kabuki*.

A história se refere ao regresso e vingança do herói Yurikawa, após haver sido abandonado por seus vassalos numa ilha. Sublinha o jornal que a encenação chamou atenção especial pelo fato de conter pontos em comum com o enredo da famosa epopéia grega *Odisséia* de Homero (século X aC.).

Citando *This Week*, publicação da NHK (a rádio-televisão estatal japonesa), o jornal insinua a possibilidade de haver Chikamatsu ter tido conhecimento da tragédia grega, possivelmente transmitido por portugueses ou espanhóis, durante o período de sua presença no Japão nos séculos XVI e XVII.

Embora careça de confirmação, temos aqui um exemplo da possibilidade de as pesquisas históricas chegarem a descobrir importantes novidades sobre a influência da cultura lusitana (ou européia) na civilização japonesa.

Dos conhecimentos científicos e técnicos levados por portugueses ao Japão, os de maior aceitação e repercussão – além da arma de fogo já focalizada – foram a medicina, a astronomia, arte náutica e de construção naval. A divulgação de conhecimentos científicos ocidentais se processou por intermédio de missionários e navegadores. Estes últimos, cuja permanência nos portos nipônicos, regra geral, não passava de alguns meses, transmitiam seus conhecimentos náuticos aos japoneses que levavam ou viajavam com eles em seus navios.

Os religiosos, principalmente os jesuítas, tinham a preocupação do ensino (como aconteceu também no Brasil). Mantinham uma escola para cada igreja. Por volta de 1583 contavam-se cerca de duzentas escolas, com estimativa de doze mil alunos. O padre Valignano fundou um seminário em Arima e outro em Azuchi, onde se ensinavam japonês, latim, português, história do Japão, literatura, matemática, música, pintura, gravura, além de fundamentos de filosofia e teologia. O objetivo principal era a formação futura de sacerdotes. Entre seus alunos contavam-se filhos de senhores feudais e outros elementos de destaque da sociedade. Os seminários contribuíram para a introdução da ciência e técnicas ocidentais.

Com a proscrição do Cristianismo, todos os estabelecimentos de ensino cristãos foram fechados.

* * *

Cristóvão Ferreira (1580-1652), já nosso conhecido, granjeou má fama em Portugal por causa da sua apostasia, e no Japão celebrizou-se por seus conhecimentos do idioma japonês e por haver servido com proficiência ao xogunato, na campanha de extermínio dos cristãos.

Chegou ao Japão em 1610, na qualidade de missionário jesuíta. Alcançou o posto de vice-provincial da Companhia de Jesus, mas preso e torturado, acabou abandonando sua fé e se converteu ao budismo. E continuou assim a viver no Japão, adotando o nome nipônico de Chûan Sawano. Por exigência das autoridades do *bakufu,* desposou uma viúva japonesa. Aproveitando os seus conhecimentos

do idioma japonês, serviu de intérprete nos interrogatórios de sacerdotes e cristãos detidos.

Ferreira pode ter sido o primeiro intelectual europeu a experimentar um choque cultural profundo, resultante do encontro com uma cultura alienígena avançada – a japonesa. E deve ter compreendido a relatividade da civilização ocidental.

Estudioso, conhecia medicina e astronomia, entre outras ciências da época. Escreveu um livro de medicina *Nanban-ryû Geka Hidensho* (Tradição Secreta da Cirurgia *Nanban*). Entretanto, por causa da proibição da palavra *nanban*, ordenada pelo governo, o livro acabou sendo publicado sob o título de *Oranda Geka Shinan* (Instruções de Cirurgia Holandesa). "Este pormenor mostra que a medicina introduzida pelos portugueses, continuou depois englobada pela medicina trazida pelos holandeses. Os próprios discípulos dos jesuítas e dos franciscanos transmitiam os conhecimentos daquela aos praticantes da medicina holandesa", comenta Armando Martins Janeira, no seu livro. E cita vários japoneses que estudaram medicina com Ferreira.

Opinião semelhante é defendida pelo prof. Shuntarô Itô, da Universidade de Tóquio, num artigo em *The Japan Foundation Newsletter* (maio de 1986) intitulado *The Introduction of Western Cosmology in Seventeenth Century Japan: the Case of Christóvão Ferreira* (1580-1652).

Na verdade, o prof. Itô vai mais longe. Ele demonstra que a ciência e cosmologia ocidental entraram no Japão muito mais cedo do que se acreditava anteriormente. E argumenta que a assimilação anterior de um *approach* empírico e objetivo do estudo da natureza constituiu fator importante na modernização do Japão, geralmente acreditada como tendo se iniciado somente nos meados do século XIX.

Christóvão Ferreira é por muitos considerado mau caráter tanto no Ocidente como no Japão. No entanto, analisada do ponto de vista do intercâmbio cultural entre o Ocidente e o Oriente, a sua obra, introduzindo a ciência européia no Japão do século XVII, foi de valor incalculável. Durante cerca de mil anos, até que os jesuítas trouxessem os conhecimentos da Europa, as idéias dos japoneses a respeito

do mundo estavam moldadas exclusivamente pelos antigos pensamentos chinês e indiano.

Christóvão Ferreira transmitiu de maneira sistemática, os conhecimentos de astronomia, física e medicina. Foi ele quem introduziu a concepção européia de mundo e natureza, essencialmente diferente da oriental, abrindo assim caminho à entrada da civilização ocidental. A apresentação da visão ocidental do mundo e do racionalismo e empirismo, características da ciência ocidental, exerceram considerável influência sobre a evolução da inteligência nipônica. Não há, portanto, exagero na afirmação do prof. Itô de que a adoção da ciência e pensamento ocidentais constituiu um processo contínuo que lançou os alicerces da rápida modernização do Japão dois séculos depois.

Após várias considerações acerca da personalidade e da obra de Christóvão Ferreira relacionada com a modernização da terra dos samurais, o prof. Itô acrescenta que pesquisadores estão começando a compreender que a introdução da ciência ocidental no Japão do século XVII foi de muito maior significação do que se acreditava anteriormente.

Cita como exemplos de importante contribuição de Ferreira, a sua obra *Kenkon Bensetsu* (Céu e Terra, com Comentários), um livro de astronomia escrito em latim, por ele traduzido para o japonês e publicado por volta de 1650. Por meio desse livro, os japoneses tiveram, pela primeira vez, uma visão compreensiva da cosmologia ocidental, totalmente diferente dos conhecimentos tradicionais originários da China e da Índia. Encontravam, ainda, pela primeira vez, uma concepção sistemática da natureza como objeto definido do conhecimento humano. (Na realidade a publicação de *Kenkon Bensetsu* está cercada de peripécias muito interessantes, mas não cabe aqui contá-las.)

Além de explicar a esfericidade da terra – idéia absolutamente nova para os nipônicos da época – *Kenkon Bensetsu* oferece explanação científica dos eclipses solar e lunar, as mudanças na duração do dia e da noite, conforme a estação do ano.

Em poucas palavras, pode-se dizer que a obra de Ferreira marcou época na introdução do pensamento científico ocidental nas terras do velho Yamato. Como bem diz o prof. Itô, escrita no século XVII por

um padre apóstata, a obra pode ser considerada ponto de partida para a modernização do Japão. É sabido que na Restauração Meiji e subseqüente modernização (ocidentalização) do Japão, o racionalismo e empirismo ocidentais serviram de poderosas alavancas da renovação político-social então levada avante pelos estadistas e lideranças populares.

Christóvão Ferreira escreveu ainda *Kengiroku* (Documento que Revela Dúvidas), em 1636, três anos depois da sua apostasia. Esse livro contém contundentes críticas ao Cristianismo.

* * *

Como já vimos, Luís de Almeida (1525-84) antecedeu a Christóvão Ferreira na introdução da medicina ocidental no Japão. Comerciante de Lisboa, era licenciado para exercer a medicina. Veio ao Japão em companhia do missionário Baltasar Gago que fez Almeida ingressar na Companhia de Jesus durante a viagem. No serviço de evangelização, o ex-comerciante exerceu de modo muito profícuo a medicina.

Fundou (1556) em Funai (atual Oita) uma creche onde recolheu grande número de crianças desamparadas e no ano seguinte um hospital. Neste ministrava lições de medicina e preparava seus assistentes japoneses. Medicava com remédios e ervas que mandava vir de Macau, instalando uma farmácia para aviar os medicamentos. Além de tratamento com aplicação de remédios, realizava operaçõs cirúrgicas – as primeiras no Sol Nascente. Vinham doentes de muitas partes do país, inclusive Kyôto e de Kantô (região em torno da atual Tóquio).

Todavia, alguns anos depois da instalação do hospital, a Companhia de Jesus decidiu proibir a prática da medicina pelos seus padres e irmãos. O hospital não foi destruído por causa dessa resolução, mas em conseqüência de combates, então freqüentes no país. Mas os discípulos de Luís de Almeida continuaram a praticar a medicina dos bárbaros (ou povos) do Sul *(Nanban igaku)* e a *Nanban-ryû geka* (cirurgia da escola *nanban)*.

Luís de Almeida passou algum tempo em Macau, retornou ao Japão e faleceu em Amakusa, aos 59 anos de idade.

Dentro de nossos limitados conhecimentos, ignoramos se a medicina européia ensinada por Luís de Almeida teve, de uma ou outra forma, alguma relação com a de Christóvão Ferreira, através dos respectivos discípulos ou outro meio.

* * *

No tocante à geografia, tanto Nobunaga como Hideyoshi e Ieyasu tiveram conhecimento do mundo exterior (isto é, fora a Coréia, China, Índia e alguns países mais próximos do Japão), por intermédio de mapas e globos exibidos pelos europeus. Em uma de suas cartas, Luís Fróis contà que Nobunaga o interrogou durante três horas sobre a geografia da Índia, suas montanhas e castelos, costumes de outros países, etc. O padre Organtino teve oportunidade (1579) de oferecer explicações a Nobunaga, recorrendo a um globo que havia numa sala do castelo de Azuchi.

Hideyoshi, igualmente interessado em conhecer países estrangeiros, recebeu da embaixada juvenil enviada ao Papa em 1582, muitos presentes, entre os quais um exemplar de atlas mundial, de Abrãao Ortelius, composto de 53 mapas.

O *Taikô* ordenou ao famoso pintor Eitoku Kanô (1543-90) um biombo, tendo como tema um desses mapas. Existem diversos biombos com pinturas de mapas semelhantes.

Alguns historiadores consideram ser possível que Hideyoshi tenha concebido a idéia de atacar a Coréia e enviar delegações a Formosa e Filipinas procurando a submissão desses territórios, inspirado em parte nos seus conhecimentos geográficos.

Ieyasu Tokugawa que sucede a Hideyoshi no poder, fundando o xogunato de seu clã, demonstrou vivo interesse pelos conhecimentos geográficos ocidentais, não só estudando os mapas, como também ouvindo estrangeiros. Entre os interlocutores de Ieyasu que falaram de geografia e situação mundial, aparece com destaque especial o inglês William Adams (1564-1620) que, chegado ao Japão como piloto do navio holandês *Liefde*, obteve as boas graças do xogum (antes mesmo de Ieyasu conquistar esse posto), servindo como uma espécie de assessor ou conselheiro para assuntos internacionais.

Em 1630 vieram a lume o primeiro mapa-múndi e a esfera armilar

executados no Japão por Shishitsu Fukada. Quinze anos depois foi publicado em Nagasaki um *Bankoku Sozu* (Mapa Geral do Mundo), baseado em trabalho do jesuíta Matteo Ricci, o grande missionário da China.

* * *

No ano de 1618 é publicado o já citado *Genna Kôkaiki* (Livro de Navegação da Era Genna) de autoria de Kôun Ikeda. Explica o método de medir a latitude pela posição do Sol e do Cruzeiro do Sul, fala do uso da bússola, do quadrante e do astrolábio. O autor aprendeu os conhecimentos de navegação com o capitão Manuel Gonçalves, durante uma viagem a Manila. Esse livro condensa todas as técnicas de navegação dos lusitanos, então as mais avançadas do mundo. Trata entre outros tópicos de: calendário solar, tábuas de longitude e latitude, técnica para a leitura da bússola, medida do quadrante, astrolábio, mapa de navegação entre Nagasaki e Macau, uso da sonda, etc.

O isolamento nacional decretado em 1639 praticamente inutilizou todo esse valioso acervo de conhecimentos, fruto do desenvolvimento da ciência náutica, acumulado desde o começo da Escola de Sagres.

Alguns japoneses esforçados continuaram a estudar a navegação, e os conhecimentos legados por Ikeda foram aproveitados pelas gerações seguintes, embora sem aplicação na navegação de longo curso. Martins Janeira cita o exemplo do livro *Anjin-no Hô* (Método de Navegação), de 1670, de Sadashige Shimaya.

Os nipônicos admiravam as embarcações portuguesas, as maiores das quais chegavam a deslocar duas mil toneladas. Nobunaga chegou a construir um navio couraçado, sob a orientação de técnicos portugueses, uma inovação revolucionária para a época. Parece porém que não chegou a utilizar esse barco de guerra. Hideyoshi, igualmente, queria conseguir navios desse tipo, por intermédio dos portugueses, mas tudo indica que não obteve sucesso na sua tentativa.

Já vimos a grande repercussão que teve a introdução da espingarda, na arte da guerra dos senhores feudais da época, causando inclusive profundas modificações na estrutura dos exércitos (crescimento da importância da infantaria em detrimento da cavalaria até então a arma de elite dos samurais) e até possivelmente na arquitetura dos castelos-fortalezas.

Em fins do século XVI aparece o primeiro livro de artilharia denominado *Inatomi-ryû Kajutsu* (Tratado de Artilharia da Escola Inatomi), escrito por Ichimu (ou Naoie) Inatomi, natural de Tango, um samurai estudioso das armas de fogo. Inatomi serviu a vários barões feudais, inclusive ao daimio do feudo de Owari, parente dos xoguns Tokugawa.

A ciência militar ocidental foi posteriormente desenvolvida com a evolução do *rangaku* (estudos holandeses), como é do conhecimento geral. É bom ressaltar, porém, que foram os portugueses que primeiro lançaram as sementes da ciência militar ocidental, com a introdução das armas de fogo nas terras de Yamato.

Artes

Tal como sucedeu com a ciência ocidental levada ao Japão pelos portugueses, também as artes constituem um campo muito vasto ainda a ser explorado, pesquisado e estudado, porquanto nos parece que também neste campo a real influência lusitana sobre as artes japonesas ainda está por ser desvendada.

Historiadores modernos informam que os missionários introduziram a pintura européia com repercussão na arte pictórica japonesa. Já a escultura religiosa, contrariamente à pintura, não teria deixado maior influência na escultura japonesa (talvez por causa da sistemática destruição das imagens católicas promovida pelo xogunato Tokugawa).

Na verdade, o contato da pintura tradicional nipônica com a européia serviu para introduzir material e técnica de natureza completamente diferente. A arte pictórica levada pelos missionários estava intimamente relacionada à religião cristã. O próprio Francisco Xavier levara ao Japão quadro a óleo da Virgem Maria e de Jesus. A

seguir chegaram ao Japão pinturas para decorar altar de igrejas e outras para o uso de fiéis, cujo número crescia de ano para ano.

Com a instalação de seminários, os portugueses ensinaram a técnica de pintura a óleo e de gravura aos japoneses, que copiavam as figuras religiosas levadas pelos missionários. O padre e pintor italiano Giovanni Niccolo, chegou em 1583 a Nagasaki, juntamente com o vice-provincial Pedro Gomez e o padre Francisco Pasio. Niccolo ensinou a técnica da pintura européia ao seus alunos, contribuiu para criar a chamada pintura *nanban* ou cristã no Japão. Além disso ele teria pintado uma série de telas religiosas, mas parece que nenhuma delas chegou aos nossos dias, destruídas pelas guerras e pela perseguição ao Cristianismo. Dizem historiadores que Niccolo era um homem de muitos talentos, um representante típico da Renascença, ensinou pintura e gravura em madeira a estudantes japoneses em Hachirao, Arima.

Os missionários levavam quadros a óleo de santos. Com a expansão do Cristianismo, as imagens importadas não eram suficientes para atender à demanda e pintores nipônicos começaram a executar reproduções.

Nesse trabalho, registra-se a participação de alguns grandes nomes da pintura japonesa, como Eitoku Kanô (1543-90), mestre da escola Kanô (a mais importante da história do Japão, tendo durado desde os meados do período Muromachi até a era Meiji). Note-se que Eitoku nasceu no mesmo ano em que os primeiros lusitanos desembarcavam em Tanegashima. Ele foi chamado pelo daimio cristão Francisco Sôrin Otomo para pintar vários quadros e decorar com pinturas de estilo ocidental o seu castelo de Usukine, no feudo de Bungo, Kyûshû.

Segundo alguns autores nota-se influência da pintura ocidental na pintura chamada *shôhekiga* ("pintura divisória", pintura decorativa executada em paredes, porta de madeira, biombo, porta corrediça, etc.) que floresceu no período Momoyama. Trata-se de uma pintura evoluída da pintura japonesa (*Yamato-e*) chamada *Yamato-e shôhekiga* do período Heian e da pintura chinesa chamada *Kanga shôhekiga* em voga no período Muromachi. O citado Eitoku Kanô é um dos grandes pintores de *shôhekiga*.

O legado mais importante e bonito da pintura ocidental é repre-

sentado pelos chamados biombos *nanban (nanban-byôbu),* executados por artistas japoneses. Mas a maioria desses pintores não deixou seu nome na história, com exceção de alguns poucos como Eitoku Kanô, Naizen Kanô, Tomonobu Kanô, Motohide Kanô (Escola Kanô).

Armando Martins Janeira, em sua valiosa obra *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa* (Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1970), traz uma bela página descrevendo os *nanban byôbu:*

"– Os mais belos biombos *nanban* foram pintados por mestres das escolas Kanô, Tosa e Sumiyoshi. O tema favorito destas pinturas é a chegada dos portugueses ao Japão. Vêem-se em geral, no primeiro plano o capitão-mor, levado num andor ou sob uma larga umbrela, seguido de jesuítas ou frades, que vêm ao seu encontro. É *nanban gryôretsu,* o cortejo dos bárbaros do Sul. Por vezes há fidalgos que correm em pequenos cavalos árabes, escravos negros que transportam ricos presentes ou simplesmente levam largas umbrelas abertas para proteger os fidalgos do sol, há animais exóticos, como tigres e leões, em jaulas transportadas nos ombros de moços, elefantes, pavões. Há ainda no primeiro plano figuras de portugueses ou japoneses que observam ou que correm. No plano de fundo, do lado esquerdo de quem olha, vê-se a nau negra (a designação japonesa *kurofune* foi depois aplicada aos barcos do comodoro americano Perry) fundeada no mar azul-escuro, na qual sobressaem as grandes velas brancas e as bandeiras, e figuras de marinheiros em grupos no convés ou postados a várias alturas nas gáveas. Em alguns biombos vê-se um pequeno batel aproximar-se da nau. Outros biombos contêm coloridos interiores japoneses, com mulheres ajoelhadas no *tatami*, jogando *go*, e até o interior de uma igreja, encimada por uma cruz, onde se celebra a missa. Algumas vezes, as figuras japonesas são pintadas vestindo fatos indo-portugueses ou trazendo rosários ou cruzes ao peito, à maneira ocidental. O fundo dourado dos biombos dá-lhes riqueza e esplendor, avivado pelo azul do mar e pelo verde dos pinheiros japoneses, cujas ramas sobem em degraus sobre o oiro".

Existem biombos reproduzindo mapas-múndi ou plano das cidades de Roma, Madri, Lisboa e Constantinopla. E uma informação bem curiosa: um biombo do Museu Municipal de Arte Nanban de Kobe mostra um nobre português com seu séquito assistindo a um espetáculo do teatro *noh*.

Um aspecto interessante dos *nanban byôbu* é representado pelo vestuário dos portugueses da época: constitui uma das raras fontes

de estudo da indumentária usada pelos lusos na Ásia, em fins do século XVI e princípios do XVII.

Yoshitomo Okamoto mostra em sua bem ilustrada obra *Nanban Bijutsu* traduzida para o inglês com o título de *The Nanban Art of Japan*, a existência de telas *nanban* nas quais aparecem japoneses vestidos à maneira *nanban*, isto é, portuguesa. Cita exemplos de obras ilustradas como a *Rakuchû Fûzoku-ga* (Pintura de Costumes de Kyôto), atualmente fazendo parte da coleção do Museu Nacional de Tóquio; pintura em que aparecem espectadores de teatro *noh* igualmente vestidos à lusitana, e uma tela retratando uma festa das cerejeiras, onde há japoneses com roupas *nanban*, ambas pertencentes ao Museu Municipal de Arte *Nanban*, de Kobe. Acrescente-se ainda o *Kabuki Sôshi Emaki* (Rolo Ilustrado de Histórias de Kabuki), no qual aparece uma atriz com um crucifixo pendurado no peito.

Até recentemente acreditava-se que se tratavam de retratos de lusitanos integrados na vida japonesa e que compartilhavam de suas diversões. Agora, estudos mais acurados do material original, sugerem que as figuras são de japoneses que haviam adotado o modo *nanban* de vestir.

Entre as pessoas que conheciam Nagasaki havia pintores e outros artistas que ali chegavam por conta própria ou participando de comitivas de daimios ou ricos comerciantes.

Existem indícios de que alguns desses pintores mantinham relações de amizade com portugueses e missionários. Embora não haja nenhuma referência a essas relações nos relatos dos jesuítas, pela composição das telas é possível afirmar que os artistas conheciam as naus lusas de Nagasaki e estavam familiarizados com o interior de igrejas e as atividades dos missionários e outros portugueses.

É de se notar – observa Okamoto – que os navios descritos nas telas *nanban* são estruturalmente idênticos em todos os pormenores às naus portuguesas do século XVI; as roupas do capitão-mor e sua comitiva são precisamente do estilo colonial usual nas Índias Orientais portuguesas da época e que os missionários envergavam o mesmo hábito jesuíta dos dias presentes. Isso demonstra que os pintores haviam observado em Nagasaki, diretamente até os mínimos detalhes, os objetos de sua composição.

As residências dos jesuítas eram normalmente de estilo japonês, mas as igrejas, por necessidade de ater-se à tradição européia, estavam representadas nas telas apenas com pequena influência estílistica japonesa.

* * *

Quanto à mŭsica, sabe-se que os sacerdotes católicos ensinavam canções e hinos religiosos nas escolas dos jesuítas, com letras em latim ou português. Nas procissões os cristãos nipônicos entoavam o Miserere e outros salmos e hinos sacros, e nas cerimônias nas igrejas o cantochão.

Na igreja de Arima ensinava-se música vocal e instrumental. O coro das igrejas cantava música gregoriana e polifônica, com acompanhamento de órgão.

Havia no Japão da época (final do século XVI e começo do XVII) além de órgãos, outros instrumentos europeus como cravo, viola, harpa, violino e alaúde.

Conta-se que os jovens enviados à Europa pelos três daimios cristãos de Kyûshû tocaram órgão na catedral de Évora, Portugal, para espanto de todos os presentes. E no seu regresso ao Japão tocaram harpa, violino e outros instrumentos para Hideyoshi que gostou muito a ponto de fazê-los repetir três vezes.

Martins Janeira comenta ser impossível imaginar até que ponto o primeiro e chocante contato com a música ocidental terá agido na sensibilidade nipônica, porquanto, nota-se hoje um profundo gosto dos japoneses pela música do Ocidente, existindo notáveis compositores e grandes regentes de orquestra.

Da nossa parte acreditamos que mais pesquisas e estudos poderão revelar a extensão da influência portuguesa também nessa área artística. A existência de instrumentos musicais registrada linhas atrás faz supor que não só os jovens da embaixada a Roma, como outros japoneses tiveram oportunidade de aprender a tocá-los.

Um elo com o Brasil

Vimos que os missionários jesuítas – cuja maioria era constituída de portugueses – levaram ao Japão o pensamento português, ou seja o pensamento europeu entendido e assimilado pelos lusos. Muitos missionários, como os padres Francisco Xavier, Valignano, Luís Fróis, João Rodrigues, o irmão Luís Almeida, o apóstata Christóvão Ferreira e outros eram homens cultos, haviam assimilado a essência da cultura ocidental da época, desenvolvida sob o vento revitalizador da Renascença. Conheciam o pensamento científico pragmático e o humanismo então predominantes no mundo intelectual europeu.

Em poucas palavras, o pensamento português difundido no Japão e no Brasil (e outras partes do mundo) estava baseado na neo-escolástica e no humanismo.

A propósito, o prof. Yasuhiko Sano, em sua obra *Porutogaru-Burajiru Bunka e no Sasoi* (Convite à Cultura Luso-Brasileira), observa que o mesmo pensamento português foi difundido (praticamente na mesma época) no Brasil, situado no Extremo Ocidente e no Japão, lá no Extremo Oriente.

Tanto o Japão como o Brasil receberam aquela mesma corrente de pensamento lusitano do século XVI. Existe, portanto, um elo de conexão entre a história do Brasil e a história do Japão.

Os jesuítas instalaram tanto no Japão como no Brasil, sistemas de ensino baseados na orientação de Ignatio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus.

No Japão, depois de um século de atuação proficiente dos missionários, o Cristianismo foi proscrito e com isso o ensino cristão desapareceu. Todavia, a semente da civilização européia havia sido plantada no solo nipônico, como já se expôs.

No Brasil, a igreja católica – que teve nos jesuítas a sua vanguarda missionária – prosseguiu na sua obra educacional séculos afora até os nossos dias.

O prof. Sano sublinha que embora situados em posições mais distantes da Terra, hoje, japoneses e brasileiros – sem falar na valiosa contribuição do imigrante japonês – mantém relações as mais estreitas, iniciadas com o elo comum estabelecido pelos missionários há quatrocentos anos.

BIBLIOGRAFIA

Em português

MARTINS JANEIRA, ARMANDO – *O Impacto Português Sobre a Civilização Japonesa* – Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1970.

PEIXOTO, AFRÂNIO – *História do Brasil* – 2a. edição – Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944.

MORAES, WENCESLAU DE – *Relance da História do Japão* – 2a. edição, Parceria A.M. Pereira Ltda., Lisboa, 1972.

YAMASHIRO, JOSÉ – *Japão Passado e Presente* – 2a. edição – IBRASA, São Paulo, 1986.

YAMASHIRO, JOSÉ – *História da Cultura Japonesa* – IBRASA, São Paulo, 1986.

Em japonês

IWAO, SEIICHI – *Sakoku* (País Fechado) – Volume 14 da coleção *Nippon no Rekishi* (História do Japão), Editora Chuo Koronsha, Tóquio, 1965-67.

WATSUJI, TETSURÔ – *Sakoku – Nippon no Higeki* (Isolamento Nacional – Tragédia do Japão), dois volumes, Editora Iwanami Shoten, Tóquio, 1982.

MATSUDA, KIICHI – *Nanban-jin no Nippon Hakken* (A Descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul) – Editora Chuo Koronsha, Tóquio, 1982.

RODRIGUES TÇUZU, PADRE JOÃO – *Nippon Kyôkai-Shi* (História da Igreja do Japão) – Tradução de Tsutomu Ema, Yasuhiko Sano, Tadao Doi, Nobuo Yamaguchi, Shuntarô Itô, Mineo Ikegami e Minoru Chonan. – Editora Iwanami Shoten, dois volumes, 3a. edição, Tóquio, 1978-79.

ANDO, ZENPATI – *Burajiru-Shi* (História do Brasil) – Editora Iwanami Shoten, Tóquio, 1983.
HIJIKATA, TEIICHI – *Nippon no Kindai Bijutsu* (A Arte Moderna do Japão) – Editora Iwanami Shoten, 4a. impressão, Tóquio, 1972.
TAKAYANAGI, MITSUHISA e TAKEUCHI, RIZO, ORGANIZADORES – *Kadokawa Nippon-Shi Jiten* (Dicionário Histórico Japonês de Kadokawa) – Editora Kadokawa Shoten, Tóquio, 1985.
SANO, YASUHIKO – *Porutogaru-Burajiru Bunka e no Sasoi* (Convite à Cultura Luso-Brasileira) – Editora Dôhôsha – Tóquio, 1a. edição, 1983.
SAKAMOTO, TARÔ (editor) – *Nippon-Shi* (História do Japão), Editora Yamakawa, 8a. edição, 22a. impressão, Tóquio, 1965.
HÔGETSU, KEIGO, FUJIKI, KUNIHIKO E OUTROS – *Nippon-Shi* (História do Japão) – Editora Yamakawa – Tóquio, 1971.
YOSHIDA, KOGORÔ – *Kirishitan Daimiyô* (Daimios Cristãos) – Editora Shibun-dô, reimpressão, Tóquio, 1955.
HOKAMA, SHUZEN – *Okinàwa no Rekishi to Bunka* (História e Cultura de Okinawa) Chuo Koron-sha, Tóquio, 1986.

Em inglês

SANSOM, G.B. – *The Western World and Japan – A Study in the Interaction of European and Asiatic Cultures* – Charles E. Tuttle Company, 2a. impressão, Tóquio, 1977.
SANSOM, GEORGE – *A History of Japan* (3 volumes) – Charle E. Tuttle Company, 2a. impressão, Tóquio, 1977.
SANSOM, G.B. – *Japan a Short Cultural History* – Charles E. Tuttle Company, 4a. impressão, Tóquio, 1976.
COOPER, MICHAEL – *This Island of Japon, João Rodrigues Account of 16th Century Japan* – Kodansha International, Tóquio, 1973.
OKAMOTO, YOSHITOMO – *Nanban Art of Japan* (Nanban Bijutsu) – tradução de Ronald K. Jones, Weatherhill – Heibonsha, Tóquio, 1972.
KERR, GEORGE H. – *Okinawa the History of an Island People* – Charles E. Tuttle Company, 12a. impressão, Tóquio, 1984.
THE JAPAN FOUNDATION – *The Japan Foundation Newsletter* – Vol. XIV, No. 1, Tóquio, maio, 1986.
THE EAST PUBLICATIONS, INC. – *The East,* Vol. XXII, no. 5, Tóquio, setembro de 1986.
LAURES, JOHANNES, S.J. – *The Catholic Church in Japan* – Greenwood Press Publishers, Connecticut, 1970.

Desde então, a aceitação e assimilação do pensamento científico europeu prosseguiram, com a ajuda do *rangaku* (estudos holandeses), no período Edo (1603-1867), apesar da violenta repressão do xogunato Tokugawa contra o Cristianismo. A semente lançada pelos portugueses encontrou solo fértil e depois da reabertura dos portos (fechados à navegação de longo curso desde 1639 e da Restauração Meiji (1868), o Japão percorreu o caminho da modernização (ocidentalização), introduzindo e assimilando com inigualável rapidez os modernos conhecimentos técnico-científicos do Ocidente. Essa rápida assimilação foi possível, porque homens de ciência japoneses já conheciam alguns fundamentos do pensamento ocidental. José Yamashiro, jornalista, autor de *Japão, Passado e Presente* e *História da Cultura Japonesa*, editados pela IBRASA, diz: "Agora existe um vasto campo de pesquisas históricas relacionadas com a contribuição lusa na evolução do pensamento e ciência ocidentais no Japão dos séculos XVI e XVII e posteriores".

Foram eles, os portugueses, os primeiros europeus a introduzir, no século XVI, uma cunha ocidental, representada essencialmente pelo Cristianismo, no rochedo do pensamento japonês, formado pelo amálgama do xintoísmo nativo, budismo indiano e confucionismo chinês. No começo do século XVII, veio a rejeição violenta de tudo quanto tivesse relação com a doutrina cristã. Não só os missionários como também os comerciantes e outros europeus tiveram que abandonar o solo nipônico, diante da implacável repressão. Mas a semente do pensamento ocidental, lançada pelos lusitanos — com a contribuição posterior dos "estudos holandeses" — germinou, floresceu e frutificou depois da Restauração Meiji. A fenomenal pujança econômica e o extraordinário avanço tecnológico do Japão de nossos dias estão intimamente ligados à semeadura da cultura ocidental, pioneiramente realizada, há quatro séculos, pelos portugueses.

9 788534 810685

LIVROS QUE CONSTROEM